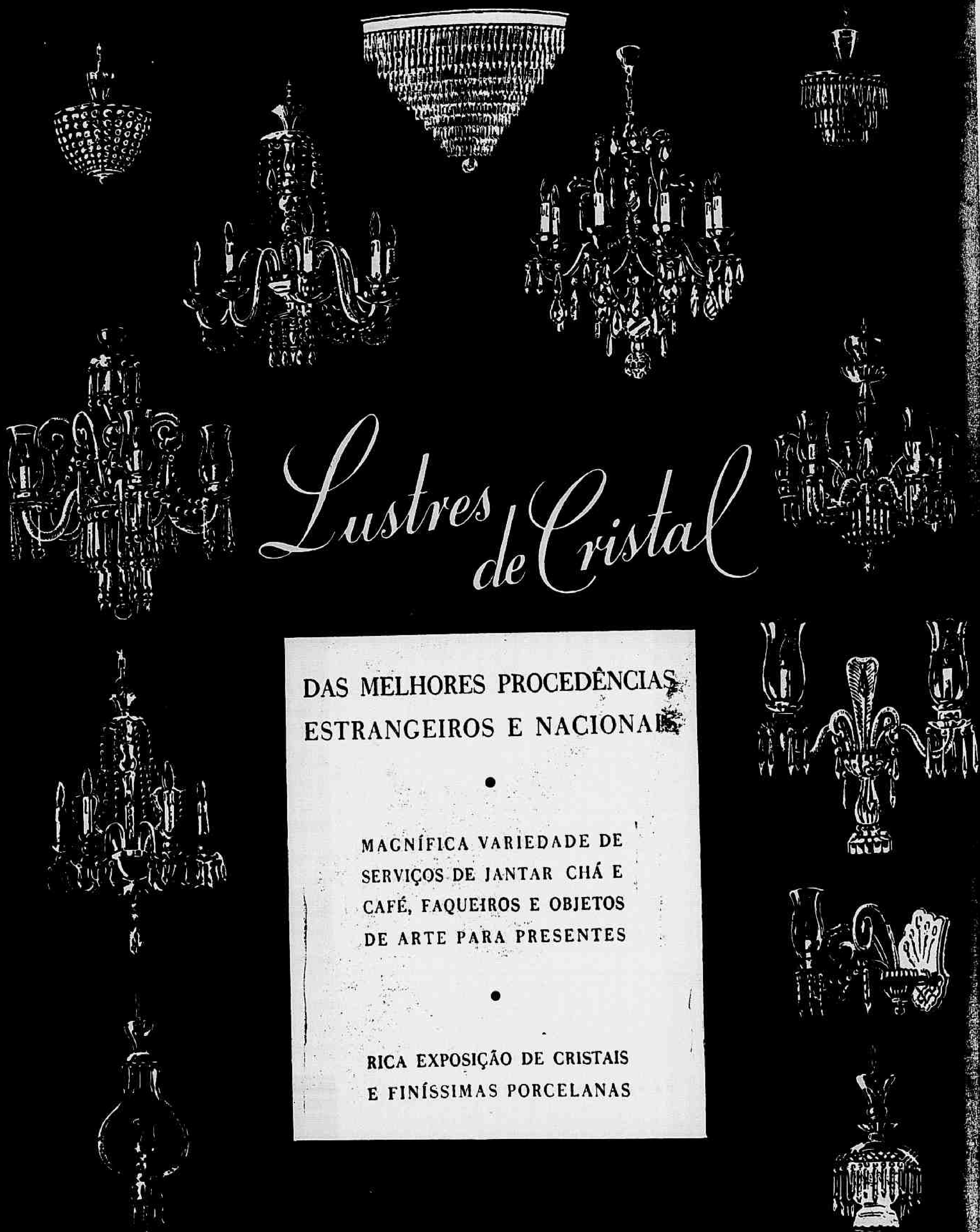
REVISTA DA SEMANA

N.º 2 ★ 12-1-52

CR$ 4,00 EM
TODO O BRASIL



H-88.145


Lustres de Cristal
DAS MELHORES PROCEDÊNCIAS
ESTRANGEIROS E NACIONAIS
MAGNÍFICA VARIEDADE DE
SERVIÇOS DE JANTAR CHÁ E
CAFÉ, FAQUEIROS E OBJETOS
DE ARTE PARA PRESENTES
RICA EXPOSIÇÃO DE CRISTAIS
E FINÍSSIMAS PORCELANAS
CASA CRISTALINO
URUGUAIANA, 35-37

ANO LI ★ N.º 2 REVISTA DA SEMANA 12-1-52



NO NOVO DE YEMANJÁ Na Praia de Botafogo, chegam os primeiros grupos de crentes, às primeiras horas da Noite de São Silvestre. Descalços, acendem as velas espetadas na areia e preparam-se para o ritual: s vão ser espalhadas por sôbre as águas, em holocausto à Mãe d'Água. Gente de tôdas as classes sociais confraterniza na estranha cerimônia a Yemanjá e Oxum.

SARAVÁ RAINHA DO MAR!

O MITO DA MÃE D'ÁGUA TEVE, ÊSTE ANO, A NOITE DE SÃO SILVESTRE, MAIOR NÚMERO DE ADEPTOS ★ REPLETAS AS BARCAS DE NITERÓI ★ FLORES PERFUMADAS, APATOS E MEIAS BRANCAS, E AS LEIS E UMBANDA ★ "SARAVÁ YEMANJÁ"...

DESDE o cair da tarde, no dia 31 de dezembro, começou a formar-se extensa fila de populares, pela rua São José adiante, rumo à Praça Quinze. As barcas de Niterói passaram a trafegar repletas de homens, senhoras e crianças de tôdas as classes sociais, com grandes braçadas de flores — cravos e rosas brancas, angélicas e copos de leite — atadas com fitinhas azuis. A fila foi engrossando à medida que a noite entrava, de tal modo que as barcas que faziam a travessia da Guanabara à meia-noite em ponto, iam abarrotadas. E tôda aquela gente, a maioria calçando meias e sapatos brancos, ia jogando às ondas braçadas de flores, enquanto muitos entoavam as estrofes do ritual de Umbanda:



AS FILAS vão engrossando na rua São José, de populares que vão jogar flores na Baía de Guanabara, de bordo das barcas da Cantareira, à passagem do ano.

DENTRO DA BARCA, levando as flores do ritual, todos se preparam para o momento solene da oferta à Mãe d'Água. Um sorriso de esperança ilumina os rostos.





AMBÉM AS CRIANÇAS levam flores para oferecer Yemanjá, cumprindo promessas dos seus pais.



A BARCA que faz a travessia da baía à meia-noite, é a preferida. As mão empunham ramos de flores, prontos para serem lançados à água no momento exato em que os ponteiros se encontrarem: meia-noite!

do ano.

os rostos.



BORDO, êsse cavalheiro joga as flores de sua cção às águas mansas da Baía de Guanabara.



COMPONENTES de uma tenda espírita de Umbanda preparam-se para a solene cerimônia. Algumas figuras caem em transe no momento culminante da homenagem: Saravá Yemanjá, Rainha do Mar! Saravá Oxum!



PRAIA de Botafogo, a vela acesa e as flores as para serem jogadas na água. Primeiro reza.



CAVIDADES são feitas na areia da praia a fim de proteger as velas do vento que sopra fortemente. Em volta, cada qual faz a sua prece. A concentração é geral. Saravá Oxum, Maleme Oxalá! Saravá!

SARAVÁ RAINHA DO MAR!

Yemanjá, ê ê, ê á
Yemanjá, ê ê, ê á
Minha mãe, Rainha do Mar
Recebe o que vou te dar
Vai um século, vem outro
Recebe o que vou te dar
Squindingue bonitinho
Olê lê
Nas ondas do mar...

E rematavam em côro: Saravá Yemanjá! Saravá Oxum! Maleme, Oxalá, Rainha do Mar!

Ao mesmo tempo, em tôdas as praias da cidade, inclusive a aristocrática de Copacabana, grupos idênticos à maneira de grandes blocos carnavalescos, iam-se aproximando das areias e entravam no mar, sempre carregando flores perfumadas. Outros ficavam na areia fincando tocos de vela que acendiam, e que resistiam, prodigiosamente, à garoa que ia caindo por sôbre a cidade.

A verdade é que nunca a Mãe d'Água foi tão comemorada como êste ano, na noite de São Silvestre. As "rodas" em tôrno do pai de santo, invocando seus "protetores" e entoando seus cânticos, ao ritmo dos "pontos", com o bater sonoro de palmas para evitar que os "cavalos" se desmanchassem, eram vistas em Santa Luzia, na Glória, no Flamengo, em Botafogo, no Leblon e nas praias circunvizinhas dos subúrbios leopoldinenses. Não se pode dizer que apenas gente de morro exercesse êste ano as práticas relacionadas com o mito popular de Yemanjá, porque muita gente procedia dos bairros mais elegantes, misturando-se nas barcas da Cantareira, nas lanchas da Frota Carioca e mais tarde nas praias mais distantes, pondo em prática a sua "simpatia" para começar o Ano Novo sob os melhores auspícios. De pés descalços, muitos trazendo roupas de banho por debaixo dos trajes comuns, homens e mulheres banhavam-se por alguns instantes. E saíam das águas limpando-se com toalhas muito alvas, para novamente calçarem os sapatos e voltarem a casa, depois de feita a última reverência à Mãe d'Água.

Êsse é um ritual que vem adquirindo, de ano para ano, maior número de adeptos no Rio. Outrora, só em praias fora do centro êle era exercido e assim mesmo pelas camadas mais humildes. Mas a última noite de São Silvestre mostrou que o povo se está apegando, fervorosamente, às crendices, às superstições, aos mitos de maiores tradições. Talvez essa predileção sirva por um índice da falta de esperança nos homens.

E até o raiar do sol de 1.º de janeiro, a cidade apresentava aspectos pitorescos. Eram as barcas de Niterói devolvendo a casa os que haviam passado a noite em Jurujuba ou São Gonçalo, eram os que iam agora, de espírito arejado, com o coração cheio de esperança, começar o ano para êles alvissareiro.

Foi um espetáculo original de luzes bruxoleantes, provocadas pelas velas e perfumado pelas flores brancas, o que o Rio êste ano proporcionou, em maior escala, ao observador curioso. Muitos turistas bateram fotografias para divulgação no estrangeiro... E que legendas receberão êsses flagrantes? Eis o que bem gostaríamos de saber.

★

Procuramos ouvir alguns portadores de flores para Yemanjá:

— Não custa nada nem chega a ser um sacrifício esta viagem a Niterói — disse-nos uma amável senhora na fila da rua São José. Vim pela primeira vez há cinco anos e tomei gôsto. Depois, pelo ano adiante, vejo que muitas de minhas pequenas aspirações se realizam e fico satisfeita... Na noite de São Silvestre imediata, não posso faltar... E aqui estou com o meu ramo de lírios como vê!

Outra senhora, já idosa, fêz-nos uma confidência:

— Para falar com franqueza, é a primeira vez que me faço submeter a esta prova. Tenho as minhas convicções mas confesso que estou cansadíssima... Trabalhei em casa o dia inteiro, deixei a ceia preparada para o marido e os filhos — e não sei a que horas estarei de volta...

— Está sòzinha?

— Nem meu marido nem meus filhos quiseram fazer-me companhia. Não faz mal, pedirei à Mãe d'Água por êles...

Agora era uma amável senhorita, de pele morena e olhos muito vivos, que suspirava:

— O sacrifício é grande, o dinheiro gasto nestas flores é poupado porque não tenho muitos recursos e tive ainda de comprar sapatos e meias brancas. Mas não faz mal, Yemanjá merece isso e muito mais. A compensação virá nos doze meses seguintes...

— Costuma ver os seus sonhos realizados?

— Prodigiosamente! Imagine que eu estava noiva há quatro anos, o rapaz não atava nem desatava... até que desta vez...

— Marcou a data do casamento!

— Não foi bem isso. Mas resolveu-se a dar o sinal para a compra de um apartamento que já está sendo construído... Deve ficar pronto dentro de dois anos...

— E o casamento?

— Bem, o casamento só depois, porque lá diz o ditado: quem casa...

— Quer apartamento!

— Salvo quando se pode ficar morando em casa de papai — porque sogra não vai comigo, embora a minha seja um amor de simpatia!

ESTAS PREFERIRAM levar as flores até bem longe da praia, aproveitando seus conhecimentos de natação. Os "maillots" eram vestidos sob as roupas comuns; despiram-se na areia e rumaram para o mar em trevas... Enquanto na praia, outras, mais prudentes, limitavam-se a olhar, rezando. E protegem a cabeça contra a chuva que começa a cair



DISCIPULO PREDILETO...



VITAL — Mas eu é que devo dar cabo dos TUBARÕES?!

GETÚLIO — Você não acabou com as PIRANHAS DA COLIGAÇÃO?

VITAL — Aquilo não era própriamente um cardume de piranhas; era um balaio de CARANGUEJOS...

Sumário

REPORTAGENS

Saravá Rainha do Mar!	3/6
O Drama de Papai Noel (Domingos de Lucca Júnior)	10/13
O Fluminense comprou um "bonde" (Levy Kleiman)	14/17
A 3ª Guerra Mundial	19/21
Na posse de um prefeito em Londres	27/31

LITERATURA

A Última Risada (Geo William)	18
A Moeda (Romeu M. Cabral)	26
A Senhora Neigeon (Emile Zola)	34/35
Semana Literária (Edmundo Lys)	50/51

ROMANCE

A Insatisfeita (Irene Templey Bailey)	22/23

SEÇÕES PERMANENTES

A semana em Revista	8/9
Personagem da Semana	9
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	44
Puxe pelo Cérebro	48
Palavras Cruzadas	49
Tudo isto aconteceu	52/53
A REVISTA há 50 anos	58

FOLHETINS

Aventuras do Capitão Rob	24/25
Um verdadeiro amor	38

FEMININAS

Juvenis (Ramon)	36/37
Para o "cocktail"	40/41
A silhueta para 52	42/43
Week-End na Cozinha	45

CINEMA

Novas e veteranas para 52	32/33
Amanhã é muito tarde (Cine-Novela)	46/47

HUMORISMO

Discípulo Predileto (Théo)	7
Êste mundo e o outro (Darcy)	55

CURIOSIDADE

Pequena História do Box (Dudley Lister)	56/57

ILUSTRAÇÕES

M. Queiroz — Gil Ribeiro — Rafael.

FOTOS

Newton Viana — José Santos — Dario Terini — Keystone — Arquivo — Avulsas.



NA CAPA:

Gene Tierney
(20th. C. Fox)

A Semana

Águas curativas

O Conselho Nacional de Petróleo não se cansa de perfurar o subsolo baiano à procura de mais horizontes de "ouro-negro". O mundo tem fome de petróleo, e o Brasil também. Mas, recentemente, sucedeu esta surprêsa no município de Tucano, Estado da Bahia. Ao atingir a sonda uma profundidade de seiscentos metros, em lugar de jorrar petróleo, sairam jactos de água quente, como se houvesse a sonda perfurado o bôjo de alguma panela a ferver lá pelo âmago da terra. Noutros tempos, isso era milagre, ou não faltaria quem pensasse que os caldeirões do inferno foram atingidos. E quem se atraveria a usar de água de Belzebut? Mas hoje todo mundo sabe que uma água dessas possui maravilhosas qualidades terapêuticas, e todo mundo corre para tomar banhos ou fazer suas abluções matinais a fim de tirar da pele as mazelas da humanidade rabujenta. E foi o que sucedeu em Tucano. O engenheiro-chefe, diante daque esguicho fumegante, compreendeu logo que a sonda havia dado numa corren de água termal. Mandou revestir de cimento o poço e a notícia se espalho chegando ao conhecimento da imprensa de Salvador e das autoridades mun cipais e estaduais. O coletor federal de Tucano, Sr. Demóstenes Martins, s encarregou de divulgar os efeitos maravilhosos da água, e o local começ a receber gente, todo mundo interessado em ver os milagres do "Poço d Tôrre", como ficou logo batizada a fonte térmica. Todo aquêle que era portad de eczemas, bastava banhar umas três vêzes, e ficava curado. Uma senho do Rio expeliu um cálculo da vesícula, pesando 17 gramas. E o Poço d Tôrre já está com sua reputação firmada. Parabéns aos que sofrem, porq êles serão curados.



O salário mínimo



ESTÁ o Brasil com um novo salár mínimo. E' êle agora de Cr$ 1.200, mensais, no Rio, variando até abai de quinhentos cruzeiros em outras part dêste Brasil imenso e por descobri Muita gente está contente com o a mento; mas, se meditar um pouco, v rificará que êsse regime de aumento salário é apenas um engôdo. Quem m paga salário mínimo? A indústria e comércio. O industrial, diante do a mento a pagar aos seus operários, fat mente há de majorar os preços das u lidades fabricadas, pois é evidente q nenhum dono de fábrica vai tirar seus lucros o "quantum" de que pre sará, de ora em diante, para fazer fa ao vultoso acréscimo de despesas co os salários. Aumentando o preço de se artigos, terá que forçar o comprador talista a aumentar também os mesm artigos; mas, já êste não aumenta proporção do anterior, e sim, muito mais. Ganância? Não. Defesa. O f bricante aumentou o preço por causa do salário mínimo; o comerciante a mentará porque o fabricante majorou e porque também terá que pagar a lário mínimo mais alto. Então todo o pêso dêsses aumentos em séries vai s depositado no lombo do consumidor, dêsse consumidor que é o próprio "b neficiado" pelo salário mínimo! Estamos diante de problemas muito m sérios do que à primeira vista parece. E, segundo a palavra do Govêrno, preciso aumentar, de três em três anos o salário mínimo! Isto quer dizer q os poderes públicos não encontram meios de diminuir o custo da vida, q continuará a subir... subir... subir...

Parques infantis

O Prefeito carioca deu às crianças do Rio excelente presente de Natal neste fim de ano de 1951: parques infantis em número de cem. Uns, mais modestos, outros dotados de maior número de instalações para diversão própria da infância, os parques espalhados por todo o Distrito Federal encheram de alegria a criançada. A distribuição dêsse veiculo de brincar obedeceu ao critério dos espaços disponiveis. Assim, se no Russell há terreno que dá até para a instalação de um circo, em certo recanto da Av. Beira-Mar, o espaço é exiguo que não dá margem para armar uma barraca de feira. Em tais casos, pois, a Prefeitura colocou apenas uma gangorrinha e uns balanços. As crianças que moram em edificios de apartamentos se vêem impossibilitadas de brincar ao ar-livre; mas, com as instalações dêsses parques infantis, a que os eruditos costumam dar o nome de "play-grounds", terão êsses pobres e tristes entes vida confinada e amarga o direito de brincar para não se esquecerem de ainda são crianças. Uma coisa, porém, já está sucedendo, e, para a mes chamamos a atenção da Prefeitura: êsses parques devem ser "propriedad de crianças e não de malandros. Durante os festejos de Natal tivemos op tunidade de observar o que se passava em vários dêles, de Copacabana Méier, e vimos esta coisa absurda: rapagões a balançar-se em companhia outros, preterindo as crianças, que os olhavam de longe, com inveja daqu presentes de Papai Noel. E noutros parques, os mais sórdidos moleques m nopolizaram as instalações, muitos dêles deitados de papo p'ro ar como estivessem na casa da sogra. Do jeito em que vai, não escapará um parque



Em Revista

Não haverá mais sêca



O engenheiro francês Jules Villet acaba de descobrir processo muito mais barato e mais fácil de fazer chover, do que aquêle de que lança mão o seu colega Janot Pacheco. O processo Villet é simples: alguns foguetes fabricados à base de iodeto de prata e material radioativo, enviados às nuvens, fazem com que a atmosfera trema de mêdo e se derreta todinha em água suficiente para matar a sêde de Ribeirão das Lajes. O dr. Janot usa outro meio: sobe em avião até aonde estão os cúmulus carregados de vapor em suspensão e bombardeia-os valentemente com tiros de gêlo sêco. As nuvens então recebem aquêle ingrediente e se abrem como por milagre. Mas, êste processo é muito dispendioso, e exige uma frota de aviões capazes de subir até às nuvens. O Govêrno Federal poderia mandar organizar uma verba especial para isso; mas, cadê verba? Um zendeiro, por sua vez, mesmo que se unisse a algum vizinho, não estaria n condições de contratar o gêlo sêco do engenheiro Janot, uma vez que, no nal das contas, o custo do bombardeio às nuvens ficaria mais caro do que morte de seu gado e a destruição de suas lavouras por falta de chuva. esgraça por desgraça, chega mesmo a da terra. Queira Deus que os nossos manda-chuvas" encontrem processo mais ao alcance dos flagelados, pois, esmo a prestação, sem entrada e sem fiador, a coisa ainda é muito pesada. as o dr. Villet confia na eficiência dos seus foguetes. Se a moda pegar, de aneira que seja possivel fabricar em série, só faltará chuva se não houver go para soltar os foguetes...

Manteiga da Europa



BOA noticia aos cariocas na semana antes do Natal: o SAPS ia vender nteiga da Holanda e da Noruega a cruzeiros o quilo. Diante disso, já o havia mais razão para o milagre de rreto Pinto, vendendo manteiga no rgo da Carioca a quarenta cruzeiros. manteiga de Barreto Pinto vinha de nas, ali, como quem diz a esticar o ço inferior. A da Europa vem do ro lado do mundo, além da linha inocial, de paragens longinquas, atrasando os mares, sujeita a uma série contratempos. O povo exultou, ema nem só de manteiga viva um rtal. As festas de fim de ano, porém, somem muita manteiga, e não se pode seguir bolos e quitutes de Festas comndo-se manteiga a setenta cruzeiros, or muito favor do retalhista. No dia venda do produto europeu nas baras do SAPS, o povo se aglomerou a ver o fenômeno. Mas se deu êste inesperado, capaz de desorientar clero, reza e povo: a manteiga, embora da Holanda, não podia ser vendida a ou 22 cruzeiros, e sim a quarenta! Houve reação da clientela e, segundo em, certas pessoas se revoltaram e ameaçaram depredar as barracas do PS. Mas as barracas não têm culpa. A quem cabe a responsabilidade dêsse ro? As autoridades Municipais explicaram que a manteiga européia não lia ser vendida ao preço imaginado, isto é, de 20 a 22 cruzeiros o quilo, que a Alfândega fêz finca-pé e não cedeu uma linha em matéria de imtos de importação. Por êsse motivo, o preço teria que ser mesmo aquêle: cruzeiros. Papai Noel errou o caminho desta terra...

A Sra. Dra. Miquilina



ART. 1º — Fica o Prefeito do Distrito Federal autorizado a criar o Serviço Municipal do Trabalho Doméstico, com as finalidades previstas na lei. Art. 2º — O S.M.T.D. atuará como organismo para aumentar o número de pessoas dedicadas ao serviço doméstico, elevando e melhorando sua situação, sua capacidade e eficiência, assim como para proceder a investigações e ao estudo de tôdas as questões relativas à oferta e a procura do trabalho doméstico. Art. 3º — O S.M.T.D. promoverá a realização de cursos intensivos de preparação de trabalhadores domésticos, visando: a) seleção moral; b) formação profissional; c) instrução básica. Parágrafo único: O S.M.T.D. expedirá aos que tenham concluido os cursos, carta de habilitação da respectiva especialidade. Art. 4º — Funcionarão nos locais onde forem ministrados os cursos do S.M.T.D. agências de prêgo, destinadas a aproximar as ofertas e procuras de trabalho domés. Art. 5: — Junto ao S.M.T.D. funcionará um Conselho Consultivo de membros de livre designação do Prefeito do Distrito Federal. Parágrafo co: Nenhuma remuneração será paga aos membros do Conselho Consultivo cooperação será considerada, entretanto, como serviço para a Municipade. Art. 6º — A presente lei será regulamentada por decreto do chefe do cutivo Municipal. Art. 7º — Revogam-se as disposições em contrário. to bem. O serviço de empregadas domésticas é muito irregular no Dis Federal. Agora, com os diplomas em "quitutes e caçarolas". as Miquis vão ficar por cima da carne sêca. Já não serão mais criadas. Serão tôras.

A PERSONAGEM DA SEMANA



MEIA-NOITE de 1951. Por todo o mundo, os povos erguem suas taças, tilintam os cristais, repicam os sinos, apitam os navios, silvam as fábricas, buzinam os automóveis, há cânticos nos ares. E' que morre um ano e surge um Novo, entre as esperanças de tôda a humanidade. Festejemos, pois, nesta coluna, a nova personagem da semana, o pequenino 1952. Nasce o Ano Novo entre as mais sombrias preocupações internacionais; surge 1952, entre esperanças de todo o povo brasileiro em melhores dias. Que nos trará êle? O sempre crescente aumento do custo da vida? Progresso generalizado em nossas indústrias, em nossas vias de comunicações, em mais confôrto para o nosso povo? Não sejamos pessimistas: embora nada se tenha ainda consolidado em matéria de administração pública no âmbito federal, não desesperemos da sorte do Bem, e confiemos na capacidade de nossos dirigentes máximos. Os povos, no momento presente, já têm mais esclarecimentos políticos. E êsse estado de compreensão atinge os governantes, advertindo-os em tempo. 1951 se fêz sempre lembrado pelo seu cortejo de complicações de tôda ordem; mas não chegou a desesperar o nosso povo. 1952, trazendo nos cueiros todo um acervo de experiências do passado, poderá muito bem deixar-nos saudades, quando, daqui a 366 dias, entregar o bastão do caminhante eterno nas mãos ainda vacilantes de 1953. E queira Deus que êste ano que desponta ao escrevermos estas linhas, desminta a tradição que sempre foi hostil aos anos bissextos. 1952 será um dêles, com o seu mês de fevereiro com vinte e nove dias. Mas que culpa têm os anos bissextos de se apresentarem com um dia a mais? Os culpados são os matemáticos organizadores de calendários. Tenhamos fé e colaboremos, mãos dadas, corações no alto, ajudando o Brasil.

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando pêso e dôr de cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gôsto na bôca, indigestão, muita sêde, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, lingua suja, mau hálito, certas coceiras e erupções na pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar êstes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substancias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

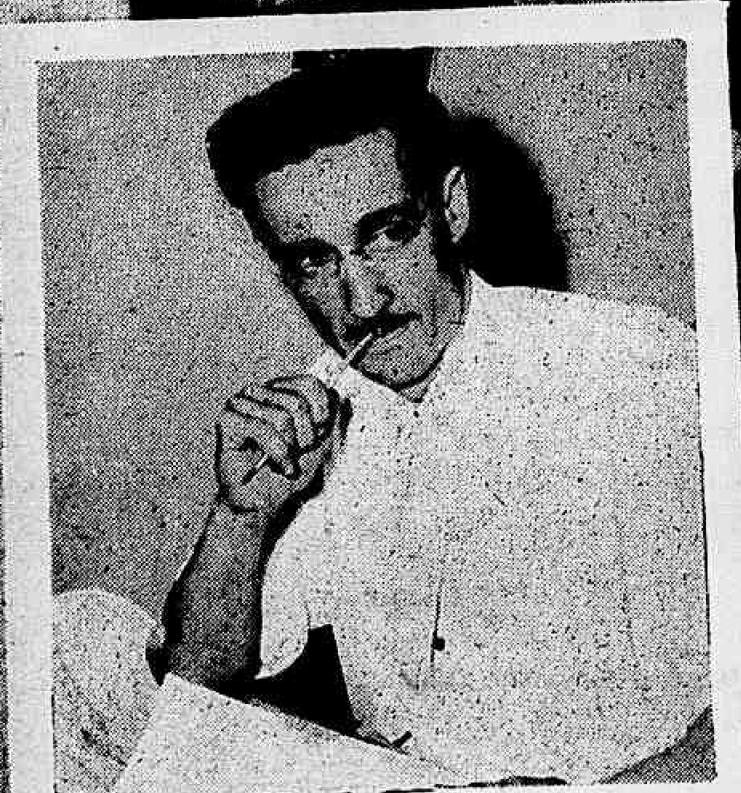
Use Ventre-Livre

* * *

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre



"VINDE A MIM OS PEQUENINOS!" — Foi Jesus quem falou assim; e Papai Noel, encarnando-O, acarinha òrfãozinhos que não têm lar. Em baixo, Papai Noel sem barbas...

O DRAMA DE PAPAI NOEL

INVASÃO DE PAPAIS NOEL EM S. PAULO

CADA "EXEMPLAR" GANHA CR$ 30,00 POR DIA ★ AO QUE OBRIGA A NECESSIDADE ★ UM EMPRÊGO QUE CAIU DO CÉU ★ FILANTROPIA E AMOR AO PRÓXIMO, NAS FESTAS DE NATAL ★ PAPAI NOEL SURGIU NO TELHADO E PRESENTEOU TODOS OS PEQUENOS ÓRFÃOS ★ "MAS QUE CAMARADA BOM!..." ★ O VELHINHO DOS PRESENTES E SEU DRAMA

Texto de DOMINGOS DE LUCCA JÚNIOR ★ Fotos de DARIO TERINI



COMO SE VIESSE do nada, surge o esperado velhinho para dar alegria aos internados de um asilo!



São Paulo — dezembro.

UMA centena ou mais de Papais Noel invadiram a cidade, êste ano, constituindo um espetáculo quase inédito para a petizada paulista que, a cada passo, topava com o bondoso velhinho. Os pequenos se adiantavam, temerosos ou resolutos, a fim de fazerem seus pedidos ao dono da maior fábrica de brinquedos do mundo.

Não percebiam, os pequeninos inocentes, que os diferentes Papais Noel com quem palestravam pediam esmolas, ao invés de as afertarem. A cidade tingiu-se com o sangue das túnicas e das calças dos velhinhos das noites de Natal, que incansàvelmente, percorriam o centro e os bairros à cata de donativos, que proporcionassem um Natal melhor ás crianças órfãs e indigentes, internadas nos diversos sanatórios e asilos do Estado.

DESAPONTAMENTO

Uma quinzena antes do dia comemorativo ao nascimento de Jesus, o paulistano desfilava à frente dos velhotes sorridentes, depositando, em suas sacolas de lona, óbulos destinados a alegrar pequerruchos órfãos ou doentes.

As vitrinas vestiram-se, para as festas, mas seus preços desapontaram a todos quantos vivem de salários e cujos abonos são apenas o sonho do ano inteiro.

Todavia, às crianças, nada interessava e elas deleitavam-se em tocar as vestes de Papai Noel ou em fazer perguntas aos pais, muitas das vêzes embaraçosas, como a daquela robusta menina que interpelou mamãe pedindo explicações sôbre a magreza do homenzinho vestido de rubro. — "Mas é tão magro, mamãe... — fêz a menina. — Será que Papai Noel estêve doente ou aquêle é filho dêle?"

O DRAMA DE PAPAI NOEL

Quando Papai Noel passou a ser o ponto de referência das crianças, nas noites de Natal, era um ancião alegre, rechonchudo, de faces coradas e viajava, pelas nuvens, em um belíssimo trenó, puxado por esbeltas alces.

Hoje, com a desintegração do átomo, a eletrificação das ferrovias, a construção de motores a jato, Papai Noel mudou muito. Em S. Paulo, durante os dias que precederam as festividades máximas da vida cristã, êle viajou a pé, de lotação, de ônibus e até nos estribos dos bondes.

Centenas de homens sem emprêgo, muitos recém-chegados do interior, outros em fases amargas da vida, às portas do Natal, descobriram novo emprêgo. Não se tratava de nada permanente, mas seria um modo de minorar a fome de seus filhos que, de ano para ano, iam gostando menos de Papai Noel, sob a alegação de que êle só presenteava as crianças ricas.

Homens de tôdas as idades, crenças religiosas e côres, enganjaram-se em casas comerciais, para fazer propaganda, ou em entidades caritativas, a fim de colher donativos.

Quase todos eram pais de família. Muitas vêzes, no coração, sentiam o amargor da realidade, pensando no Natal, nos belíssimos pinheiros que enfeitariam outras casas, nas rizadas cristalinas das crianças felizes e no tilintar de brilhantes taças de champanha. Mesmo assim, atendiam ás crianças, sempre sorridentes. Sorridentes porque suas máscaras eram o eterno sorriso da felicidade, enquanto as faces contorciam-se, por detrás da tela quente, fazendo os cálculos das contas a pagar no dia 31.

COM O AUXÍLIO de um terceiro, Papai Noel desce o seu fabuloso saco de brinquedos pelo telhado.



O PAPAI NOEL de dois metros e o "perna-de-pau" fizeram furor em São Paulo. Aproveitando a aglomeração, outro Papai Noel, mais mirradinho, procura obter esmolas para encher de alegria o Natal das criancinhas tuberculosas. E mais de uma centena de Papais Noel foram vistos pelos "boulevards" da terra paulistana.



DO SEU TRONO, êle satisfazia a todos, distribuindo brinquedos que não lembrassem armas de guerra.



DOENTES e sãos tiveram sua lembrança, porque "to dos são iguais perante Deus" — diz Papai Noel.



LÁZARO Pedro Matias, um Papai Noel que pede presentes para dar às criancinhas tuberculosas.

...INVASÃO DE PAPAIS NOEL...



...EMOÇÕES nem problemas, êste Papai Noel ...ânico limita-se a "dizer que sim", com a cabeça!

TODOS DIFERENTES

...a véspera de Natal e aquêle Papai Noel de um me... sessenta de altura, de sapatos de borracha e mãos lisas, ... chamou a atenção. Estava postado na Rua Direita ...o, no peito e nas costas, dísticos de um sanatório ...crianças tuberculosas.

...u nome? Lazaro Mathias. Tem 22 anos de idade e ...a passando uma fase crítica de sua existência, pois ...i e seu petiz, recém-nascido, carecia de cuidados mé... Dias a fio, saía pela manhã à procura de emprêgo ...ltava, à noitinha, com as mãos abanando.

...a fim de ano e os patrões estavam mais atarefados ... os balanços e as vendas do que com a aquisição de mais ...egados. Mas Lazaro precisava de dinheiro e, um belo ... surgiu em casa com um embrulho. Eram as vestes de ...i Noel. Dessa forma, conseguiu algum dinheiro, para ...rar alimentos para si e para a espôsa, bem como re...ios para o pequerrucho. Interpelado pelo repórter, La... limitou-se a responder: "Posso-lhe dizer apenas uma ...". Estava em má situação e êste serviço foi uma ... na roda".

... Quanto ganha?

...Dez por cento das esmolas arrecadadas. Não dá muito, ... é melhor do que nada...

PAPAI NOEL E' POCEIRO

...rcorreu a cidade uma dupla "sui generais". Um enor... Papai Noel, de dois metros de altura, e um "perna ...au", para quem convergiam tôdas as atenções dos pas...s.

... gigantesco Papai Noel de madeira e pano era Rubens ...s Tavares, crioulo simpático, que é poceiro profissio-

(Cont. na pág. 18)



COM A ANSIEDADE estampada nas faces, os garotos vão fazendo seus pedidos ao velhinho dos brinquedos!



...MO à noite, em muitos lugares, Papai Noel tra...ou e deu presentes. Aqui, êle deu alimentos...



PAPAI NOEL sem barbas, do Exército da Salvação, pede para os pobres. Um japonês dá a sua esmola.



RUBENS Alves Tavares (Papai Noel de 2 metros de altura), ganhou para dar uma boneca à filhinha.

...a obter ...listana.

...e pede ...culosas.



CARLYLE, o mineiro que veio tentar a fama no Rio, e foi considerado pela "torcida" do Fluminense com um verdadeiro "bonde", isto é, um "crack" de qualidade inferior.





O CENTRO-AVANTE mineiro hoje é um verdadeiro ídolo da torcida tricolor, o recordista de goals do campeonato carioca de futebol de 1951. Ao lado, ei-lo quando era ainda uma grande promessa, na seleção da C. B. D.

O FLUMINENSE COMPROU UM BONDE!

CARLYLE PASSOU DE "VIGARISTA" A "RECORDISTA DE GOALS" ★ UMA ENTREVISTA DE RESPOSTAS MONOSSILÁBICAS ★ EM VEZ DE UM ENGENHEIRO, UM CONSTRUTOR DE VITÓRIAS ★ CASOS GOZADOS DO CENTRO-AVANTE MINEIRO

Reportagem de LEVY KLEIMAN
Fotografias de JOSÉ SANTOS

Fluminense comprou um bonde! — exclamaram irritados dezenas de adeptos do aris-tico clube das Laranjeiras, quando viram , na temporada passada, o jogador que tem me de um grande escritor inglês, Carlyle. contrário da lenda de que um mineiro com- um bonde, o bom-humor do torcida carioca formara o atacante mineiro num autêntico bonde. Inverteram-se os papéis, mas "bonde", futebolìsticamente falando-se, quer dizer jogador medíocre, sem recursos, um autêntico conto do vigário.

As atuações de Carlyle na temporada passada, quando o Fluminense teve também uma atuação apagada no campeonato, foram discretíssimas, a ponto da social do Fluminense numa partida pedir



RIMEIROS tempos, no Fluminense, já mostrava as suas grandes qualidades lheiro, apesar de não se ajustar ao time. Ei-lo numa bicicleta contra Barbosa.



HOMEM-RÊDE foi o apelido que lhe deu Oduvaldo Cozzi, justamente porque foi o recordista de goals do seu time. Aqui, numa arrancada contra o Madureira.



CIRCULAM nas Laranjeiras muitas piadas da autoria de Carlyle, com aquêle seu espírito de mineirão. Ei-lo contando a "última" ao fígaro dos "cracks" tricolores.



CARLYLE, artilheiro-mor do Atlético Mineiro, ao qual deve a sua projeção no futebol nac

em côro, com gritos de fora, fora, a sua re do time.

Em futebol os fatos invertem-se de tal ma a paixão cega e anuvia tão depressa, que s poderá ser aplicada aquela frase que se popular: "A mão que apedreja, é a mão qu ricia", que a torcida do Fluminense, depo tanta grita, passou de uma hora para outra sagrar um "crack", que se não tinha outra tudes, se possuía muitos defeitos, pelo menos cava "goals", e com tal sucessão, que pas ocupar, de saída, a liderança dos marcador tentos do campeonato de 51, tanto que, até núltima etapa do certame, tinha assinalad total de 23 "goals", credenciando-se como tilheiro-mor.

O engraçado é que os torcedores de outros quando Carlyle deixou de marcar o seu "goa

(Cont. na p



FORMOU, ao lado de Lero, um duo de meias que fêz sucesso no futebol montanhês. Ambos vieram para o Rio, mas Lero fracassou no Flamengo, e voltou



CARLYLE, no Fluminense, foi ser centro-avante, bem servido por dois meias, Didi e Orlando, que lhe preparam o caminho para as rêdes adv



ATAQUE arrazador o que o Fluminense arranjou para 1951. Todos os cinco, Telê, Orlando, Carlyle, Didi e Joel, chutam bem em goal. Os dois extremas são ...nhos, o meia direita é um veterano, o centro-avante também é um veterano e o meia esquerda, uma verdadeira revelação. Carlyle é o comandante do time.



...YLE gosta muito de andar de automóvel, e adora a praia, mas é também ...por um "cartaz", e por isso deixa-se fotografar, até mesmo fotografando.



O SEU DRAMA, a sua carreira futebolística, Carlyle conta ao repórter da REVISTA DA SEMANA. Está claro que disse muita coisa boa, mas não disse tudo!

O FLUMINENSE COMPROU...

(Cont. da pág. 16)

várias pelejas, passaram a gozá-lo dizendo: Está fechada a "leiteria" Carlyle. Para os que não conhecem gíria futebolística "leiteria" quer dizer sujeito de sorte.

Que se teria passado para que um jogador tão negativo tivesse melhorado repentinamente, de uma hora para outra? Um jogador que o Fluminense pretendia vender o passe, um elemento prêso a um contrato que um dia sumiu do clube, tomou férias de um mês por conta própria, e que depois reapareceu com a maior calma no campo de treinamento, como se nada tivesse acontecido. Carlyle não fazia isto pela primeira vez, era a terceira ocasião que isto acontecia. Mas, desta feita, prometeu regenerar-se, e assim aconteceu. O Fluminense, que passou anos como Diógenes com uma lanterna na mão a procura de um centro-avante ideal, encontrou em 51, nas suas próprias fileiras, um jogador que tinha recursos para não se importar com o ordenado de futebolista, e que resolveu tomar o assunto a sério. Coadjuvado por dois meias de real valor, Orlando e Didi, outros dois que sofreram também os seus dramas em Alvaro Chaves, o primeiro considerado sem condição técnica pelo treinador anterior, e o outro que levara a pecha de ter-se vendido num jôgo com o Madureira, seu antigo clube, porque falhara em momentos decisivos, pôde fazer o irrequieto montanhês o que outros tantos não conseguiram, e que em futebol é o ponto máximo: marcar "goals". Marcou tantos tentos que um locutor de rádio resolveu dar-lhe um apelido: "Homem-rêda", tal a quantidade de bolas que mandou às rêdes. Pode ser banal para qualquer estranho ao meio futebolístico, mas no esporte inglês é o máximo que se deseja, e como é difícil alcançar.

Carlyle não chega bem a ser um temperamental do tipo Heleno, mas parece que anda sempre com o pensamento no mundo da lua, fala-se com êle, pergunta-se alguma coisa êle custa a responder e quando o faz é por intermédio de monossílabos, não que não saiba falar, nem que não tenha preparo. Não fôsse o futebol e teríamos o engenheiro de minas, Carlyle. Um dia a sua classe foi convocada, e êle foi servir ao exército em Belo Horizonte, junto a sua família. Nos dias de folga passou a freqüentar o Atlético Mineiro, primeiro nadando na piscina, depois jogando peladas no campo de futebol, recordando as partidas do colégio. Um dia convidaram-no a treinar e isto para êle seria mera brincadeira. No domingo seguinte estava no primeiro time. Depois várias vêzes campeão mineiro. Interêsses comerciais forçaram a sua vinda ao Rio, e êle ingressou no Fluminense, e sòmente êste ano começou a brilhar. Levou tão a sério a sua missão, que foi nomeado capitão da equipe. O campeonato carioca de 51 mal se iniciara, o time do Fluminense, que vencia mas não convencia e se agüentava na liderança, e pudemos observar, num simples treino individual, como o jogador mineiro escutava atentamente as instruções do técnico Zezé Moreira, e dava a sua opinião sôbre esta ou aquela observação do "coach".

O centro-avante recordista dos "goals" impossíveis, do qual se queixam os defensores dos outros clubes, dos seus gritos e das suas cotoveladas quando arranca para o "goal", que só começou a jogar futebol com a idade de 20 anos, e que até hoje só defendeu dois clubes: Atlético e Fluminense, pretende jogar futebol apenas mais dois anos.

Indagamos se êle sabia o por quê do seu nome: Carlyle e a sua resposta foi telegráfica: Com certeza porque meu pai admirava o escritor inglês Tomas Carlyle.

Carlyle nasceu em Almenara, Minas Gerais, em 15 de Junho de 1926. Tem, portanto, 25 anos. Diz que ganhou pouco com o futebol, e que não faz conta do dinheiro futebolístico. Fora do futebol aprecia a natação, adora passar o dia na praia. Poderão encontrá-lo em Copacabana, no pôsto 2, às segundas-feiras, repetindo na areia, para suas fãs, os lances dos jogos de domingo.

Sabe viver, tem um belo carro, e em matéria de literatura, aprecia os romancistas brasileiros, principalmente José de Alencar. No cinema gosta de James Mason e Margaret Chapman. No rádio não tem predileção por nenhum artista.

Das respostas monossilábicas e quase guturais de Carlyle conseguimos recolher as seguintes: Não se inspirou em nenhum jogador, tem estilo próprio, e o jogador que mais admira é o seu ala-esquerda, Didi. A sua maior emoção foi o "goal" que marcou, em Montevidéu, contra os uruguaios, durante a Copa Rio Branco. Ao contrário, a maior decepção, foi quando o Atlético Mineiro deixou de se sagrar tricampeão, em 1948.

A última de Carlyle ninguém nos contou, nós ouvimos dos seus próprios lábios, num desabafo aos seus companheiros de time, após o empate de 0x0 com o São Cristóvão:

— No dia em que me proibem de gritar, de falar dentro de campo, acontece isto, ninguém acerta uma.

INVASÃO DE PAPAIS NOEL...

(Cont. da pág. 13)

nal. Carregou, durante mais de 15 dias, diàriamente, a enorme armação de madeira e pano, que dêle fêz o velhinho mais popular da cidade. Suava, cansava-se, mas, à noitinha, ao regressar à casa, ia satisfeito, pois economizara para, pelo menos, dar uma bonequinha de pano à filha mais velha e comprar algum suprimento essencial para a despensa.

Rubens ganhou, em média, 50 cruzeiros por dia. As crianças o rodeavam e êle, esquecendo a canseira, sentia-se feliz trocando carinhosas palavras com elas, como se falasse com as filhinhas Elizabeth ou Claudete.

Sua vida é dura. Mora em afastado bairro da Capital e, para alcançar a cidade, precisa tomar duas conduções. Quanto à sua profissão explicou-nos que poços só se fazem em bairros pobres e êstes estão "curtos" de dinheiro...

Porém, quando o visitamos, em seu humilde quartinho, um dia após o Natal, êle estava feliz. Conseguira a bonequinha de pano para Elizabeth. Valera o sacrifício!

PAPAI NOEL NO TELHADO

Na manhã do Natal, a gurizada de um asilo exultou ao ver, descendo pelo telhado escorregadio, um velho gordo, vestido de carmezin, tendo, aos ombros, um grande saco.

— E' Papai Noel! E' Papai Noel!

O vozerio infantil misturava-se com gritos de alegria. Os menores agarravam-se aos maiores, quase temerosos, ao verem aparecer, do nada, a figura lendária do bondoso distribuidor de brinquedos.

O velhinho desceu mansamente, abençoou os petizes e tomou lugar no trono que lhe havia sido preparado, dando início à distribuição de presentes. Foi uma festa bonita.

TUDO PELA FELICIDADE

A despeito da atual situação internacional, a despeito do pouco dinheiro que circula entre os humildes, dezenas de almas caridosas tentaram minorar o sofrimento dos pequeninos.

Uns fazendo-se de Papai Noel por espírito de bondade, outros, a mando de quem podia, reprisando as lendas, pela imperativa necessidade de viver e fazer felizes aos seus.

O drama de Papai Noel baixou as cortinas, após o último ato, a 23 de dezembro último, deixando, aos petizes, a lembrança feliz de sua presença, às suas famílias a incerteza do futuro e aos homens motivo de grande meditação.

E hoje, talvez fantasiados de Reis Magos, êstes mesmos homens estarão percorrendo a cidade, distribuindo mais ilusões, fazendo felizes às crianças, pelo simples motivo de serem homens e conhecerem a realidade da vida, suas incertezas, desconhecendo o que o destino lhes reservou para o dia que raiará amanhã.

O PEQUENO CONTO

A ÚLTIMA RISADA

GEO WILL[IAMS]



CHRISTIAN Anderson e[ra] um dêsses tipos que im[pressionava] pela brutalidade t[o]tal, física e moralmente fala[n]do. Exercia o "metier" de b[o]tequineiro numa sórdida vie[la] de Hamburgo, distribuindo, e[n]tre um chopp e outro, viole[n]tas punhadas no rosto de se[us] fregueses quando recalcitra[n]tes, devido aos fumos do [ál]cool ingerido.

Apesar de sua triste notori[e]dade de bruto em potencial, Christian tinha sempre a s[ua] taberna repleta. Marítimos [de] tôdas as nacionalidades, vi[n]dos de todos os portos do u[ni]verso, lá se acotovelavam n[as] noites de orgia barata, beben[do] a vela desfraldada, barulhan[do] em cem idiomas, brigando, ri[n]do, cantando, enquanto que o piano, desafinado, em cujo t[e]clado um pobre careca, verdadeira ruína humana, batia se[us] dedos recurvos, punha tonalidade desarmônicas no ambiente che[i]rando azêdo e enevoado pela fumaça dos cachimbos e charutos.

Não existia pôrto marítimo, neste vale de lágrimas, onde a risa[da] de Christian não fôsse conhecida. Uma risada bestial, ruidosa, ca[c]queteante, que êle sempre soltava tôdas as vêzes que lhe era da[do] massacrar, a pancadas, um pobre ébrio. Quando isso acontecia, [o] espetáculo era assistido por uma platéia eterogênea que apla[u]dia ou calava.

Marinheiro espancado por Chistian, era marinheiro hospitaliza[]do. A fôrça imensa dêsse gorila fazia com que os maiores vale[n]taços retraissem seus ímpetos.

Certo dia, surgiu no botequim do dinamarquês um tipo agiga[n]tado, com quase dois metros de altura, ombros da largura de u[ma] porta, ventre excavado, quadris estreitos, braços da grossura [de] um tronco. Tipo escarrado do atleta nato. Nada de brutal nesse [gi]gante. Tudo nêle era harmonioso: feições, gestos, andar. Destoa[va] naquele meio de rostos como que cortados a machadadas.

Francês, tripulante de um navio recém-chegado, Pierre (era s[eu] nome) vinha para cumprir uma promessa: arrebentar Christia[n], abafar-lhe a última risada, essa que atirava aos espaços quando [o] seu desafeto ou vítima, imobilizado e arruinado, graças à surra q[ue] lhe perspegava. Pierre ouvira, certa vez, em Lion, a narrativa [de] um seu irmão, mais jovem. Tinha sido brutalmente espancado e [os] ossos fraturados do nariz testemunhavam, claramente, tudo qua[n]to se passara. Desde aquêle momento, o rapaz nunca mais se re[fez] e, definhando, veio a falecer em conseqüência das lesões sofrida[s].

★

Ao receber o copo de cerveja das mãos de Christian, Pierre ento[r]nou-o por cima do balcão indo, o líquido, atingir o avental do bru[to].

— Fazendo-se de engraçadinho, seu bobo? — trovejou.

— Nada disso. Com o que eu pago faço o que melhor deseje.

— Mas não na minha casa, ouviu?

— Na sua e na casa de qualquer porco igual a você!

Bastou isso para que se estabelecesse o maior silêncio no inter[ior] da taberna. Todos compreenderam que ia haver algo de anorm[al] e, medindo com os olhos os contendores, prelibaram um espe[tá]culo e tanto. E não se enganaram!

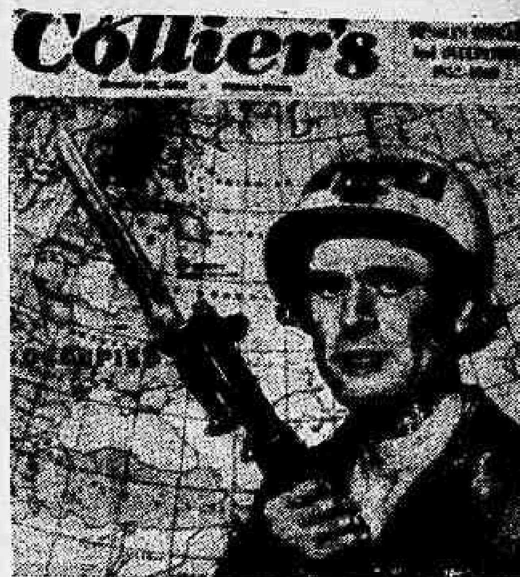
Desenganchando o avental, Christian contornou o balcão e v[eio] direito em direção ao francês. Abriu-se um vácuo; improvisou[-se] uma arena. Os espectadores fortuitos galgaram mesas e cadeir[as] para não perder um único pormenor sequer.

Quando Christian investiu, já vinha borbulhando a sua risa[da] fenomenal. Rosto iluminado pela fúria sádica, atirou-se como [um] ciclone. Um formidável sôco, desferido na hora, imobilizou-o, faze[n]do-o retroceder. Das ventas partidas coou o sangue denso. Pier[re], calmo, ereto, volveu a golpear, antes que o dinamarquês se refiz[es]se do abalo. O segundo golpe foi destruidor. Todos ouviram o [ru]mor dos ossos faciais que se esfrangalhavam! Em seguida, o que passou foi um turbilhão!

Até hoje, em tôdas as tabernas marítimas, fala-se dessa br[iga] feroz. Nada sobrou dentro do botequim que viesse a ser aprov[ei]tado posteriormente. O grande corpo de Christian serviu, nas m[ãos] de Pierre, como aríete, para esfrangalhar as prateleiras, o balc[ão], as mesas, os quadros, mostradores, papa-níqueis, piano. Serviu [de] marreta nas mãos poderosas do vingador. E quando aquelas c[ar]nes nada mais eram do que um montão flácido e inerte, en[tão] Pierre, jocosamente, com um pé sôbre a pança do vencido, sol[tou] uma sonora gargalhada!

Foi a última gargalhada que Chistian ouviu na sua vida, pois [em] uma semana depois morria esquecido num corredor de hospital.

3ª. GUERRA MUNDIAL



COMO UMA REVISTA NORTE-AMERICANA DESCREVE O HIPOTÉTICO CONFLITO ★ BOMBARDEIO ATÔMICO DE MOSCOU ★ OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO SOVIÉTICO ENTRE OS ANOS DE 1952 E 1960



dantesca do bombardeio atômico de Moscou, à meia-noite do dia 22 de julho de 1953, segundo a hipótese da re-
Collier's". Com a explosão, o Kremlin e um raio de muitos quilômetros, serão destruídos, em poucos segundos.

A revista norte americana "Collier's", num dos seus mais sensacionais números, publicou ampla reportagem sôbre o que seria a terceira guerra mundial, com choques armados entre as duas maiores potências do mundo atual: os Estados Unidos da América do Norte e a Rússia soviética.

Essa reportagem causou grande sensação entre as potências e o povo dos Estados Unidos, e houve quem não aprovasse a divulgação do que fariam os Estados Unidos numa conflagração dessas, pois isso traria, embora hipotèticamente, ao conhecimento do "inimigo", o que já de tudo estavam pensando os norte-americanos.

Mas a idéia de quem imaginou tamanha catástrofe não teve por fim causar pânico, e sim mostrar, idealmente, como seria um conflito dêsses entre dois países gigantescos. O caso começou quando o ex-correspondente de guerra, Cornelius Ryan, e redator da citada revista, propôs à direção da mesma um artigo focalizando o que seria a terceira guerra mundial com a ocupação da URSS pelas tropas norte-americanas. O redator estivera a pensar nisso em janeiro de 1951, e seu pensamento seria o de que a revista dedicasse um número inteiro à hipótese dessa terceira guerra, a guerra que nenhum americano quer, conforme o autor declarou desde logo.

A ideação quase à moda de Julio Verne, abrangeria nada menos de 32 meses, ou sejam quase três anos de guerra intensa e extensa, começando em maio de 1952 e terminando em começo de 1955. Em seguida, viria a segunda fase do conflito, isto é, cinco anos de "após guerra", de 1944 a 1960. Segundo o organizador e demais associados da reportagem sensacional, teria a publicação três objetivos a cumprir: 1) — Fazer compreender à Rússia que sua política de agressão está conduzindo fatalmente à terceira guerra; 2) — os homens do Kremlin a firmar um acôrdo com o Ocidente, antes que seja muito tarde. (Um redator da revista disse então: Os únicos leitores que interessam são os homens do Politburo); 3 — Demonstrar que em qualquer caso de guerra, esta seria vencida pelos Estados Unidos.

Depois de tudo pronto, Cornelius Ryan se pôs em marcha para realizar a reportagem, trabalhando sob a denominação de "Operação Eggnog", a fim de evitar que sua idéia não caisse no conhecimento de revistas concorrentes e êle fôsse "furado" lamentàvelmente. E começou a obter dados e informações com vários comentadores políticos, críticos militares, escritores, jornalistas, altos funcionários de Washington, e agentes do serviço secreto americano na Europa. No final da coisa, os homens da "Operação Eggnog" (esta é a denominação de um novo coqueteil) já iam a 34, dentre os quais, alguns dos maiores e mais famosos representantes da literatura e da imprensa americana.

O trabalho de organização e planeamento durou nada menos de nove meses, e



O início da terceira guerra mundial terá começo, segundo a mesma revista, a 10 de maio de 1952, quando ocorrerá em Belgrado, um atentado contra a vida do general Tito, levado a efeito por estalinistas fanáticos. A Iugoslávia será então invadida pelos exércitos da Bulgária, da Rumânia, da Hungria e da Albânia.

foi conduzido com generoso dispêndio de verbas. O prognóstico começaria por um atentado ao general Tito, numa manhã de sábado, 10 de maio de 1952, quando um repórter especial do "Colliers" seria enviado a Belgrado, a fim de acompanhar todo o ocorrido nessas horas apreensivas da eclosão da terceira hecatombe mundial.

E a edição sensacional é lançada à rua no dia 27 de outubro de 1951, com 130 páginas, tendo sua matéria custado quase trinta milhões de liras. O sucesso é tremendo, passando a revista, de três milhões de exemplares a quatro milhões. Poucos dias depois, todos os jornais do mundo falavam do "Collier's" e de sua previsão, e um correio especial levou para Moscou alguns exemplares, que, em seguida, são distribuídos aos principais funcionários do govêrno russo. Truman, presidente dos Estados Unidos, porém, é tomado de surprêsa e não esconde sua irritação, pois pensa que a reportagem possa servir à propaganda soviética que vive a acusar os Estados Unidos de querer fazer a guerra contra a Rússia, redobrando os seus ataques aos "fazedores de guerra" norte-americanos. O jornal comunista dos Estados Unidos, "Daily Worker", sustentou que o Departamento de Estado, no mínimo, fôra quem sugerira a idéia dessa reportagem, a fim de convencer os americanos, da necessidade de uma guerra preventiva" contra a URSS. Em verdade, as previsões da revista, são também catastróficas para os Estados Unidos, e, no final da luta, a vitória surge com tal sacrifício de sangue, com tamanha extensão de destruição de riquezas, que não é mesmo possível esperar-se, com essa publicação, um resultado favorável a uma guerra de tais proporções.

Robert Sherwood, dramaturgo e escritor, chefe da propaganda americana durante a guerra, vencedor de quatro prêmios Pulitzer, amigo de Roosevelt, dirigindo-se ao diretor da revista, disse: "Pode ser que êsse número especial mude o curso da história".

E' um pouco forte, tal apreciação ou conceito, pois os artigos de uma revista, além do mais, "imaginários", e, em alguns pontos ingênuos e banais, jamais poderiam alterar a marcha dos acontecimentos humanos, diante de situação internacional como a que vai dirigindo o futuro do mundo. O "furo" da revista, um dos maiores da imprensa em qualquer parte do mundo, e em qualquer tempo, deve antes ser considerado como importante sintoma do nosso tempo, uma aguda interpretação de estado de anímo, como jamais houve em tôda a história da Humanidade.

Em 1952, terão os Estados Unidos três milhões e meio de homens em armas, e procuram, ainda mais aumentar essa cifra. Ditador da economia do país, Wilson, está sempre a impor restrições ao povo norte-americano e anuncia que, dentro em breve, os Estados Unidos possuirão montanhas de armamentos e poderão defender-se de qualquer ataque externo. A campanha para arregimentação de voluntários é martelante. A publicidade e propaganda a tal respeito prossegue sem desfalecimentos, metòdicamente; pelas exigências da defesa, os contribuintes do erário público são chamados a sacrifícios dia a dia mais duros. O que se publicou sôbre a terceira explosão atômico na Rússia se sincroniza com a da décima quarta explosão dos Estados Unidos. Nesta atmosfera de tensão, de horror e mêdo, foi que veio a público a edição sensacional da revista "Collier's". E, evidentemente, há atingido seu objetivo.

Em 1960 estará o mundo, depois de sofrer os horrores de cinco anos de guerra, "a mais absurda, inútil e sangrenta guerra da Hostória", a refazer-se da carnificina. Robert Sherwood, como membro da Comissão de História das Nações Unidas, é quem nos narra o que fôra o conflito, dentro da hipótese imaginada por Corneliu Ryan.

Em 10 de maio de 1952, diz-nos Sherwood, estando Tito diante de seu Palácio Branco, em Belgrado, discursa sorridente para 120 servios que viéram a Belgrado em gôzo de viagem-prêmio, após sete anos de trabalho numa fábrica estatal de Bavaniste.

Os patriotas cantam uma canção em homenagem ao generalíssimo, e uma garôta de oito anos, Maria Serdic, se prepara para entregar ao chefe da nação um lindo bouquet de belas flores. Mas, por detrás da menina, vestido como se fôss um dos manifestantes, estão Dushan Petrov e Luka Borlic, dois comunistas fanático que, fazia quatro anos, mantinham secretos contacto com a MVD — polícia política russa, preparando o atentado fatal contra a vida de Tito, o "traidor de Stalin".

São exatamente 13.58.o presidente d Estados Unidos estava, àquele moment partindo para um "week-end" em seu iat o primeiro ministro inglês deixava Londres e ia assistir a uma corrida no hipódromo de Sandown Park; Eisenhower aca de almoçar com o primeiro ministro francês e se prepara para ir inspecionar u nova divisão couraçada da França, agrega ao Exército do Atlântico. E' nessa oc sião que os dois terroristas lançam a bo



...a gravura nos mostra a cena da captura do filho de Joseph Stalin, Vassili, abatido o seu avião quando realizava um raide sôbre a zona do Sarre, e é feito ...ioneiro, já na segunda fase da guerra. Muitos observadores foram de opinião que não se devia prever tanta coisa, descobrindo planos do governo americano.

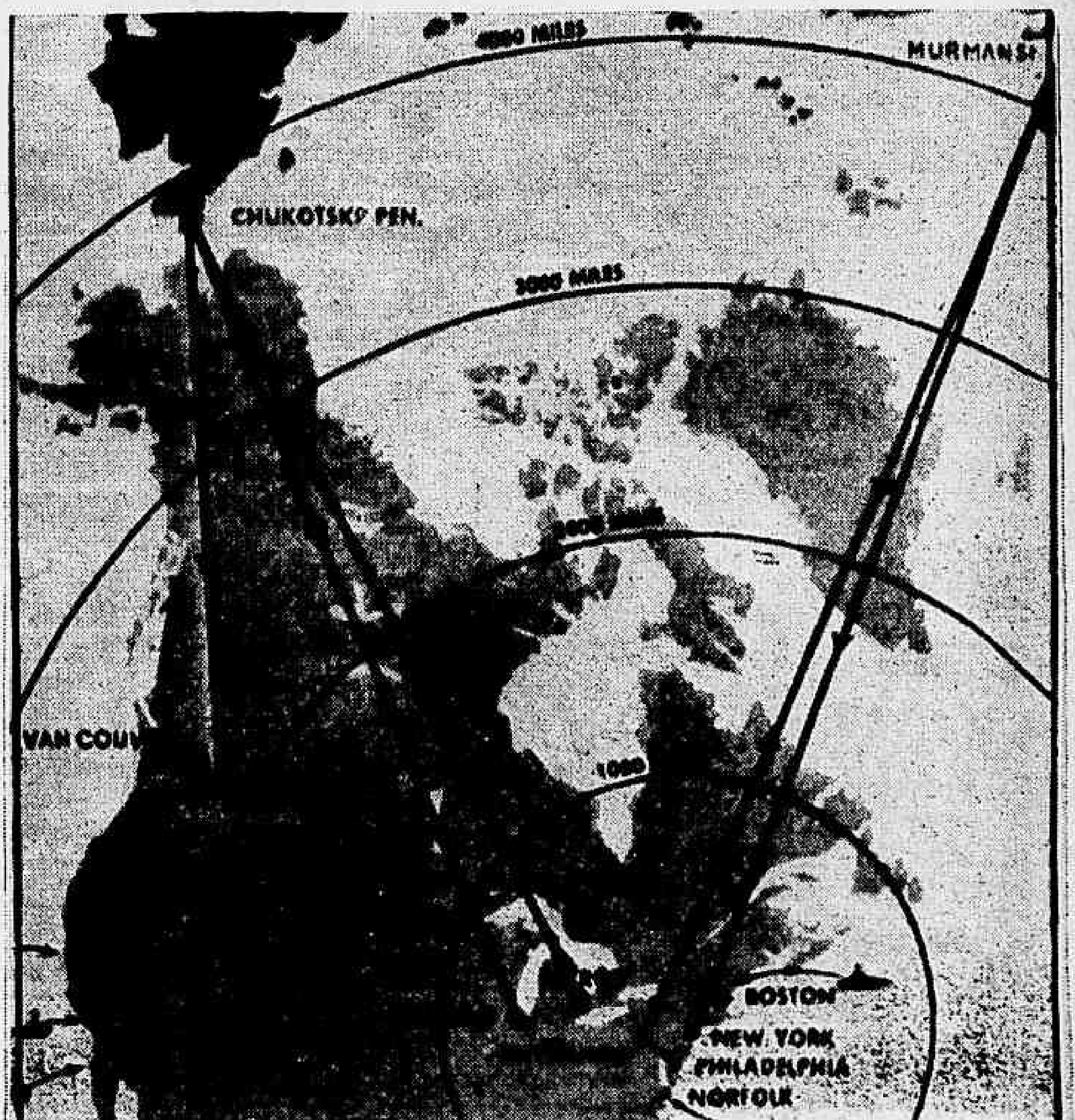
...contra o generalissimo Tito. Alguém ...: "Atenção!" Vários soldados fazem ... barragem com os seus corpos na de... de Tito. Onze pessoas, dentre elas, ...ois comunistas a pequena Maria Ser... são mortos fulminados e caem ao chão. ... porém, se salva.

... analogia com o atentado contra Hi... a 20 de julho de 1944 é muito se...ante. Os conspiradores comunistas, en... aproveitando o momento, fazem irra... pelas emissoras da capital da Iugoslá... "Tito morreu! Tito morreu! "E a no... se espalha por todo o país. Também ...anizador do "script" dessa guerra ima...ia, Sherwood, faz que Tito, depois ...m par de horas, vá ao microfone e ...ie ao povo que está vivo e são. ...mente como sucedeu àquele tempo com ...

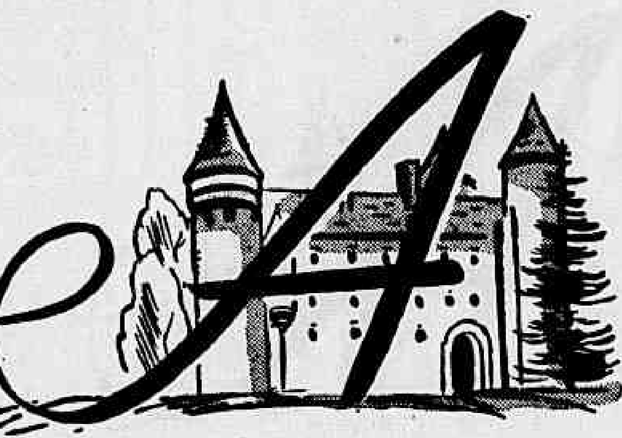
...guerra começa, então, diante das no... da morte de Tito, tudo segundo o ...mento" de Sherwood; às 14,19, co...n a transpor a fronteira da Iugoslá...s primeiras divisões blindadas da Bul... seguidas, pouco mais tarde, de tro...ncouraçadas da Rumania, da Hungria ... Albania. O rádio de Moscou anun...tão que tropas de países satélites, ...n invadido o território iugoslavo e se ...m à capital, a fim de libertar o país da tirania de Tito. Os Estados Unidos advertem a Stalin que a atitude dessas tropas é muito perigosa, que a paz está por um fio, e que só será ressalvada se for ordenada a retirada imediata de tôdas as fôrças invasoras.

Mas Stalin não ouve o que diz o Presidente norte americano, e, não sòmente deixa de ordenar a retirada, mas, em face da resistência inesperada da Iugoslávia, ordena que entrem na luta contra Tito, quinze divisões que, de há muito estavam de prontidão na fronteira com a Iugoslávia. Após oito horas de batalha, os carros russos entram em Belgrado. A 14 de maio, os Estados Unidos entram na luta em defesa dos iugoslavos. Tôdas as nações do Pacto do Atlântico, imitam o gesto dos americanos. Entram também a Turquia e a Grécia. Dez dias, depois, Israel. Um ano mais tarde, a Espanha entra ao lado dos Estados Unidos. Suécia, Egito, Suiça, Irlanda, India e Pakistan, conservam-se neutros.

Daí por diante é a guerra total, atômica e de grandes bombardeios de russos contra os Estados Unidos e dos Estados Unidos contra a Rússia, até que, cêrca de três anos mais tarde, os norte-americanos e os seus aliados vencem o Kremlin com todos os seus satélites.



...ra, ataques atômicos e aéreos soviéticos sôbre os EE. UU., partindo da Sibé... ...ntra Hanford, Detroit, Chicago, e de Murmansk, contra N. York e Filadélfia.



A Insatisfeita

Novela de IRENE TEMPLE-BAILEY

DELILAH não gostava de tia Frances. Chegou mesmo a revelá-lo a Grace durante seu regresso a sua casa.

— Querida, êles moram no Canton Ouest, numa grande casa na avenida. Minha lista de visitas termina à leste do parque.

Grace ergue as espáduas.

— Mamãe, diz ela, ouvi dizer em Paris, que as únicas pessoas com quem vale a pena ter-se relações, são as interessantes; se elas vivem na avenida ou lá em Dakota, não me importa absolutamente. Além do mais, possuimos grande coleção de fósseis em nossa lista de relações.

Mrs. Clendenning contorna a conversa.

— Pergunto a mim mesma como é que o general Dick permite a Leila, o ver tanto essa miss Jeliffe.

— Elas foram colegas de colégio, estudaram juntas, e o general e Jeliffe são velhos amigos.

A mãe balança a cabeça.

— Bem. Se ficarmos durante o próximo inverno, espero que não nos vão forçar a suportá-los. Washington é uma terra cheia de arrivistas, Grace.

A moça deixa esvair-se o assunto. Aprendera a ser discreta. Ela e sua mãe consideravam a vida sob ângulos muito diversos. Tentar conciliar tais divergências, significaria, antes de tudo, aumentar conflitos e controversias, é, no decurso do último ano, Grace havia orientado sua conduta, no sentido da maior serenidade. Já aprendera fazer face às tempestades desencadeadas pela irritabilidade maternal, sabendo desembaraçar-se de algum entrave. E a êsse respeito, ela se parecia mais a Mary do que a outras moças de sua geração. Grace gostava muito de Mary e desejava, de coração, tôda felicidade para ela.

Sùbitamente, pergunta a sua mãe:

— Mamãe, quem é êsse Roger Poole?

Mrs. Clendenning já sabia que era êle o locatário das "Chambres de la Tour", funcionário do Ministério das Finanças, uma pessoa de boa situação social. E isso mesmo transmitiu a filha.

Grace, então, acrescenta mais estas palavras:

— E' um homem muito brilhante. Estive ao seu lado durante o jantar. Parece haver qualquer mistério com êle. Tem assim um ar de autoridade, o aspecto de um cidadão conhecedor do mundo.

— Êle está apaixonado por Mary, diz Mrs. Clendenning. Não deveria morar na mesma casa.

— Mas Mary não está apaixonada por êle, ainda.

— Como pode você saber?

Grace sorriu sem ser percebida pela mãe. Como podia ela saber? Porque, se Mary estivesse apaixonada, seria iluminada por uma chama interior, como se os seus olhos estivessem em fogo e o seu sorriso em revesberações.

— Não, repete a moça, Mary ainda não está amando.

— Ela deveria casar-se com Porter Bigelow.

— Ela não deverá desposar Porter. Mary deve ser a companheira de um homem que possa utilizar dela tudo o que ela possui de bom e útil. Porter jamais lhe serviria.

— E eu pergunto a mim mesma, o que é que você compreende por isso, disse Mrs. Clendenning com impaciência. Ora, Grace, não diga tolices!

— Mary Ballar, (e Grace começa, lentamente, a analisar) é uma dessas mulheres, que, se houvessem nascido em outros tempos, poderiam marchar diante de leões, a cantar, a cantar em busca de seu ideal. Poderia conduzir um exército, ou carregar fusis por detrás das barricadas. E' forte e corajosa e tem precisão de qualquer coisa de grande em sua vida, a fim de que se veja dentro de suas próprias medidas de personalidade. Porter não tem precisão de uma mulher dêsse gênero. Êle não deseja tal. O que êle quer é um objeto de adoração. Viverá ajoelhado aos seus pés, os olhos pregados nela. Nada exigirá dela, e a congestionará de carinhos. Ora, Mary não quer viver assim amimada. Deseja manter a cabeça erguida para fazer face à tempestade, não recuar nem temer diante do perigo.

Mrs. Clendenning, sem defesa diante da exposição eloquente e inusitada de sua filha, geralmente tão reservada, pergunta com a maior entranheza na voz:

— Como pode você saber de que Porter precisa, e como Mary deseja viver?

— Porque, responde a jovem um tanto envaidecida, por que, talvez, seja eu um tanto parecida com ela. Apenas que sou mais idosa, e sei receber o que o mundo pode oferecer-me e não o que eu desejaria que êle me desse. Apenas isso. Mary não se subordinará jamais com um compromisso, e prosseguirá em tôda a sua vida com a cabeça erguida, levantada bem alto.

A cabeça de Mary estava erguida bem alto, com efeito, agora que ela, com as faces em fogo e os olhos brilhantes, assumira seu papel de dona de casa, ao mesmo tempo em que em seu íntimo ela fazia perguntas a si mesma a respeito de Roger Poole.

Livre da presença um tanto incômoda de Mrs. Clendenning, Delilah se entregou à expansão de seu gênio alegre, mesmo ao lado do grave e sisudo Gordon Richardson marido de Constance.

— Um artista a quem encontrei em Marclehead, disse ela, fêz de mim uma descrição. Disse êle que eu formava uma tela sôbre o fundo do mar e do céu, com os meus coloridos purpurinos e verdes, meus encarnados e amarelos. Vou mostrar-lhes os esboços que êle executou para mim, interpretando o modo por que êle me via. Isso me abriu os olhos. Também mostrarei o meu artista. Deve vir verificar se eu segui bem sua idéia.

Em seguida ela se pôs a descer os degraus do terraço, a dizer:.

— Meu pai vai ficar furioso se eu o obrigo a esperar mais tempo. Êle tem ciúmes de seu carro, e quando o guia, é verdadeira "performance" de Tom O'Shanter. Eu não desejo saber de nenhum de vocês se deseja correr o risco de arrebentar os ossos com êle; mas, se estão concordes em fazer esta experiência, Leila, vamos reconduzí-la a sua casa.

— Eu, que ja combati em cinqüenta batalhas, não vou deixar hoje, que tenho mêdo, exclama o general.

Mas ouviram Leila murmurar com sua voz meiga:

— Oh! Mas eu bem desejara ter mêdo.

Assim, acompanhados de Barry que seguia Leila, devotadamente, partiram todos. Mary que esperava à entrada, enquanto Porter telefonava pedindo seu carro que devia conduzí-los para o passeio pela estrada real, olhava ansiosamente para o lado da fe... te. A lua se cobrira com uma nuvem. Ela podia distinguir o espelhar da águ... mas a folhagem do caramanchão lhe oc... tava o bando do jardim. Seria que Ro... Poole ainda estaria lá? Sòzinho?

Nesse momento ouviu Porter dizer ... detrás dela:

— Mary, eu lhe trouxe um agasalho. ... carro chegará dentro de um minuto.

Tia Isabelle lhe havia mandado um ma... de pele. Ela o veste silenciosamente e ... ter levanta a gola em tôrno do seu pescoç...

— Eu não quero vê-la a tremer de ... como está a fazer a todo momento me... nessa coisa vermelha, diz êle, referindo... ao mantô simples que Mary trazia.

Mary se afasta dêle. Êle gostava de m... trar-se cuidadoso para com ela, mas ... jovem não gostava de ser tratada com ... carinhos. O que incomodava Mary era ... que Porter Bigelow a tratava com um ... de quem já a possuia. E ela ainda não ... casara com êle. Ela se pertencia a si ... ma. A mais ninguém. Queria ser l... fazer sentir aos outros que era livre. ... êsse sentimento orgulhoso e decisivo, tão ... miliar aos seus modos, ela ergueu a c... ça. Seus olhos olharam por cima de ... ter, por sôbre a entrada do castelo, di... dos lá para cima, para o apartamento ... Tôrre, onde uma janela se ilumina ... bitamente. Percebera que Roger não ... va mais no jardim. Subira para seus ... sentos sem ao menos desejar-lhe "boa no...

(RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA)

MARY BALLARD, órfão de pai e mãe, vivia em grande casa acastelada em companhia de suas tias Frances e Isabelle. Para fazer face às despesas, ela resolvera, à revelia das tias, alugar um dos cômodos a um senhor funcionário público, que vivia só. No dia do casamento de sua irmã Constance, Mary foi mostrar o apartamento na «Câmara das Tôrres», sendo fechado o negócio. O casamento de sua irmã mais velha deixou Mary desalentada, ficando apenas com seu irmão Barry, mais jovem que ela. Dentre os que pretendiam a mão de Mary havia um moço rico, de nome Porter Bigelow, mas que não era correspondido por ela. Porter tudo fazia para atraí-la; mas Mary não cedia, razão por que lhe pôs o apelido de Mary Rebelde. O inquilino da casa, Roger Poole, começou a apaixonar-se por Mary, em silêncio. Numa festa do «Dia de Graças», êle apareceu na reunião íntima, integrando a festa como um dos convidados, além das pessoas da família. Nessa ocasião declamou um poema e se tornou o centro de tôdas as atenções. Mary ficou encantada; mas não dava nenhuma demonstração de estar apaixonada por êle. Uma das tias de Mary, Isabelle, solteirona e muito surda, tinha confidências com a sobrinha, e se mostrou interessada no casamento da moça, com Porter. Na noite do Natal novamente foi convidado Roger, mas êste não aceitou. Mary o convidou para a Missa do Galo, e novamente êle declinou, agradecido, do convite. Houve uma árvore de Natal e um mundo de presentes. Roger sentia aumentar sua paixão para com Mary, mas não se achava com coragem para declarar-se. A diferença de idade era um entrave. Depois do Natal, estava Roger sòzinho em seu apartamento com a gatinha Pittiwitz ao colo, enquanto lia um livro, quando Mary pediu licença e entrou. Roger ouvia dela, então, uma novidade sensacional: Mary desejava ser estenógrafa, trabalhar num dos Ministérios. E fôra ouvir a opinião de Roger. Mas o inquilino era de opinião que ela devia casar-se, dedicar-se ao lar e não ficar arquivada numa repartição pública. Mary estava sèriamente preocupada com a ausência de Barry, e quando soube que um dos seus companheiros de farra era Jerry Tuckerman, ainda mais preocupada ficou. Roger se ofereceu para telefonar para o Country Club, procurando comunicar-se com o irmão de Mary. Esta aceitou; mas, quando Roger ia telefonar, chegou Barry, descendo Mary para recebê-lo. Levou-o ao seu dormitório e ficou a meditar do lado de fora sôbre certas atitudes de seu irmão. Roger a viu assim, lá em cima, e adivinhou o quanto aquela moça estimava o irmão mais moço. Leila e Delilah foram com Porter, Mary e o general Dick assistir a um exercício de cavalaria e evoluções de artilharia. Quando Barry se encontrou a sós com Leilah, declara seu amor. Entretanto, a moça, que havia descoberto em casa de Delilah uma fotografia dêle com dedicatória amorosa, mostra-se decepcionada e confessa sua desilusão. Mas Barry lhe explica que a fotografia fôra enviada a ela e não à outra. Por engano de uma empregada nova é que se deu a confusão. Leila se enche de alegria. Mas o amor entre ambos é coisa secreta. Barry, porém, revela-o à irmã, Mary, e esta procura Roger Poole para ouvir sua opinião, mas sem esclarecer de quem se trata. Roger Poole se oferece para ir buscar Barry, que está ausente de casa e do trabalho, sem ter dito nada a ninguém. Mary não sabe como agradecer tanta gentileza de Roger Poole. Este vai «descobrir» o fugitivo, que está ao lado de sua doce amada, Leila, numa praia de banhos, em companhia do general, seu pai. Roger leva Barry para passar uns dias no campo, antes de trazê-lo de volta. E lhe dá conselhos muito úteis. Em setembro todo mundo volta a Washington, inclusive Porter Bigelow. A irmã de Mary também volta, com seu espôso Gordon. Então êste reconhece em Roger Poole um antigo colega de colégio. Roger confessa que se dedicara à vida religiosa, tendo dirigido uma igreja evangélica; mas, depois, abandonara as ordens. Roger acha que teria que confessar a Mary êsse episódio de sua vida, antes que lhe fôsse narrado pelo seu cunhado. Está, naquela mesma noite a contar sua história, quando Porter Bigelow intervém e convida Mary para, com outras pessoas da família, darem um passeio de carro. Chama Roger, mas êste agradece e não aceita. Mary não esconde o seu desapontamento. Mas sorri para Poole e lhe diz que, noutra ocasião, ouvirá o resto da história.

Capítulo XI

PARTAMENTO DA TORRE, MEIA NOITE

"E' melhor que eu escreva. O que eu e pudesse dizer lá no jardim, sairia cheio hesitações. Como poderia dizer-lhe tudo, m os seus olhos claros pousados sôbre meus, tôda essa sórdida história que os os levaram, e cujos fantamas se erguem esta noite?

"Se eu pareci, no decurso dêsses meses vidos em sua casa, ocultar-lhe o que á você saber agora, não era mais do e o desejo de fazer melhor figura diante seus olhos, do que realmente eu sou; o é que eu tenha procurado enganá-la. caso é simplesmente, que a vida de ouora me oprimia por um sentimento de andono, de desespero e de revolta contra destino. Tendo deixado aquela vida por trás de mim, eu não desejava mais fa- r a respeito dela, voltar a pensar na mesa, vê-la retratada e reproduzida em tôda sua exatidão trágica, diante de seus olhos nceros e brilhantes.

"Estou certo de que jamais a senhorita coisa semelhante à que lhe vou revelar ora, Mary Ballar. Há sofrimentos e peres em sua existência, e eu mesmo a vi entemente a sofrer pelos que lhe são ros. Mas não tem, até hoje, renunciaao seu ideal. Você jamais curvou a ava e jovem cabeça. Jamais voltou as stas às coisas que lhe parecem justas, quanto eu já o fiz.

"Sinceramente, desejaria que a senhorita houvesse conhecido antes de tais aconimentos. Mas, acima de tudo, desejaque eu é que a houvesse conhecido antes. é antes de minha vinda para aqui, jais imaginei que pudesse haver no mundo a mulher como você. Eu já tive o penmento em mulheres; primeiramente, como adolescente cavalheiresco, e, depois, mo um homem desiludido. Mas, sonhar m uma mulher que se assemelhe a um soldo jovem e ardente, na linha de fogo ra os combates da vida neste mundo, de a mulher como você sinceramente confesjamais imaginei existir.

"Mas eu a conheci êste ano. Eu a vi sumir responsabilidades e colocar-se acima coisas que a maioria das mulheres se ntiriam encantadas. Eu a vi, em nome próprio amor, repelir a fortuna e o or que lhe ofereciam. Eu a vi decidida trabalhar a fim de conservar intacto ideal que você mesma havia fixado a sua vida de mulher. Amante e digna amor, não quer receber se também não der dar, dar com todo o elan de sua tureza generosa à qual eu devo a sua izade.

"E agora, ao escrever estas coisas que selidas pelos seus olhos claros, pernto a mim mesmo, se essa amizade não tornar-se diminuida. Irá você, quando nhecer a história de minha batalha perda, irá encontrar em mim alguma coisa e valha ainda a pena? Poderá encontrar uma coisa salva do naufrágio do penmento que terá feito antes a meu resito?

"Mas, aqui está a história. Seja dela o juiz. Não me demorarei a falar-lhe re os meus primeiros anos, salvo para er-lhe que meu pai era um dos Poole Nova York, que emigraram para o Sul ois da guerra civil. Minha mãe era a Richmond. Eramos gente de escol m uma posição social inatacável. Minha e, encantadora e graciosa, não é mais a mim se não vaga lembrança. Ela morquando eu ainda era muito pequeno. u pai tornou a casar-se e morreu quando ainda estava no colégio. Três filhos ceram dêsse seu segundo matrimônio, e, ando os bens foram divididos, a parte e me coube não foi mais do que mota soma.

"Eu sempre fui um menino solitário. No colégio era eu um rapazinho sonhador, idealista, muito entusiasta dos esportes. Seu cunhado poderá falar-lhe de meus sucessos em nossas equipes escolares. Assim decorria minha vida: durante o dia, fora de mim; de noite, com os meus livros. Por isso, vi-me vencedor de todos os prêmios de declamação. E houve mesmo uma época em que tôda a escola se entusiasmou por mim, tendo os meus colegados me levado em triunfo.

"Duas carreiras se me abriram diante do futuro: a Igreja e a Advocacia. Se me houvesse educado noutro meio, teria também a possibilidade do teatro. Mas eu não via mais que duas estradas diante de meus olhos: a Igreja, para a qual me conduzia minha inclinação, e a Magistratura, à qual pertencera meu pai. Finalmente, escolhi a Igreja. Eu gostava de sonhar com o meu futuro de erudito, com o poder que teria de influenciar e comover os auditórios. Eu confesso todo o meu otimismo de adolescente, ou minha vaidade, como a senhorita poderá chamar a isso.

Entretanto estou convencido de uma coisa, e os sucessos que alcansei durante alguns anos o provam: é que, se nada viesse interpor-se entre mim e meu futuro, eu teria visto ampliar-se, cada vez mais, o circulo de meus ouvintes. Mas alguma coisa se interpôs.

"Durante meus últimos anos de seminário, tomei pensão numa casa onde eu encontrava, diàriamente, a filha da proprietária. Era uma pequenina criatura de cabelos louros, de maneiras infantis. Quando olho para o passado, não posso asseverar, verdadeiramente, que me sentisse inclinado, apaixonadamente, para ela. Contudo, ela fêz parte de minha vida muito tempo, de maneira que, pouco a pouco, nós nos vimos ligados por uma espécie de boa camaradagem. Nada com o senso de amizade da espécie que senti pela senhorita. Nada tinha de plano de trocas morais ou de comunidade espiritual; mas eu representava o papel de seu irmão mais velho. Eu a levava a diversões, bem como a festinhas no colégio. Eu lhe proporcionava, assim como à sua mamãe, pequenos prazeres que é possível a um homem dedicar a duas mulheres solitárias. Havia outros estudantes na mesma pensão, e eu estava certo de que nada fazia de mais que êles também não o pudessem fazer.

"Veio um dia em que a garôta loura, — chama-lá-ei Kathy-mostrou vontade de ir a uma festa que se realizava numa cidade vizinha. O festival deveria durar dois dias, com uma festa noturna e um carnaval sôbre as águas. Muitos dos estudantes para lá se dirigiam, e ficara convencionado que eu tomaria, com Kathy, um trem pela manhã do primeiro dia do festival, a fim de não perdemos nada do programa. A mãe dela deveria seguir num outro trem depois do meio dia, passando a noite com a filha em um hotel tranqüilo, enquanto eu me uniria aos meus colégas.

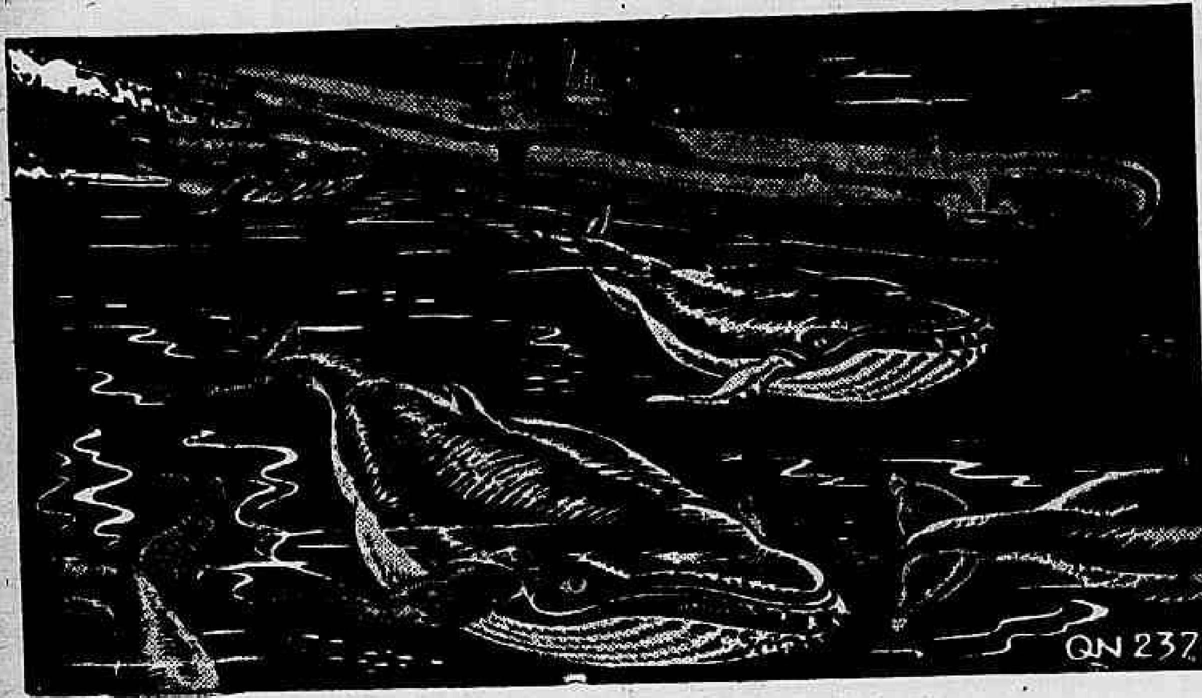
(*Continua no próximo número*)

Tradução de
RENATO DE ALENCAR

Ilustração de
JERÔNYMO RIBEIRO



Aventuras do Capitão Rob







37 O submarino prosseguiu em sua marcha sob as águas cheias de baleias e descia cada vez mais para o fundo do oceano semeado de minas. Além do perigo de explosão, o de abalroar com um dêsses enormes mamíferos. Sùbitamente explode colcssalbomba e grande coluna d'água sobe a muitos metros da superfície do mar. Lupardi e o seu assistente deliram de alegria. A des- locação das camadas de água foi terrível, e mesmo o mais sólido submarino difi- cilmente poderia suportar tamanha prova. Há pânico a bordo e as luzes se apa- gam aumentando a ccnfusão entre os tripulantes. Tudo fazia crer num naufrágio.

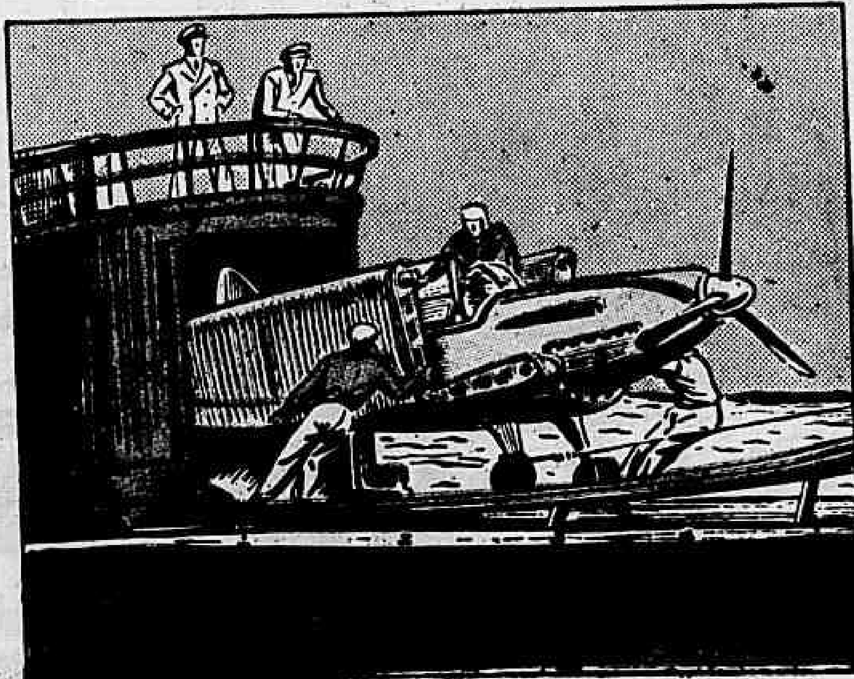


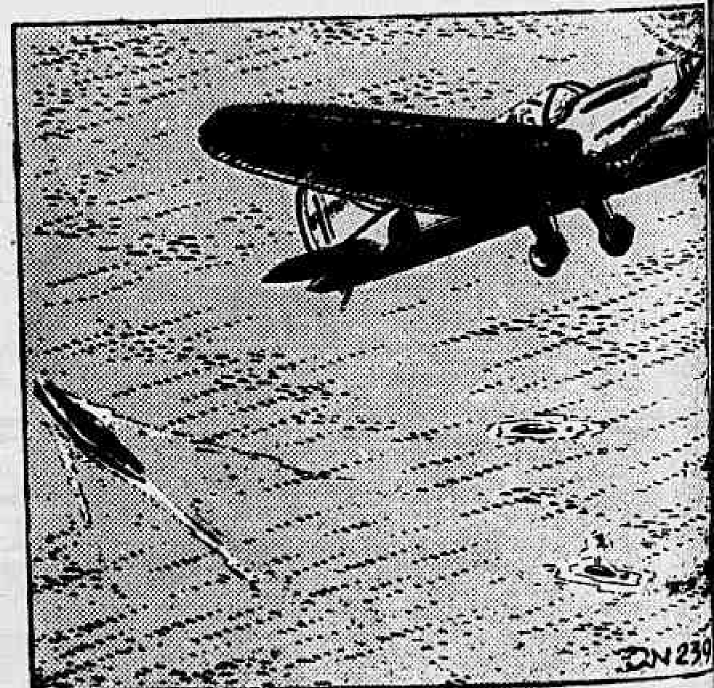




38 A água começa a jorrar para dentro do submarino. O capitão, porém, não perde o sangue-frio. Êle confia em que contornará a situação. Mas não há tempo a perder. "Vedem o buraco!" — grita para a tripulação. Os marujos seguiram as instruções e, depois de uma hora, estava estancada a água. Mas o submarino descia cada vez mais. O aparelho de profundidade já marcava mais d dozentos metros. Poderia o submarino resistir à tremenda pressão das águas? O capitão não ocultava sua preccupação. Seu barco parecia estar sèriamente ava riado. Estaria ainda navegável? Finalmente ordena aos seus homens: "Subir!"

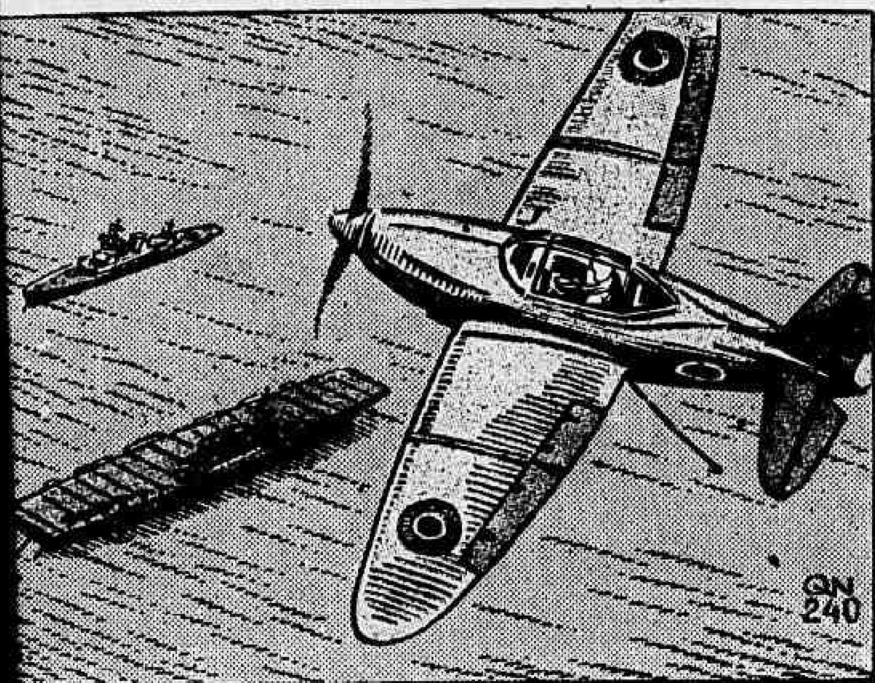


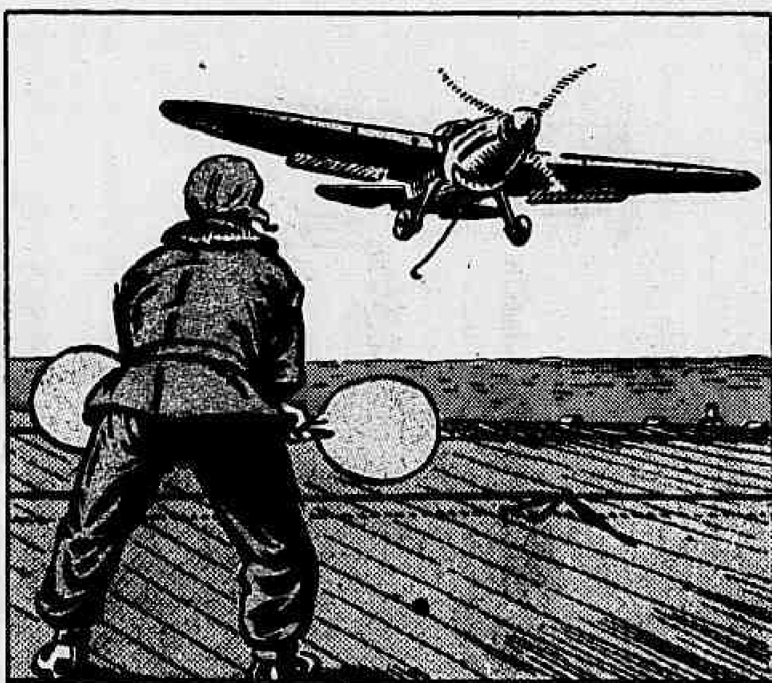




39 O comandante e Rob olham ansiosamente para o medidor de profundidade. Que iria suceder? O ponteiro se mantém imóvel por alguns minutos. Todos a bordo estão com a respiração suspensa. Então o ponteiro começa a mover-se. De início vagarosamente; depois normalmente: 100, 90, 80, 70... Hurra! Já estão fora da linha da morte. Minutos depois estão todos respirando ar fresco. A primeira coisa que fazem é procurar comunicação com os aviões da carreira. Mas Lupardi interfere. Recorrem então ao pequeno avião que o submarino traz. Rob vôa a fim de ir salvar o Dr. Ree e os seus companheiros de aventuras.

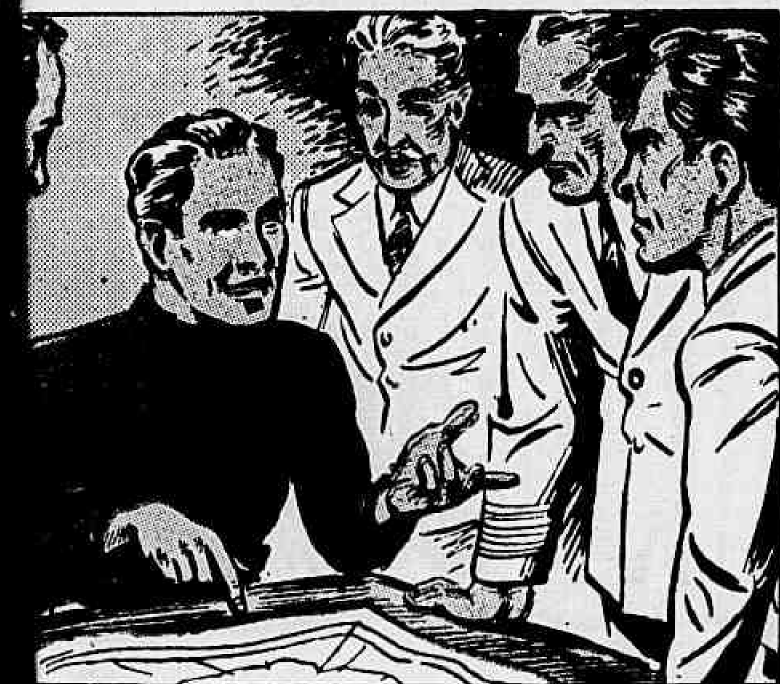
RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — Depois que Rob foi dar àquela região desconhecida, viu, com grande surprêsa, um submarino. Chamado às falas pelo comandante do submersível, o navegador solitário subiu ao barco de guerra e teve a satisfação de ver que se tratava de gente conhecida de outros tempos. O Dr. Ree, que vinha no submarino, combinou com o Cap. Rob para visitar, de surprêsa, umas instalações misteriosas de um sábio e louco que havia ali, um tal Prof. Lupardi. Rob aceitou e conseguiram chegar até lá, mas Lupardi e seu assistente Yoto os aprisionam. Rob tenta fugir, abrindo uma passagem no teto de vidro, conseguindo alcançar o bote salva-vida. Lupardi faz explodir as minas que havia espalhado no mar. Rob é salvo pelo comandante do submarino que tudo presenciara através o periscópio.







40 Depois de voar cêrca de uma hora, Rob avista dois navios de guerra. Eram belonaves tomando parte em exercícios. Pelo rádio êle pede instru- ... para descer. Imediatamente recebeu resposta. "Pode fazer a manobra e ...r no porta-aviões, guiando-se pelo sinal". Foi com imensa alegria que pousou, sendo recebido festivamente pelo comandante, que lhe perguntou sem demora: "Alguma notícia do Dr. Ree?". "Sim, mas muito má. Sinto dizer isso." O comandante leva o cap. Rob para sua cabina onde o herói do "Liberty" narra em linhas gerais tudo o que aconteceu ao mesmo e aos seus companheiros.







Rob leva o saco que salvou do naufrágio quando no bote salva-vida e discute o meio de socorrer o Dr. Ree e os demais. "O que aquêle louco está ...ndo é acabar com o mundo. Sua cidade atômica deve ser arrazada sem ...a". "Tarefa difícil", diz um dos oficiais. Rob mostra aos oficiais algumas amostras de minério rádio-ativo colhidas lá nos domínios de Lupardi. Falou-lhes das armaduras de ouro do louco, feitas com blocos que trazia no saco, sendo então ordenado ao fundidor que preparasse imediatamente uma armadura de ouro para que o Capitão Rob pudesse voltar aos domínios de Prof. Lupardi.







A armadura foi fabricada com a maior presteza e Rob iniciou o seu plano de ação. Uma centena de pàra-quedistas seria lançada no ataque geral. ...siste em fazer parte dêles. "Já saltou de pàra-queda antes?", perguntou o ...dante. Não. Rob não saltara ainda. Mas êle não queria deixar passar esta oportunidade. Além disso era o único que conhecia o local. O comandante entrega a Rob um tipo de fusil especial para o momento, dotado de dispositivo rádio-ativos e lâmpada de raios infra-vermelhos. Êles iam enfrentar um louco. Os pàra-quedistas estavam todos perfeitamente prontos para iniciar a missão.



MUNDICO estendeu o bracinho mirrado aparando os raios ofuscantes do sol e olhou a nuvem de poeira que se levantava na distância. A meninada corria em reboliço e gritava empolgada com o acontecimento extraordinário. Os caminhões carregando os materiais do grande circo já haviam passado fazia dias, já estava todo armado lá pelas bandas do Mercado e, agora, atrasadas, vinham chegando as gôndolas dos terríveis animais selvagens, comboiados pela figura impressionante e maciça do paquiderme, o elefante Baby. Nos programas espalhados pela cidade êle aparecia empinando as patas dianteiras, com a tromba enorme e roliça voltada para cima, numa atitude ameaçadora. Mas, êle era manso e dócil — era o que todos diziam. Êle sabia fazer coisas inacreditáveis, também comentavam.

Mundico estava impaciente. O cortejo vinha, se arrastando morosamente e isso exacerbava a sua ansiedade. Os meninos despencavam rua abaixo, aos pinotes, numa gritaria endemoninhada, iam encontrar o séquito ainda longe para ver o elefante bem de perto, as gaiolas. Mundico ouvia o barulho atarantado e não se mexia. Estava grudado no chão, fascinado, esperando o momento inefável de apreciar o Baby em carne e osso caminhando na rua.

Agora o cortejo estava quase desaparecendo no declive da rua, mas logo tornaria a aparecer. Por enquanto o elefante era apenas uma sombra escura balançando-se na frente das gôndolas. Mundico olhava tudo em silêncio espectante e agitado e nem sentia o frio que lhe arroxeava os pés, o corpo fino coberto pelo percal incolor.

Quando o comboio sumiu-se na baixada, Mundico respirou fundo e olhou angustiado e ansioso para os lados. Nas janelas e portas as mulheres falavam alto e de longe o ar trazia os gritos frenéticos dos moleques. Êle ouvia a voz esganiçada das mulheres pronunciando nomes estranhos, nomes dos animais que viriam dentro das gaiolas e achou gozado quando uma delas falou em "tigre de bengala". Como podia ser isso? Mas, o que êle queria, de verdade, era ver o elefante, o Baby, que sabia fazer tanta coisa engraçada, o Baby que bebia guaraná como gente no picadeiro do circo. Até já sonhara com êle. Êle aparecera troteando no picadeiro, sacudindo a cabeça, cumprimentando a platéia e o palhaço ao lado dêle, fazendo pilhéria, imitando o elefante com o bastão grosso e ridículo espetado no nariz de papelão côr de rosa. Tôda gente ria, produzindo uma zoada ruidosa e alacre que subia no ar como uma onda poderosa, se diluía depois, e tornava a crescer quando o palhaço fazia micagens.

De repente, porém, tudo ficara quieto. O palhaço pusera-se a gritar ensandecido, a agitar furiosamente a bengala e o circo emudeceu transido de assombro e espanto. Aí, então, êle acordara sobressaltado e percebera que o barulho vinha da sala — era o pai brigando com a velha outra vez.

Mundico pensou, refez novamente o sonho, lembrou-se da sua angústia ao acordar e sentiu um vasio odioso dentro do peito. O velho era uma brabeza de não mais acabar, explodia por coisa de nada, falava áspero, achava tudo errado.

A impaciência crescia. Mundico esperava. Sùbitamente assustou-se, sentindo um cheiro esquesito que vinha lá de dentro, da cozinha. Pulou depressa compreendendo a massada — o feijão que a velha deixara no fogo estava se queimando e o culpado era êle. Mais uns momentos ela chegaria com a trouxa de roupa na cabeça e ficaria amofinada, pois feijão queimado era encrenca certa com o velho.

Lágrimas de ódio brotaram nos seus olhos esbraseados, enquanto deitava água na massa terrosa no fundo da panela. Mundico correu quando a algazarra rompeu na frente da casa.

Na rua a molecada atropelada corria aos lados das gaiolas, o elefante, na frente, vinha gingando o corpanzil enrugado. Como êle era grande! No lombo do animal Mundico viu um homenzinho desgrenhado, de cara aborrecida e admirou-o incrédulo.

Quando o cortejo atingiu o fim da rua Mundico teve uma vontade poderosa de correr junto da molecada, gritar também, mas lembrou-se do cheiro repelente do feijão queimado, pensou na cara aborrecida da mãe, na cara que ela iria fazer quando desse com o feijão perdido e ficou parado, inibido pela indecisão. Sacudiu, depois, a cabeça, como para dissipar os pensamentos, mudou os passos, ia já correr de uma vez quando ouviu a voz rouca da mãe:

— Mundico, vem p'rá dentro!

O feijão queimado foi um transtôrno. A velha desatou um xingatório dos diabos, mas êle não ouvia nada. Estava longe, pensava no Baby enorme dansando no picadeiro, no Baby colossal bebendo refresco, na multidão entusiasmada batendo palmas, vibrantes palmas, nas arquibancadas.

Apanhou o prato que a mãe lhe estendeu e ficou encolhido no tripé, ao canto da cozinha, ouvindo sem escutar as arengas do pai na sala. De súbito estremeceu. — E se a mãe não tivesse recebido o dinheiro da roupa lavada? Ela prometera o dinheiro. — A idéia detestável deu-lhe vontade de chorar. Um nó odioso e amargo apertava-lhe a garganta sêca. Assim que a mãe apontou na porta Mundico implorou afogado:

— Me dá o dinheiro p'ro circo, mãe?

Ela olhou contrafeita e sibilou olhando a porta da sala de soslaio:

— Tá no bule, mais deixa o pai saí.

Mundico não esperou. Deixou o prato no tripé, apoderou-se da moeda e escapuliu para o fundo do quintal. O coração batia-lhe agitado e feliz.

★

O domingo custara muito para chegar, mas viera bonito e ensolarado. Lá das bandas do Mercado, de vez em quando, vinha um urro tremendo do leão enjaulado. Os programas do circo circulavam pela cidade anunciando a matinê e a grandiosa função noturna. Os meninos da rua rondavam o serralho e vinham contando coisas espantosas dos animais. Uma alegria doida boiava no coração de Mundico. Êle ria à-toa, bobeava de contente. Ia para a sala, para o quintal, para a rua, apurava o ouvido tentando ouvir o ruido das feras. A velha nem ligava. Estava na cozinha mexendo no fogo, fazendo o almôço do pai. Quando ela chamou correu solícito. Tinha vontade de agradar, queria fazer tudo bem feito, bem depressa. Apanhou ligeiro a marmita e saiu assobiando, quase correndo. Era tarde. O velho já devia estar faminto. Aos domingos o botequim ficava sempre cheio de gente, repleto de prêtos bebedores de pinga, de velhos barbados. As conversas eram compridas. O velho, caladi[...] em casa, passava o tempo dando pros[...] Ria alto, falava bobagens. Era um home[...] diferente no botequim. Dizia até palavrõe[...] Homem esquisito, pensou.

Assim que chegou teve uma surprêsa [...] o botequim estava vasio. O pai recebeu [...] marmita e encostou-se ao fundo do cômo[...] mastigando em silêncio. Logo veio um fr[...]guês e pediu bebida. Mundico teve vo[...]de de ajudar, mas ficou parado olhando [...] fisionomia gasta do pai, esperando aprov[...]ção. O velho levantou-se, despejou a b[...]bida no copo, e fêz cara contrariada ao p[...]curar trôco na gaveta. Não tinha um c[...]zeiro para voltar ao freguês. Mundico co[...]preendeu a situação e levou impulsivame[...] a mão ao bôlso, tirou a moeda e ofereceu[...]

— Eu tenho... pai...

Mundico olhou satisfeito e feliz a c[...] do pai, esperando um olhar de agradecim[...]to, mas baixou logo os olhos, aterrado. U[...] pensamento inesperado atravessou-lhe a m[...]te ao ver o rosto inexpressivo do velho. [...] E se o pai não lhe devolvesse mais o [...]nheiro? Sim, êle podia esquecer-se. — T[...]tou dissipar a idéia importuna inùtilmen[...]

Mundico não tirava os olhos do r[...]gio pendurado no prego da pratileira. [...] rua os outros meninos passavam de ro[...] limpa, os cabelos penteados, falando a[...] contando coisas do circo, mas o pai c[...]tinuava indiferente, esquecido, de prosa c[...] a freguesia. Os fregueses entregavam m[...]das a todo momento, o pai as apanh[...] de cima do balcão e as atirava para o f[...]do da gaveta. Mundico acompanhava [...]dos os movimentos do pai, ouvia o b[...]lho das moedas caindo sôbre as out[...] queria pedir o dinheiro, ensaiava atit[...] decididas, mas quando ia falar a voz m[...]ria na garganta. O ponteiro grande do [...]lógio parecia correr. O tempo voava. [...] meninos continuavam passando satisfei[...] Mas, quando o barulho dos sinos a[...]ciando o início do espetáculo feriu os [...] ouvidos, agitou-se. Um ódio surdo c[...]çou a crescer, a agigantar-se dentro dê[...] aí êle venceu o terror de falar e p[...] com a voz estrangulada, encolhendo o [...]to e baixando os olhos de mêdo:

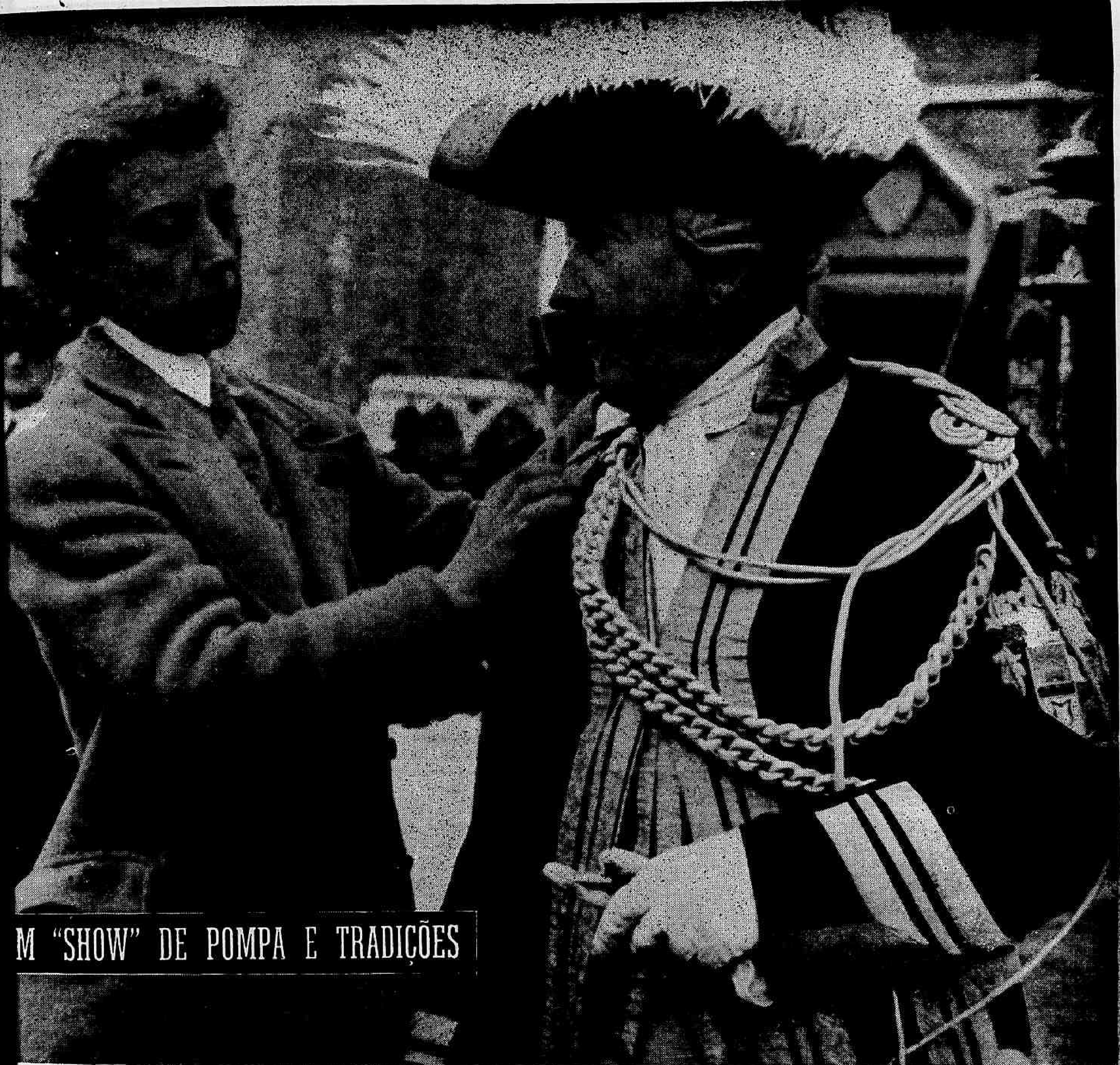
— Pai, o dinheiro! Eu queria o meu [...]nheiro...

O pai continuou a conversa indifere[...] Mundico insistiu mais uma vez. Nada [...] pai não ligava. Pediu outra vez ma[...] aí o velho voltou-se irriatdo, berrando [...] praga.

Mundico ficou petrificado. Não acred[...] por uns momentos, no que ouvira. —[...]tão, o pai não devolveria mesmo a mo[...] A sua moedinha brilhante. A moed[...] que abriria para êle as portas verm[...] do circo. Não poderia êle pois ver o [...] querido dançar no picadeiro, sacud[...] tromba bebendo guaraná? O ódio ferve[...]

(Continua na pág.

Conto de ROMEU M. CABRAL ★ Ilustração de M. QUEIROZ



M "SHOW" DE POMPA E TRADIÇÕES

de conduzir o Lord Mayor da Guildhall para o Parlamento, a fim de jurar ...r a cidade de Londres, é o seu cocheiro cuidadosamente examinado e paramentado por uma assistente da indumentária que corrige as possíveis falhas. Depois que chega ao destino, o cocheiro desce e fica na posição em que o vemos.

POSSE DE UM PREFEITO EM LONDRES

VALE A PENA SER "LORD MAYOR" DA CAPITAL BRITANICA ★ TUDO COMO SE AINDA ESTIVÉSSEMOS NO SÉCULO XVII ★ E O POVO INGLÊS, AMANTE DA TRADIÇÃO, ADORA ÊSSE RESPEITO AO PASSADO

...vo inglês não poderia dispensar um dêsses ...shows» imponentes, mesmo que o mundo ...baixo. Povo tradicional e conservador o ...em um amor profundo às suas tradições, es...nte aquelas que se referem à vida oficial e ... públicos de seus dirigentes. Apesar do sam...rumba, do swing, do maxixe, do avião a ...televisão a côres, de tudo o que a civilização ...los milagres da técnica do progresso, as ruas ...res, de quando em quando, se apresentam ... ainda estivesse a Inglaterra nos tempos de ...eare.

Não se afastam uma linha os organizadores de suas cerimônias multisseculares. Uma carruagem do século XVII pode entestar com um Cadillac rabo de peixe: uma jovem vestida a século XX (quase XXI...), bem poderá ombrear com uma dama trajada sob figurinos dos tempos da solteirona rainha Elizabeth. As páginas que publicamos dão uma idéia geral do que é a cerimônia da posse de um Lord Mayor de Londres, ou seja, o prefeito da imensa capital britânica.

Êstes flagrantes não se referem à cerimônia interna, lá na Câmara dos Comuns, ou Câmara Baixa,





ÊSTE é outro dos cocheiros do Lord Mayor, que descansa, após a tradicional e fatigante cerimônia.



FIGURANTES do imponente cortejo aproveitam os momentos de folga para repousar ou refrescar.



NA INGLATERRA os jornaleiros, ao contrário do se verifica entre nós, são geralmente homens id

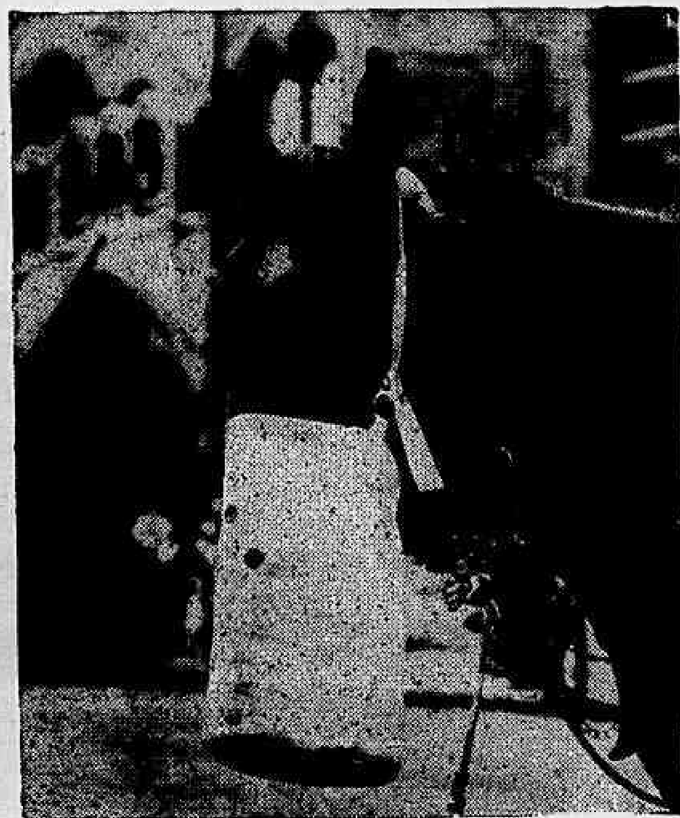
como se costuma chamar. A reportagem se fixou do lado de fora, entre os apreciadores de um «show», admirável e impressionante sob todos os aspectos. E' uma procissão pomposa, deslumbrante, coisa de contos de fadas que sòmente os inglêses sabem organizar com todos os pontos nos «ii».

Enquanto lá dentro, o Lord Mayor se submete à ritualística de um juramento que vem de tempos muito recuados vamos ver o que há na rua diante do Parlamento. Mas não pense o leitor que o espetáculo de agora seja o mesmo, exatamente, de alguns tempos passados. Não. Êste ano o «show» deslumbrante não pôde revestir-se daquela imponência tradicional, em virtude da ausência de certos elementos que emprestariam, a antiga opulência da grandiosa procissão. Mas, mesmo assim, o préstito se estendeu por cêrca de meia milha, com todo aquêle aparato reluzente, sob a cadência de bandas militares, tropas de tôdas as armas, de ra, mar e ar, batedores, policiais, bem como os pos militares integrados por mulheres.

O povo de Londres adora êsses desfiles e ac ao local onde tudo se desenvolve, ansiosos para as figuras de contos de fadas, os militares, as das de música, as carruagens medievais muito conservadas e reluzentes. E' um espetáculo de ninguém pode esquecer mais. As crianças, espe



ENQUANTO o Lord Mayor está diante da Côrte de Justiça prestando o solene juramento de cumprir o seu dever, êstes elementos do seu monumental cortejo perdem tempo e vão à esquina mais próxima a fim de se fartarem de sanduíches e belos copázios de cerveja. Entretanto, não há atropelos... nem filas



ÊSTE é um dos soldados batedores do cortejo, com sua armadura medieval, êle se desaltera saboreando um duplo de cerveja. E não esquece o cavalo, que come a ração.



ÊSTE é um guapo soldado de cavalaria que acompanha o séquito do Lord Mayor. Aceita sanduíches e cerveja que lhe oferecem e faz uma saudação.



OS CONTRASTES de Londres: cavalarianos com seus uniformes do século... sados, colocam pés e capacetes sôbre um moderníssimo automóvel século...

...mente, ficam deslumbradas. Muitas delas, vindas de fora, jamais viram coisa tão impressionante. Apenas em livros de histórias de Trancoso e no cinema, em filmes coloridos, puderam apreciar cenas tão bonitas, desfiles assim deslumbrantes. Jamais imaginaram, porém, que houvesse tudo isso, realmente, sôbre a face da terra, neste descambar para o século XXI.

E tôdas elas não despregam os olhos admirados daquele perpassar de figuras de sonho. A soldadesca, metida em uniformes dos tempos das Cruzadas; os pagens em seus indumentos vistosos, com as cabeleiras do século XVI; as carruagens que têm muitos séculos de vida; todo aquêle cortejo que relembra páginas de historiadores de centenas de anos passados, constitui, para a alma infantil e para a curiosidade do adulto, qualquer cousa de sobrenatural, de indescretível.

Todo o tráfego naquelas artérias londrinas tem que parar por completo. Multidões acorrem e se colocam ao longo dos passeios, nas praças públicas, ávidas de curiosidade para ver a passagem do Lord Mayor e de seu cortejo brilhante. Tudo ali tem razão histórica, sua natureza própria. Nada é ...provisado. Tudo obedece a uma tradição que os ...glêses sabem conservar de maneira impecável. ...carro do Lord Mayor tem que ser escoltado por ...terminado corpo de tropas. Últimamente, porém, ...rias inovações foram introduzidas quanto aos ...mentos do cortejo. Assim é que figura também ...corpo de carros policiais dotados de rádio, uma ...pécie de nossa rádio patrulha. Também se v... êste ano os cavalos com suas mochilas para ali...

OS MAIS variados aspectos do que foi a última parada da posse e juramento do Prefeito de Londres. Por êsses flagrantes se pode imaginar o que de imponente e belo há em tais "shows" que alvoroçam as ruas de Londres... povo inglês, amante da tradição, é louco por êsses desfiles e aflui em m...







VEJA-SE a imponência do cortejo do juramento do Lord Mayor de Londres, pelo "close-up" dêste cocheiro. Note-se a como é maravilhosa a aparelhagem.

DETALHES da carruagem ocupada pelo Lord Maior de Londres, cujos ornamentos de mais de três séculos, são conservados como uma das mais belas tradições.

tação enquanto esperam que o Lord Mayor termine a cerimônia da posse com o respectivo juramento.

Enquanto tudo se processa, lá dentro, os animais são bem tratados e comem suas rações com o focinho metido no saco alimentador. Mas não são apenas os animais que podem gozar de algum descanso e do direito sagrado de alimentar-se bem durante o intervalo. Cocheiros, guardas, militares do cortejo, todo mundo tem momentos preciosos de folga excelente, e vão tratar de refrescar o estômago, comer alguma coisa substancial e dar um dedo de prosa a pessoas amigas e conhecidas.

O povo se acomoda como pode e fica à espera do retôrno do Prefeito de Londres com todo o seu enorme e reluzente acompanhamento. Ninguém arreda o pé, mesmo que chova. E, se muitas vêzes os adultos têm vontade de regressar aos lares, a meninada protesta e quer ficar até ao final do espetáculo. Isso não sucede sempre, e é bom aproveitar a chance. Perdida a oportunidade, quando é que vão apreciar outro «show» dessa grandiosidade? E vão ficando, sentados nas calçadas, sôbre grades de jardins, em bancos, onde fôr possível descansar do longo tempo em pé.

E quando tudo termina lá dentro que a procissão retoma o caminho para a «Guild Hall», é com saudades que os espectadores londrinos dão adeus ao cortêjo e ainda o acompanham de longe, com os últimos olhares. O juramento de Lord Mayor de Londres é qualquer coisa séria, que vale a pena ser vista.



NOVAS E VETERANAS PARA 52

VIVIEN LEIGH ESTRELARÁ "UMA RUA CHAMADA PECADO" ★ E MAUREEN O'HARA VAI SER SUBSTITUTA DE MARIA MONTEZ EM NOVAS HISTÓRIAS ORIENTAIS ★ UMA GRANDE COLHEITA DE "NEWS-FACES" PARA A TEMPORADA VINDOURA

DESDE "...e o Vento Levou", Vivien Leigh não voltou a filmar em Hollywood. Suas últimas "performances" fizeram-se a serviço do cinema inglês, na companhia de Laurence Olivier, seu inseparável espôso; mas Hollywood despertou saudades e o casal voltou, encontrando desde logo as melhores propostas. Vivien Leigh será a protagonista de "Uma rua chamada pecado", o famoso original de Tennessee Williams já apresentado no Brasil pela atriz Henriette Morineau. Outra artista que já se considerava em disponibilidade e cujo reaparecimento terá lugar na próxima temporada, é Maureen O'Hara. Parece que ela será aproveitada pela Universal como substituta de Maria Montez em technicolors, cuja ação transcorre em terras do Oriente. E, para começar, Maureen O'Hara será a pro.agonista de "Flame of Araby". Enquanto os demais estúdios preparam uma colheita de "New-face" para os filmes mais próximos. Várias dessas revelações aparecem nas gravuras que ornamentam esta página. Shapely Norren Michaels, por exemplo, será uma esperançosa debutante em "Reunion in Reno", aparecendo ao lado de Mark Stevens e Peggy Dow. Enquanto a veterana Virginia Mayo serve de madrinha para o lançamento de Lucille Norman e Virginia Gibson em "Painting The Clouds With Sunshine". Mas as revelações do ano entrante serão em muito maior número.

SHAPELY NORREN MICHAELS será uma das primeiras revelações de 52. El[a] faz a protagonista de «Reunion in Reno», com Mark Stevens e Pegy Dow



VIVIEN LEIGH volta ao cinema americano com «Uma rua chamada pecado», peça de Tennessee William. O filme é dirigido por Elia Kazan para a Warner.



A VOLTA de Maureen O'Hara vai fazer-se no papel de uma princesa árabe, em «Flame of Araby», com Jeff Chandler. A veterana «estrêla» andou por algum tempo arredada dos estúdios e quando se pensava que estivesse encerrada a sua carreira, eis que se prepara para um reaparecimento em grande estilo.



VIRGÍNIA MAYO, Lucille Norman e Virgínia Gibson em «deshabille» para «Pointing The Clouds With Sunhine». Pode aproveitar o figurino, se quiser...



JANIS CARTER, outro broto para 1952, sua aparição dar-se-á em «Plying Leathernecks», com Robert Young. Se o talento não estiver apenas nas pernas...

A Senhora Neigeon

Conto de EMILE ZOLA

FAZ oito dias que meu pai, o senhor de Vaugelade, permitiu-me deixar o Boquet, o velho castelo melancólico onde nasci, na baixa Normandia. Meu pai tem idéias singulares sôbre a época atual e está atrasado bem meio século. Enfim, habito agora Paris que mal conhecia, por havê-la atravessado duas vêzes. Felizmente não sou desajeitado. Felix Budin, meu antigo colega do liceu de Caen, assegurou, ao ver-me, que meu aspecto era excelente e que as parisienses iam ficar loucas por mim. Isso me fêz rir. Mas, depois de Felix se haver retirado, surpreendi-me em frente a um espelho, a olhar meus cinco pés e seis polegadas de altura, muito risonho, com minha alva dentadura e meus olhos negros. Depois, dei de ombros, porque não sou presunçoso.

Ontem, pela primeira vez, passei a noite num salão parisiense. A condêssa de P***, que é como se fôsse minha tia, convidou-se para jantar. Era o seu último sábado. Ela queria apresentar-me ao sr. Neigeon, um deputado de nosso distrito de Gommerville, que acaba de ser nomeado subsecretário de Estado, e que dizem estar em vésperas de ser ministro. Minha tia, muito mais tolerante que meu pai, declarou-me peremptòriamente que um rapaz da minha idade não podia desdenhar seu país, mesmo que êste fôsse uma república. Quer colocar-me num lugar qualquer.

— Encarrego-me de catequizar êsse velho cabeçudo que é de Vaugelade — disse-me. — Deixe-me agir, meu caro Jorge.

Precisamente às sete horas, chegava eu à casa da condêssa. Mas parece que se janta bem tarde em Paris; os convidados chegavam um a um, e às sete e meia nem todos haviam chegado. A condêssa me disse com ar de desespêro, que não pudera conseguir o comparecimento do sr. Neigeon, a quem uma complicação parlamentar qualquer retivera em Versailles. Contudo, ainda esperava que êle aparecesse por um momento, mais tarde. Desejosa de compensar sua ausência, convidara outro deputado do nosso departamento, o enorme Gaucheraud, como o chamamos lá na terra, e que eu conhecia de uma caçada que fizéramos juntos. Êsse Gaucheraud é um homem baixote, jovial, que há pouco deixou as suíças crescerem, a fim de emprestar gravidade a seu aspecto. E' natural de Paris, e filho de modesto advogado sem fortuna; mas tem em nossa terra um tio rico e de muito prestígio, que êle conseguiu não sei como, persuadir a lhe ceder uma candidatura. Eu ignorava, aliás, que êle fôsse casado. Minha tia colocou-me, à mesa, ao lado de uma senhora loura e jovem, de distinto e encantador aspecto, que o enorme Gaucheraud chamava de Berta, em voz muito alta.

Os convidados, afinal, acabaram por chegar todos. Ainda estava claro o salão que dava para o poente, quando passamos de súbito para um aposento de cortinas cerradas, iluminado por um lustre e lâmpadas. A impressão foi estranha. Por isso, enquanto nos sentávamos, conversávamos sôbre os últimos jantares do inverno, que o crepúsculo torna melancólicos. Minha tia detestava isso. E a conversação eternizou-se nesse assunto, na tristeza de Paris que a pessoa atravessa ao entardecer, quando se dirige de carro para onde a convidaram. Eu me conservava calado, mas não experimentara absolutamente, tal sensação no fiacre, que todavia me sacudira impiedosamente durante perto de meia hora. Paris, aos primeiros clarões do gás, infundira-me um desejo imenso de todos os prazeres em que ela ia arder.

Quando serviram as entradas, as vozes altearam-se e conversou-se sôbre politica. Surpreendi-me ao ouvir minha tia expressar sua opinião. As outras senhoras, aliás, estavam a par do assunto, referiam-se aos homens em evidência empregando apenas seus nomes julgavam e decidiam. Na minha frente, Gaucheraud ocupava um espaço enorme, falava muito, sem parar de beber e comer. Essas coisas não me interessavam, muitas me escapavam, e eu acabara por me preocupar apenas com minha vizinha, a senhora Gaucheraud, Berta, como eu já a estava chamando, para resumir. Ela era realmente lindíssima. Suas orelhas principalmente, pareceram-me encantadoras, umas orelhinhas arredondadas, atrás das quais se enroscavam cabelos louros. Berta possuía uma dessas nucas perturbadoras de loura, cobertas de cabelinhos. Quando ela fazia certos movimentos com os ombros, sua blusa de decote quadrado ficava um pouco folgada atrás e eu acompanhava, do pescoço à cintura, uma leve ondulação de gata. Agradava-me menos seu perfil algo acentuado. Ela falava sôbre politica, com mais animação que as outras.

— Senhora, quer vinho?... Passo-lhe o sal, senhora?

Fazia-me delicado, adivinhava seus menores desejos, interpretando-lhe os gestos e os olhares. Ao sentar-se à mesa, ela me olhara fixamente, como que para julgar-me de uma só vez.

— A politica o aborrece — disse-me afinal. — Quanto a mim, enfada-me. Mas, que quer? E' preciso conversar. Agora só se conversa sôbre isso nas reuniões sociais.

Depois, saltou de um assunto para outro.

— E' bonita Gommerville? Meu marido queria, no verão passado, levar-me à casa de seu tio; mas tive mêdo, pretextei estar enfêrma.

— A região é muito fértil — respondi. — Há belas campinas.

— Bom! já sei o que pensar — disse ela rindo. — E' pavoroso. Uma região inteiramente plana, campos e mais campos, com a mesma cortina de plátanos de longe em longe.

Quis protestar, porém ela já se desinteressara e discutia uma lei sôbre o ensino superior com seu vizinho da direita, homem grave, de barba branca. Afinal, lalou-se sôbre teatro. Quando ela se curvava para responder a uma pergunta que lhe faziam da extremidade da mesa, a ondulação felina de sua nuca mexia comigo. No Boquet, em meio à impaciência contida de minha solidão, eu sonhara com uma amante loura; porém ela era vagarosa com uma nobre fisionomia, e a cara de rato, os cabelinhos crespos de Berta atrapalhavam-me o sonho. Depois, quando já estavam servindo os legumes, descambei para uma história maluca, cujos pormenores eu ia inventando progressivamente: estávamos sòzinhos, ela e eu; eu lhe beijava no pescoço e ela voltava-se sorrindo; partíamos, então, juntos, para um país muito distante. Chegava-se à sobremesa. Nesse instante ela se aproximou de mim e disse-me em voz baixa:

— Passe-me aquela caixinha de confeitos, ali na sua frente.

Seu olhar pareceu-me de uma suavidade cariciosa, e a leve pressão de seu braço na manga de minha casaca me aquecia deliciosamente.

— Adoro tudo o que é feito com açúcar, e o senhor? — continuou ela, mordendo uma fruta cristalizada.

Essas simples palavras perturbaram-me, a tal ponto que me acreditei apaixonado. Como levantasse a cabeça, avistei Gaucheraud, que me olhava conversar baixinho com sua mulher; tinha a fisionomia alegre, sorria com ar animador. O sorriso do marido acalmou-me.

Enquanto isso o jantar terminava. Não me pareceu que os jantares de Paris fôssem muito mais espirituosos que os jantares de Caen. Sòmente Berta me surpreendia. Minha tia queixara-se do calor, e as pessoas voltaram à conversa inicial, comentaram as recepções da primavera, concluindo que só se comia realmente bem no inverno. Depois, fomos tomar café no salãozinho.

A pouco e pouco, chegou muita gente. Os três salões e a sala de jantar enchiam-se. Eu me refugiara a um canto, e minha tia, ao passar junto de mim, disse-me ràpidamente:

— Não saias, Jorge... A mulher dêle chegou. Êle prometeu vir buscá-la e eu te apresentarei.

Referia-se ao senhor Neigeon. Mas eu não a ouvia. Acabava de ouvir umas poucas e rápidas palavras trocadas à minha frente por dois rapazes e sentia-me perturbado. Êles estavam junto a uma das portas do grande salão, e no instante em que Felix Budin, meu antigo colega de Caen, entrava e cumprimentava a senhora Gaucheraud, o mais baixo dissera ao outro:

— Êle ainda continua com ela?

— Sim, — respondera o mais alto. — Ó! uma ligação em regra. Agora, isso durará até ao inverno. Nunca ela ficou tanto tempo com um só.

Isso não representou para mim grande sofrimento, senti apenas um leve choque em meu amor próprio. Por que me havia ela dito, em voz tão cariciosa, que adorava tudo que era feito de açúcar? Certamente que eu não pretendia disputá-la a Felix. Contudo, acabei por me persuadir que aquêles caluniavam a senhora Gaucheraud. Eu conhecia minha tia. Ela era muito rigorosa, não podia tolerar em sua casa mulheres faladas. Gaucheraud acabava exatamente de correr ao encontro de Felix, para lhe apertar a mão, e dava-lhe palmadinhas amistosas no ombro, envolvendo-o num olhar enternecido.

— Ah estás aqui, — disse-me Felix quando me descobriu. — Vim por tua causa... E então? Queres que te guie?

Ficamos ambos no vão da porta. Eu bem gostaria de interrogá-lo sôbre a senhora Gaucheraud; mas não sabia como fazê-lo de maneira despreocupada. Enquanto busava uma transição, interroguei-o sôbre muitas outras pessoas que eram perfeitamente indiferentes. E êle dava-me seus nomes, fornecia sôbre cada uma informações precisas. Filho de Paris, êle passara dois anos apenas no liceu de Caen, na época em que seu pai fôra prefeito de Calvados. Achei que êle se estava expressando com extrema liberdade. Um sorriso vincou-lhe o lábio inferior, quando lhe pedi pormenores sôbre determinadas mulheres ali presentes.

— Estás olhando para a senhora Neigeon? — disse-me êle de súbito.

Na verdade, eu estava olhando para a senhora Gaucheraud. Por isso respondi bem tolerante:

— Senhora Neigeon? Ah! Qual?

— Aquela mulher morena, junto da lareira, que está conversando com uma loura, decotada.

De fato, junto à senhora Gaucheraud, rindo-se alegremente, estava uma dama em que eu não reparara ainda.

— Ah! E' a senhora Neigeon — repeti duas vêzes.

E examinei-a. Era muito desagradável que ela fôsse morena, porque também me pareceu encantadora; um pouco mais baixa que Berta, com um magnífico diadema de cabelos negros. Possuia olhos vivos e ternos. O nariz era pequeno, os lábios delicados, as faces tinham covinhas e indicavam uma natureza simultâneamente turbulenta e meditativa. Tal foi a minha primeira impressão. Mas, fitando-a com mais vagar, meu julgamento perturbou-se, e não tardei a vê-la mais louca ainda que sua amiga, rindo mais alto.

— Será que conheces Neigeon? — perguntou-me Felix.

— Eu, absolutamente. Minha tia vai apresentar-me a êle.

— Oh! E' uma criatura nula, um perfeito tolo, — continuou. — E' a expressão máxima da mediocridade politica, um dêsses tapa-buracos, tão úteis no regime parlamentar. Como não possui duas idéias próprias e todos os chefes de gabinete podem utilizá-lo, tem figurado nas combinações politicas mais variadas.

— E a mulher dêle? — perguntei.

— A mulher dêle? Tu a estás vendo. E' encantadora... Se pretendes qualquer coisa dêle, corteja-lhe a mulher.

Felix, aliás, aparentava não querer acrescentar nada mais. Mas deixou-me, finalmente, perceber que a senhora Neigeon fizera a fortuna do marido e que ela continuava a zelar pela prosperidade do casal. Paris em pêso apontava-lhe amantes.

— E a moça loura? — perguntei sùbitamente.

— A moça loura, — respondeu Felix sem se perturbar — é a senhora Gaucheraud.

Ilustração de GIL RIBEIRO

– Será honesta, essa?

– Sem dúvida que é honesta.

le revestira um ar sério que não pôde conser-; voltou-lhe o sorriso, pareceu-me até ler em rosto certa fatuidade que me desagradou. As s mulheres haviam, sem dúvida, reparado que vamos entretidos com elas, porque redobravam risadas. Uma senhora levou Felix e eu fiquei nho. Passei a noite a compará-las uma com utra, magoado e atraído, sem compreender bem, tindo a ansiedade de um homem que receia eter alguma tolice, aventurando-se num mundo ainda não conhece.

– Êle é insuportável, não chega, — disse-me a ha tia ao me encontrar no mesmo vão de porta. ás, é sempre assim... Enfim, é apenas meia-e, a mulher dêle ainda está à sua espera.

ei a volta pela sala de jantar e fui colocar-me outra porta do salão. Fiquei, assim, atrás das s senhoras. Ao chegar, ouvi Berta chamar sua ga de Luísa. Luísa é um lindo nome. Ela es-a com um vestido de gola alta cujos franzidos xavam visível apenas a linha branca do pes-o, debaixo do coque espêsso. Essa alvura dis-a pareceu-me, um instante, muito mais provo-ora que as costas inteiramente nuas de Berta.

epois, deixei por completo de opinar: ambas n adoráveis e a escolha parecia-me impossível estado de perturbação em que me encontrava. nquanto isso, minha tia procurava-me por tôda te. Era uma hora.

– Então mudaste de porta? — disse. — Ora, não virá. Êsse Neigeon salva a França tôdas noites... Pelo menos te apresentarei à mulher . Sê amável, é importante.

em aguardar minha resposta, a condêssa pu-me em frente à senhora Neigeon, apresentan-me e contando-lhe meus negócios, tudo numa frase. Senti-me canhestro, mal encontrei algu-palavras. Luísa esperava, sorrindo sempre; ois, quando viu que eu nada mais dizia, in-ou-se apenas (*). Ambas se haviam levan-o e se retiravam. No vestíbulo, onde o ves-io estava instalado, tiveram um acesso de louco . Êsse desembaraço, êsses modos provocantes, graça desenvôlta, surpreendiam apenas a mim. homens afastavam-se, cumprimentavam-nas ao ar, com um misto de extrema polidez e de ca-adagem mundana que me deixava estupefato.

elix oferecera-me um lugar em seu carro. Mas pei-me, porque desejava estar sòzinho, e não ei fiacre, feliz de caminhar a pé pelo silêncio solidão das ruas. Sentia-me febril, como na nência de alguma enfermidade grave. Seria, o, uma paixão que nascia em mim? Como os antes que pagam seu tributo a novos climas, a ser pôsto à prova pela atmosfera de Paris.

II

oi na tarde de hoje que voltei a ver as duas oras, no Salão de Pintura, que se inaugurou amente hoje. Confesso que sabia dever encon-las aí e que ficaria em grandes dificuldades me pronunciar sôbre o valor dos três ou ro mil quadros diante dos quais passei du-e quatro horas. Felix oferecera-se, ontem, para apanhar-me ao meio-dia; almoçaríamos num aurante dos Campos Elísios e depois iríamos Salão.

enho refletido muito, desde o sarau da con-a, mas confesso que isso não me clareou muito déias. Que sociedade estranha, a sociedade pa-ense, simultâneamente, tão polida e tão corrupta! ão sou absolutamente um moralista inflexível, nem por isso deixo de me constranger à lem-ça das enormidades que ouvi os homens di-n, pelos cantos do salão de minha tia. A ditar nas cruas palavras trocadas a meia voz, da metade das mulheres ali presentes condu-n-se como vagabundas; e havia, sob a urbani-e das conversas e das maneiras, uma brutali-e de apreciação que a tôdas despia, as mães, lhas, maculando tanto as mais honestas quanto nais comprometidas. Como saber a verdade no daquelas histórias temerárias, daquelas afir-vas do primeiro recém-vindo que decidiam sô-a virtude ou o impudor de u'a mulher? A cípio eu pensara que minha tia, apesar do que pai falava, recebia gente bem ruim. Mas Felix garantia acontecer o mesmo em quase todos os salões parisienses; as próprias donas de casa severas tinham que se mostrar tolerantes, sob pena de suas residências deixarem de ser freqüentadas. Minha primeira revolta se havia apaziguado, ficara-me apenas a necessidade sensual de me aproveitar também dessas facilidades do prazer, dêsses gozos oferecidos com uma graça tão perturbadora.

Havia quatro dias que eu não podia despertar pela manhã, em meu pequeno apartamento da rua Laffitte sem pensar em Luísa e em Berta, como eu as chamava familiarmente. Ocorrera comigo um fenômeno singular, eu acabara por confundi-las. Agora tinha certeza de Felix ser realmente o amante de Berta; mas isso não me magoava, pelo contrário: via nesse fato um incentivo, a certeza de me fazer amar. Por isso as associava: se haviam cedido a outros, por que não cederiam também a mim? Isso constituía o tema constante de uma deliciosa meditação, quando eu despertava. Demorava-me na cama, gozando o calor das cobertas, virando-me vinte vêzes com uma preguiça feliz dos membros. E evitava emprestar nitidez fôsse ao que fôsse, porque eu elaborava sempre a meu bel-prazer. Podia; assim, requisitar quanto às circunstâncias que me entregariam um dia Berta ou Luísa, não queria mesmo saber com exatidão qual delas. Levantava-me, por fim, absolutamente certo de que me bastaria escolher, para ser o senhor de uma ou de outra.

Quando entramos na primeira sala da exposição de pintura, admirei-me da multidão considerável que aí sufocava.

(Cont. na pág. 48)



(*) *Pareceu-me que a senhora Gaucheraud escaçoando de mim.*

JUVENIS



NOVA seleção de modelos para a juventude, traçados com muito bom gôsto e inspirados no espírito da época, aqui se encontram, oferecidos pelo lápis hábil de Ramon. Quatro figurinos entre os quais mademoiselle há de encontrar o de sua predileção. Todos apresentam simplicidade de talhe, muita elegância e são próprios para confecção em tecidos leves, destinados à praia ou à montanha. Boleros, golas bem largas, cinturas bem estreitas, laços e **godets**, ombros nus ou cobertos — para tôdas as preferências.



Um verdadeiro amor



















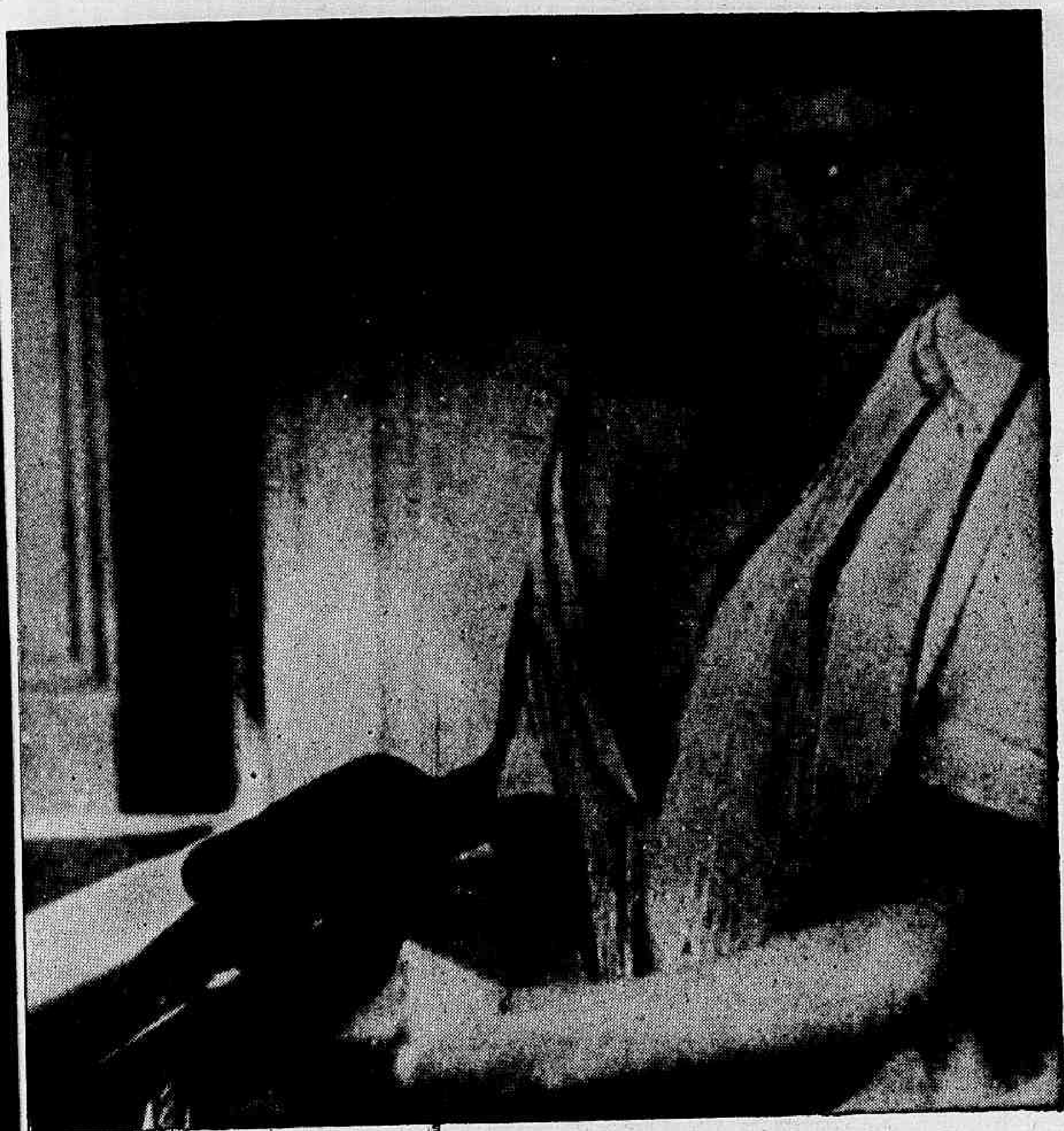








AVENTURA • SENSAÇÃO • INTERESSE



TUDO PORÉM DENTRO DE UM INFLEXÍVEL CRITÉRIO DE SELEÇÃO

É o que os leitores encontram em algumas histórias que completam os mil assuntos diversos do

"ALMANAQUE EU SEI TUDO"

Á VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAIS DO BRASIL POR Cr$ 25,00

Informações sôbre o Ano — Calendário Católico e Calendário Israelita

•

OS MAIS BELOS CONTOS DE AMOR RICAMENTE ILUSTRADOS

•

Um magnífico e empolgante romance: "ESTRELA DA MANHÃ"

HISTÓRIAS PARA ADULTOS E PARA CRIANÇAS, PARA O HOMEM E PARA A MULHER.

ANEDOTAS ★ CHARADAS ★ CURIOSIDADES SÔBRE A VIDA ★ NOTAS PARA O LAR ★ QUEBRA CABEÇAS ★ PASSA-TEMPO.

Leia o "ALMANAQUE EU SEI TUDO" um livro com cêrca de 400 páginas escolhidas e feitas para todos os gostos do público

ATENDE-SE PELO REEMBÔLSO POSTAL

CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA MARANGUAPE, 15 — RIO DE JANEIRO



Para o Cock-tail





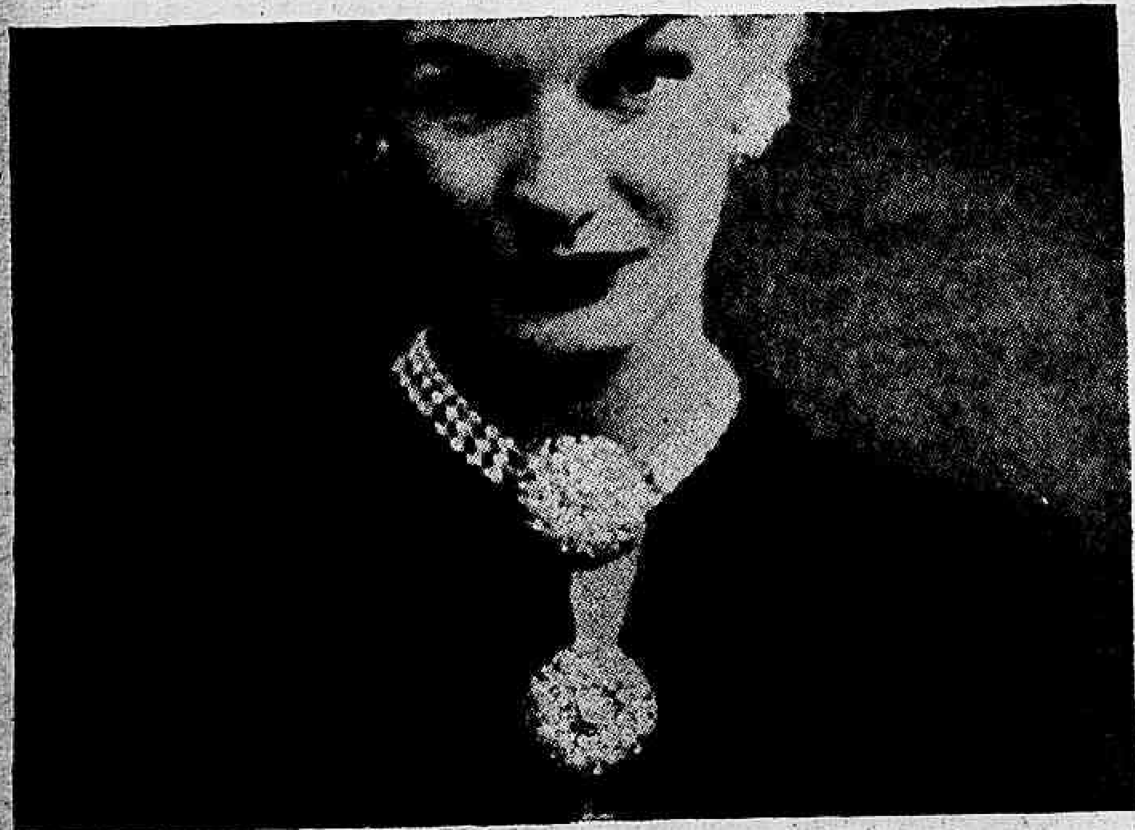
SEIS modelos variados, cada qual mais elegante, para a hora do aperitivo. Uma saia em faile, bastante rodada, usada com blusa de malha, bordada a pedras. Um lindo vestido, com decote, em renda preta e fôrro de cetim claro. Um modêlo sem alças, com saia godé franzida, também em renda preta, forrado de cetim. E outro em tafetá natural, a saia bastante justa com uma parte drapeada. O corpo tem também drapeado formando a gola. Qualquer dêsses figurinos, de fácil confecção, resulta muito próprio para madame ou mademoiselle.











A SILHUETA

Para 1952

MULHERES elegantes, de linha flexível, com poucas gord… ras, vão predominar no ano entrante. E aqui estão a… guns vestidos, em côres escuras, bastante usadas mesmo duran… as estações quentes, pois tem a propriedade de transmitir aos m… delos com que são confeccionados, uma nota de absoluta distinç… Saias justas, com sôbre-saias em godé pregueadas e tecidos men… pesados; "duas peças" confeccionadas em faile, a saia bastante g… dé e o casaco transpassado, de mangas compridas, com aba ligeir… mente godé — vestidos ligeiros, abotoados de alto a baixo, ou e… faile prêto, cada um dêles se impõe mais pela elegância.






A SAÚDE DO BEBÊ

A CRIANÇA E A ESCOLA

Dr. SABOIA RIBEIRO

DEVE a criança, completados seus seis anos, ingressar na escola. E' na escola que ela encontra o melhor com que preencher suas horas, enfarando-se, ao contrário, se encerrada em casa e isolada do convívio fagueiro dos companheiros. Naturalmente, quer-se aludir, aqui, à escola adequada à sua idade, e onde as obrigações se mesclam de um certo espírito recreativo, ou se revestem de um caráter de constantes atrativos e encantos.

A vida prêsa, ao contrário, só lhes traz enfados e rabujices, naquela idade.

O próprio da criança, então, é o movimento, e a educação deve, pois, atender a essas características do seu ser, dentro de programas bem orientados e dosados.

Há, ademais, um sentido psicológico com o ingresso do pequeno no seu estabelecimento educacional.

Notadamente nos que já trazem um tal ou qual desvio, que denuncia o menino indisciplinado, ali é que vão sentir, na observação reiterada dos outros, e em si próprios, a consciência do dever, e o princípio da hierarquia, a que todos estão sujeitos, na comunidade.

Encarar a escola, nessa idade, como uma mortificação ou uma pena, é, sem dúvida, um êrro de apreciação que nada justifica.

Se para indivíduos já feitos, e sentindo-se cansados, uma fuga para o repouso, livre de outras preocupações, dão resultados benéficos, que se fazem logo sentir com constância habitual, êrro é aplicar à criança o mesmo recurso, a título de poupar-lhes e fortalecer-lhes o sistema nervoso.

"O meio mais eficaz para agir sôbre as crianças, vantajosamente, pelo exemplo, é o convívio com meninos da mesma idade, a freqüência dos jardins de infância e escolas públicas", escreve Czerny.

E' o caminho certo de livrar a criança, salvo naturalmente exceções honrosas, de muitas concessões que conduzem, aqui, à manha, logo mais ao espírito de obstinação e tirania, patenteado, sobretudo, entre os chamados filhos únicos.

A necessidade do regime escolar, aliás, ocorre de maneira especialmente indicada, tratando-se, justamente, dêsses filhos únicos, ou filhos de pais nervosos.

O ideal mesmo, num e noutro casos, seria o próprio internamento escolar.

A êste respeito escreve Czerny: "E' curioso que pais nervosos possuam a idéia preconcebida de que qualquer outra pessoa seja menos apta do que êles próprios à educação de seus filhos. A experiência médica, entretanto, ensina justamente o contrário: muitas vêzes, só é possível melhorar o estado nervoso dêsses meninos furtando-os, transitòriamente ou por longo prazo, à influência nefasta de seus pais, entregando-os a estranhos.

Ninguém ensina a êsses meninos subordinação e domínio de si mesmos.

Êsse freqüente êrro educativo dos filhos únicos se acompanha de conseqüências funestas. Na casa paterna ninguém reputa extraordinário permitir à criança tudo que deseja, o que numa família numerosa, devido à necessidade imprescindível de manter ordem e disciplina, naturalmente se condena.

O observador, porém, colocado num ponto de vista objetivo, sem contato íntimo com a família, classificará sempre uma criança tratada com tal liberdade como "mal educada".

Demais, só a escola permite a prática, sob maneira aceitável e prazenteira, dos exercícios físicos, visando a melhoria do corpo e incremento das funções nutritivas. Os exercícios, habitualmente, trazem o aumento do apetite, o que só por si, em muitos casos, corrige as situações em que êle está diminuído ou ausente.

De resto, "as ocupações que se podem oferecer a uma criança na própria casa, depois de seis anos, sempre são, em qualquer hipótese, menos adequada do que a escola" — e isto indica o caminho a seguir e cujas vantagens procuramos tornar sensíveis nestes curtos períodos.

CORRESPONDÊNCIA DAS MÃES

B.V. — Nesta — A diminuição do aproveitamento escolar pode estar relacionada com moléstia nervosa ainda mal definida. Isto, evidentemente, partindo do pressuposto que a escola é boa, e bons os mestres. Naturalmente, o exame e a observação direta do escolar, nesse caso, se tornam indispensáveis; só assim poder-se-á admitir se o defeito está nela ou nos outros.

L. G. — Irajá — Pequenos defeitos mentais da criança, na primeira idade, nem sempre são fáceis de diagnosticar. Via de regra, no período escolar é que se mostram, sobretudo, pela falta de atenção, e se esta se mostra menos compatível com o ensino, então convém protelar o ingresso escolar para mais tarde, devendo ser a criança assistida por médico.

A MOEDA

(Cont. da pág. 26)

tra vez. Mundico teve vontade de gritar: Ladrão! Ladrão! Ladrão! Roubou meu dinheiro. A minha moeda. Miserável! Acalmou-se, porém, e pediu novamente. Implorou:

— Eu quero meu dinheiro, pai! Eu quero...

O pai saltou furioso, com o rosto congestionado, crispou os dedos no dinheiro e atirou-o longe, na rua, espumando de raiva e rancor e bradando palavrões horríveis.

Mundico ficou paralizado de terror e estupefação. Baixou depois a cabeça e caminhou devagar. Lá fora continuou andando, sem sequer olhar para o lado onde o pai atirara o dinheiro. Sùbitamente sentiu um choque medonho. O corpo agitou-se todo e um choro convulsivo e desesperado explodiu-lhe na garganta.

O ÚLTIMO BAILE

(Cont. do núm. anterior)

Estávamos cansadíssimos, eu principalmente. Enquanto o carro rodava o sono atacou-nos sorrateiro...

Quando acordei, pela manhã do dia imediato, já os ponteiros rondavam as 7 horas. Aquela noite eu fôra prêsa de um pesadelo horrível. As poucas horas que dormi deixaram-me ainda sonolento, estava fatigado. Meus olhos ardiam como brasas. Mesmo assim, quando minha irmã me despertou, a custa de muito esfôrço, consegui levantar-me.

Deveria estar na Repartição às 8 horas. Aprontei-me ràpidamente, tomei o café que Nanci sempre preparava especialmente para mim, e zarpei para mais um dia de azáfama.

Minha irmã fêz-me pensar em Dulce, queria pormenores do baile. Escuseime no momento, sugerindo deixar para mais tarde. Cumpri o que prometi, dada a sua insistência.

O relógio da Repartição acusava pouco mais de 11 horas.

Máltus e Rodolfo fitaram-me indicando que o instante chegara. O telefone descansava na mesa da Chefia. Algo de misterioso parecia encerrar aquela situação, agitada pela nossa preocupação de vencer. Meus amigos mostravam-na, claramente, que também se deixaram guiar na senda fatal da deslealdade e hipocrisia.

Eu, por conseqüências, já me havia resignado à derrota. Carecia de esperanças, o que não acontecia a meus dois companheiros que até haviam paralisado seus serviços... A contenda precisava ter um vencedor, ao menos para compensar todo o nosso empenho!

Súbito, a campainha do telefone tilintou, 11 horas em ponto, precisamente à hora combinada! Abalou-nos ao mesmo tempo. Nenhum de nós tivera a ousadia de ocupar-se em atendê-lo. E continuava a chamar insistentemente, como um ser racional, nervosamente. Entreolhamo-nos estáticos, à espera de que alguém acudisse ao aparelho e aclamasse o vencedor...

Uma colega do escritório foi quem atendeu. Tamanho fôra o meu espanto, maior que o dos amigos, quando ela ofereceu o fone na minha direção e confirmou:

— Para você, Délio!

Senti um nó na garganta a sufocar-me. Seria mesmo para mim aquêle telefonema? Seria de Dulce? — foram as perguntas que me vieram logo à baila. Meus companheiros ficaram na expectativa...

O que se passou, depois, tão brusco fôra, qual um tiro me tivesse vazado o peito. Fiquei petrificado, o fone colado ao ouvido. Balbuciava, meio convulso, enquanto da outra distância a voz estranha me dava a triste nova. Dir-se-ia ser uma voz esquisita, um prenúncio do céu, até hoje não a identifiquei. Fôsse aquêle, porventura, o maior choque que eu poderia sofrer na vida...

Depositei, patético, o fone no gancho. Os amigos vieram em meu encalço, pois eu ganhara a aposta. Chamaram-me de "D. Juan", dispararam diversos, coisas de rapazes.

O que êles ignoravam, também não lhes pude revelar, é que eu triunfara a custa de uma vida. Era o preço da minha ambição pois, na realidade, eu perdera aquela aposta que se tornara um sacrilégio. O [illegible] da minha alma falava melhor, [illegible]tava aos quatro ventos, magoando-me: "Dulce suicidou-se! Suicidou-se por um amor desiludido!". Por "mea culpa... mea culpa"!

Hoje, guardo apenas uma saudade imorredoura. Para Dulce só existia um amor único, e êste fôra frustrado... Eu não soube compreendê-la. Era mais que digna, era uma santa!

Sua família devia estar inconsolável, lastimando fervorosamente a sua perda. Quem sabe, talvez a filha única, a caçula, criada com carinho em plena mocidade. Demais, ausentar-se daquela maneira violenta, no gosto de pensar...

A voz afirmara que ela procurara morte acidental, ignorava o motivo do seu último gesto. Imaginei que a voz fôsse de uma amiga dela que talvez, descobrindo meu telefone no caderninho particular de Dulce, pensasse ser eu o namorado, e viera avisar-lhe para atenuar o sofrimento.

Afirmo, cônscio da minha responsabilidade, ante juizes implacáveis, não sinto remorsos, tão pouco receio nada, enfim, estou sereno. Porque decidi que a minha existência pertencerá sempre, doravante, a alguém. A alguém de que só agora sinto a ausência, mas de quem conservarei a imagem no fundo do coração. Dulce, agora, é parte do meu ser, minha vida, meu amor; trago-a comigo, no âmago do coração enternecido! Quero lembrá-la, hei de senti-la e ouvi-la, quero guardar sua figura angelical! Que Deus me deixe sofrer com resignação pelo crime de feri-la durante o nosso último baile.

Estranha Felicidade

(Cont. do núm. anterior)

O vento prosseguia rugindo lá fora e eu aturando o relato cansativo da tragédia:

— E fui injusto, confesso. Tomei a sério uma simples rusga e a abandonei. Lúcia começou a definhar. Contavam-me que ela pedia constantemente a morte. Para encurtar a história, quando ela já estava agonizante, me chamaram. Fui correndo. Nos deixaram sòzinhos e ela morreu nos meus braços.

O homem suspirou profundamente.

— O senhor vai ver como ela [illegible] hoje. Essa gente daqui não me acredita e querem me mandar para o asilo, dizendo que estou doido. [illegible] evito sair à rua de dia por causa disso e das crianças que me aperreiam. Mas o senhor não vai deixar que me mandem para o asilo, não é?

Para meu espanto, agora se exaltou de vez. Levantou-se e gesticulou desordenado. Acalmei-o como pude. Sucedeu-lhe uma crise de chôro, finda a qual se fechou num mutismo completo. Eu procurava uma palavra, uma só que fôsse, de consôlo para remediar a situação, porém inùtilmente. O silêncio, só não era absoluto porque o tumultuava o ofêgo do excêntrico personagem, e eu parecia ouvir o latejar de minhas próprias fontes.

(Cont. na pág. [illegible]

Week-end na Cozinha

MÔLHO MOUSSELINE

Leve ao fogo uma caçarola com 2 colhe-
es de água, 2 de vinagre, e deixe reduzir
té à metade. Retire do fogo, junte sal, 1
olher de água e 3 gemas. Misture bem e
ve a caçarola para o fogo dentro de uma
anela com água a ferver. Junte então, sem-
e mexendo 200 gramas de manteiga aos
oucos, assim como 4 colheres de água, tam-
ém intercalado com a manteiga e aos pou-
os, para o môlho ficar mais leve. No mo-
ento de servir, junte 2 colheres de creme
e leiteria batido.

BOLINHOS DE ARROZ

Lave 1 quilo de arroz em diversas águas e
eixe escorrer numa peneira. Deite 1 colher
e banha numa caçarola e aí frite 1/2 co-
er de cebola picadinha, depois junte o arroz
vá mexendo com a colher de pau, para re-
gar por igual. Junte 1 ramo de cheiro,
l e cubra com água a ferver. Deixe um
uco em fogo forte e depois em fogo bem
aco, com a caçarola tapada. Pronto, adi-
one 1 colher de manteiga, 1/2 xícara de
ite e 3 gemas. Leve novamente ao fogo
ra ligar. Deixe esfriar, faça bolinhos acha-
dos e frite em banha quente.

ROQUETES DE BATATA COM LIMÃO

Tome 1/2 quilo de batatas, descasque, par-
em quatro e leve a cozinhar em água fria
sal. Escorra bem e leve a secar na bôca
fôrno. Passe pelo espremedor, junte umas
gemas, tempere com sal e, um nada de
sca de limão ralado. Deixe descansar 1/2
ra. Faça as croquetes bem pequeninas,
sse em ovos batidos e em pó de pão torrado
m claro. Frite na banha e arrume em ta-
leiro forrado de papel pardo, onde pode-
esquentar antes de servir.

TOMATES COM MAIONESE

Cozinha-se 3 ovos, que se picam bem, se-
arando as claras das gemas. Batem-se duas
mas como para maionese, temperam-se e
crescenta-se presunto picadinho. Corta-se
ma tampa, numa das extremidades dos to-
ates, retira-se o miolo, e recheia-se com o
uizadinho de ovos picados, maionese e pre-
unto, enfeitando com azeite e ovos cozidos.
rrumam-se os tomates recheados sôbre fô-
as de alface.

COQUILLES DE CARNE

Corta-se um guizadinho, bate-se bem, acrescenta-se toucinho bem picadinho, que se refoga com cebola e bastante tempêro verde. Deita-se nesta mesma gordura do refogado o guizadinho, que se cozinha em bastante fogo. Depois de pronto, arruma-se em conchinhas cobre-se com môlho branco e enfeita-se com rodelas de ovos cozido e azeitonas.



SAVARIN DE CAMARÃO

Faz-se um savarin do seguinte modo: junta-se numa terrina 250 gramas de farinha de trigo, 150 gramas de manteiga, um pouco menos de meia xícara de fermento de cerveja, 1 colherinha de chá de açúcar, uma pitada de sal, 2 colheres de leite e 4 ovos inteiros. Bate-se tudo como se fôsse um bôlo até abrir bolhas. Unta-se bem de manteiga uma fôrma grande redonda e lisa, furada no centro Despeja-se dentro a massa até a um pouquinho acima do meio e abafa-se para que ela cresça, quando estiver crescida até encher a fôrma leva-se esta o forno regular e, enquanto, assa, prepara-se o seguinte recheio: refoga-se, com todos os temperos passado na máquina, 1 quilo de camarão grandes, junta-se uns tomates, um pouquinho de água deixando-se cozinhar por uns minutos. Retiram-se então, os camarões do môlho formado e separam-se alguns, maiores, cortando-se os outros em pedaços. Junta-se, ao môlho que ficou na panela, 1 colher de massa de tomates, 1, rasa de maisena e uma xícara de leite: tempera-se tudo de sal e pimenta do reino, leva-se ao fogo para engrossar, passa-se na máquina ou peinera e junta-se os camarões que se picaram; leva-se novamente ao fogo para ferver juntando-se então uma colher de manteiga Despeja-se êste molho fervendo em cima do savarin, que deve estar bem quente e virado num prato redondo, enchendo-se o centro. Com os camarões grandes que foram reservados e também aquecidos, enfeita-se o savarin em volta e por cima.



CAMARÃO RECHEADO

Compra-se camarão com casca. Retira-se com cuidado as cabeças e as caudas. Esmaga-se o camarão, depois de cozido e temperado com todos os condimentos e bastante pimenta. Escolhe-se uns camarões graudos e bonitos, que se deixa no tempero. Antes de arrumar. Passa-se ligeiramente no azeite quente. Acrescentam-se 250 gramas de batata cozida e bem desmanchada, ao camarão esmagado e refogado. Faz-se assim uma massa que não fique muito mole. Deixa-se o refogado de camarão sôbre papel pardo, para drenar o excesso dé gordura, antes de misturá-lo com a batata e uma colher de farinha de trigo. Com esta massa enrola-se os camarões inteiros, procurando não lhes tirar a fôrma. Na extremidade maior, coloca-se as cabeças, que como as caudas, deve ser muito bem lavadas e postas de môlho nos temperos. Depois de sêcas, aplicam-se nos camarões recheados, molha-se cada uma no ôvo e na farinha de biscoito e frita-se em azeite quente.



MÔLHO DE CAMARÃO

Cozinhe 1 quilo de camarões, soque a metade e pique a outra. Toste 1 colher de sopa de manteiga com 2 colher de farinha de trigo, junte 1 colher de chá de massa de tomate, os camarões socados e môlho com 1/2 xícara de leite e o môlho que sobrou do peixe depois de coado. Ligue tudo muito bem e leve a engrossar em fogo brando para então juntar os camarões partidos.

CAPUZINHOS DE ABRICOTS

125 gramas de manteiga, 125 gramas de açúcar, 250 gramas de farinha de trigo, 1 ôvo, meia pitada de sal, casca ralada de limão e geléia de abricots. Bate-se a manteiga com o açúcar, o sal, a casca de limão e o ôvo até formar uma massa espumosa; junta-se a farinha de trigo e deixa-se a massa descansar meia hora em lugar fresco. Estende-se a massa, cortam-se rodelas de 8, 9 a 10 cm e coloca-se no centro um pouco de geléia; dobram-se os 3 lados por cima da geléia, deixa-se descansarem os capuzinhos durante umas 6 a 8 horas, pincelam-se com gema e assam-se em forno quente.

CREME DE LARANJA

1/4 de litro de leite, 1 colher de sopa de açúcar, 1 colher de café de farinha de trigo, casca ralada de 1 laranja, 1 ôvo e 1 gema.

Põe-se o açúcar, a farinha, os ovos e a casca de laranja e uma caçarola mistura-se com o leite quente e deixa-se cozinhar mexendo constantemente. Retira-se a caçarola do fogo e bate-se até o creme esfriar.

ABRICOTS E CREME

250 gramas de abricots secos, amolecidos em água durante a noite: misturam-se com 100 gramas de açúcar e deixa-se cozinhar com pouca água. Pode-se igualmente empregar abricots de compota. Arruma-se em uma vasilha guarnecendo-se o prato com alguns abricots inteiros.

MANJAR DE PÃO PRÊTO

100 gramas de pão prêto, 100 gramas de açúcar, 1 xícara de nata, 1 colher de sopa de caldo de limão. Passe-se o pão prêto pela máquina de ralar, e deixa-se queimar um pouco o açúcar em uma frigideira de ferro. Mistura-se depressa o pão ralado ao açúcar queimado, põe-se em uma assadeira untada com azeite e deixa-se esfriar. Passa-se depois tudo mais uma vez pela máquina, mistura-se com o creme Cahntilly batido e com o caldo do limão, põe-se em um prato, arruma-se em formas ou pirâmide e enfeita-se com frutas cristalizadas ou morangos frescos.

BOLO DE MILHO CRIOLO

Bate 2 gemas com 125 gramas de açúcar, junte 1 colher de leite quente e 125 gramas de manteiga. Continue a bater e vá juntando aos poucos, 125 gramas de fubá de milho peneirado com 1 colher de chá de Royal, 1 colher de leite quente e 2 claras batidas em neve. Deite numa fôrma untada e leve a assar no forno.





AMANHÃ É MUITO TARDI

GRANDE agitação entre os professôres e os pais dos alunos de uma escola secundária mixta, da Itália, porque êles vêm a saber que certos colegiais haviam privado intimamente com seus jovens companheiros. Estas familiaridades excessivas entre rapazes e moças provocam um pequeno escândalo na escola. O conselho de professôres se reune, e estimam êles, em sua maior parte, que seja necessário redobrar a severa vigilância nos jovens que começam a atingir a idade perigosa.

Sòmente uma jovem professôra da escola, Anna (Lois Maxwell), acompanhada por um professor maduro e vivo, Landi (Vittorio de Sica) se insurge contra seus colegas, exortando-os a perdoar aos jovens adolescentes e a levar em conta que uma educação que tenta falsear ou dissimular aos olhos das crianças a origem da vida, não é senão ineficaz mas também quase sempre perigosa. Eis, em suma, a luta entre dois sistemas opostos de educação.

As mesmas divergências de pontos de vista surgem entre as famílias dos alunos. Os pais de Mirella, uma colegial (Anna Maria PIER ANGELI), acham que um silêncio rigoroso sôbre as questões sexuais é a única forma de educação possível, enquanto que a família de um outro aluno, Franco Berardi (Gino Leurini), que habita na mesma casa de Mirella, pensa ao contrário, que é necessário, enquanto as crianças crescem, de lhes explicar com táto «certas coisas».

Todavia, cada vez que o pai de Berardi ensaia aplicar sua teoria, não encontra palavras, hesita, e fala de outra coisa. Uma representação é preparada pelos alunos da escola ou lhor, pelo seu grupo teatral. M deverá interpretar o papel da princesa e Franco o do seu trov Durante a representação os do vens se sentem penetrados de u canto novo, e com pouco todos se deixam levar entusiasmado turbilhão vertiginoso de uma hi de amor grande dèmais para a

No fim do período letivo, os giais vão passar as férias em grande colônia de veraneio, on acompanham também os profe Anna e Landi. A colônia é di por uma senhora rebarbativa e tana (Gabrielle Dorziat), velho nática, sádica e frustrada que com um fanatismo turco o pri da separação entre rapazes e nas escolas. Ela interpreta, como ta gente ignorante que anda p os menores gestos das crianças pecados mortais.

Durante uma excursão, as cri e os adolescentes chegam à bei um lago. Um jovem camponês relata a história de uma moça q afogara por que fôra «deson Nesse meio tempo chamam o de um estábulo vizinho. O grupo colegiais o segue e lá, estupef contemplam um espetáculo que o xa sinceramente curiosos. Êles

(DOMANI È TROPPO TARDI)

ELENCO:

Professor Landi	VITTORIO DE SICA
Mlle. Anna	LOIS MAXWELL
A diretora	GABRIELLE DORZIAT
Mirella	PIER ANGELI
Franco	Gino Leurini
O diretor	Armando Magliari
Sr. Giusti	Lauro Gazzolo
Sra. Giusti	Olga Sobelli
Sr. Berardi	Carlo Romano
Sra. Berardi	Ave Ninchi
Jeannette	Monique Van Vooren
A assistente	Maria Guiseppina Ferrand
Seraphine	Lina Marengo
Lilli	Lúcia Riccardo
Augusto	Franco Nicotra
Blanche	Patrizia Corsi Rota
Enzo	Carlo delle Piane
Concetta	Eva Vanicsek
Guido	Vito Chiari

Cenário original de Alfred Machard e Leonide Moguy — Diálogos e cenarização de Alfred Machard, L. Moguy, Paola Ojetti, Orestes Biancoli e Giuseppe Berto — Direção de Leonide Moguy — Fotografia de Mário Craveri e Renato del Frate.

Distribuição da ART FILMS





m o nascimento de um animal- e se indagam como se trans- a vida.

omo é a seus cadernos que êles m estas questões, um novo es- o rebentará, porque a diretora era como malsã esta espécie de dade. Anna, que tenta defen- causa dos alunos castigados, se- uscamente afastada da colônia ias.

grupo de meninas e rapazes do decidem ir até à estação des- e de Anna. Enquanto atraves- na floresta, uma tempestade os ende. Mirella e Franco se abrigam juntos. Para ficarem protegidos da chuva, penetram em um estábulo onde encontram uma imagem da Virgem alumiada por uma vela. Em tôrno dêles tudo é penumbra e solidão. Um desejo de amor os consome, mas Franco (que tivera lições com o professor Landi) recusa-se a possuir a amiga. E dormem abraçados, um ao lado do outro.

Entrementes, na colônia, todo o mundo está em polvorosa. A diretora, exasperada e inquieta, procura-os por todos os lados, e vai, finalmente, surpreendê-los ao fundo do canto do estábulo, tratando-os grosseiramente, chamando o rapaz de debochado e a garôta de mulher perdida.

Franco é aprisionado em um pequeno quarto e Mirella enviada à enfermaria porque tem febre. Depois de uma noite de delírio, durante a qual a palavra «desonrada» a atormenta sem parar até à aurora, Mirella se levanta, foge e vai até ao lago onde o camponês lhes contara a história da pequena perdida.

Mirella joga-se no lago. Por sorte um vigia da escola a vê e corre em socôrro. Franco corre para o lago e chora como um desesperado tendo nas mãos o corpo inerte de sua pequena camarada. A colônia inteira acorre: os alunos, os professôres, a diretora. Todos os rostos exprimem a consternação e a dor, porque Mirella parece morta.

Todavia, ela vive. Depois de alguns minutos, se reanima, abre os olhos, suspira. Enquanto a calma se restabelece, o professor Landi se aproxima da mocinha e lhe diz baixinho que ela nada fêz de mal que tenha de se arrepender, desculpando com estas palavras todos os adolescentes que, mais de que outra coisa, são vítimas da incompreensão daqueles que os podem guiar.





PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — QUAL O POVO DA ANTIGUIDADE QUE PENSAVA SER O ARCO-IRIS O MENSAGEIRO DOS DEUSES:

— O grego?
— O romano?
— O egípcio?

2 — QUAL O PAÍS MAIS MONTANHOSO DA EUROPA:

— A Áustria?
— A Suiça?
— A Itália?

3 — QUAL O DIA DA SEMANA QUE É DE ORIGEM HEBRAICA:

— O sábado?
— O domingo?
— A quinta-feira?

4 — PARA QUE FOI INVENTADO O ESPERANTO:

— Para ensinar os cegos?
— Para fins religiosos?
— Para tornar-se língua universal?

5 — COM QUANTOS GRAUS FAHRENHEIT FERVE A ÁGUA:

— 100?
— 180?
— 212?

6 — DE QUE MINERAL É FEITA A PORCELANA:

— Caolim?
— Bauxita?
— Pó de granito?

7 — POR QUE MEIOS OS QUÍMICOS ANTIGOS TENTAVAM CONVERTER METAIS EM OURO:

— Pela Pedra Filosofal?
— Por meio de orações cabalísticas?
— Fervendo-os em azeite?

8 — DE QUE SÉCULO É O VIOLINO:

— Do XV?
— Do XVI?
— Do II antes de Cristo?

9 — DE QUANTOS VERSOS SE COMPÕE O SONÊTO:

— De oito?
— De doze?
— De catorze?

10 — QUAL O ESCRITOR LUSITANO CONSIDERADO O «PAI DO DRAMA» PORTUGUÊS:

— Alexandre Herculano?
— Gil Vicente?
— Luís de Camões?

11 — COMO SE CHAMA O RIO QUE ATRAVESSA ROMA:

— O Tibre?
— O Pó?
— O Sena?

12 — QUAL O FIM DA METEOROLOGIA:

— Estudo dos astros?
— Pesquisa da Terra?
— Estudo das condições atmosféricas?

13 — DÊSTES TRÊS PLANÊTAS, QUAL O MAIOR:

— Jupiter?
— Terra?
— Netuno?

14 — QUAL É A BASE DE SENADORES, POR ESTADO, EM NOSSO LEGISLATIVO FEDERAL:

— Três?
— Um?
— Ou depende da população de cada Estado?

15 — PORQUE É FAMOSA A VIA PÚBLICA NORTE-AMERICANA, «WALL STREET», EM NOVA YORK:

— Pelo número de teatros?
— Pela elegância feminina?
— Por ser a rua da alta finança?

(Respostas na página 54)

Estranha Felicidade

(Cont. da pág. 44)

Nisto, a coruja passou, afugentando com seu chirrio triste a calma simulada do ambiente.

— Ah! a coruja amiga! — exclamou, despertando do letargo. — E' como eu: só tem o direito de sair de noite. Ela vem sempre cantar na cumieira da casa, embalando as noites solitárias da minha vida. Como o seu canto é bonito! O senhor não acha?

Fiz um aceno de cabeça, que eu próprio não sei se de assentimento ou contestação.

— As coisas tristes — continuou — são as mais bonitas. O senhor não acha que o verdadeiramente belo só existe na tristeza? Aprecie um fim de tarde, o lento agonizar da luz, o esmaecimento das tonalidades vivas do dia, até o completo desaparecimento das côres, convidando à solidão, ao sonho, ao recolhimento... à morte...

Suspirou.

Senti um calafrio. Em nada me agradava o enaltecimento da melancolia e da morte. Além disso, inquietava-me a espera por uma coisa para mim indiferente, uma aparição, em que, cético e materialista como era, não acreditava. Impacientava-me. Contudo, algo a mais que a curiosidade me trazia prêso ali. Não sei o que era.

Depois de breve pausa, êle murmurou:

— Meu passado é um enorme cemitério:

— O passado de todos nós.

— É; mas o dos outros é um cemitério menos sombrio, onde há flores, arvoredo, carneiros alvos e música nos dias de enterros de gente rica. O meu é um cemitério sem nada disso e onde só há túmulos feios. E' um cemitério de gente pobre.

Que fraseado desagradável — conjecturei sem ousar palavra.

No entanto, daí a pouco, eu exclamava:

— O passado é um sepulcro de ilusões embalsamadas e todo nosso esfôrço, a vida, enfim, consiste nisso: ressuscitar essas ilusões. O progresso apoia-se na morte.

Êle não ouvia. Consultando seu velho relógio de bôlso, murmurou:

— Dez para meia-noite. Está quase na hora. — E para mim, convidativo: Vamos lá para dentro?

— O quarto, pequeno e abafado iluminavam-no apenas duas velas que ardiam desde nossa chegada. Não havia luz nem sombra: penumbra. A continuação do desleixo da sala gritava que mãos femininas jamais tinham tocado os objetos sujos. Fazia calor. O estranho sentou-se na cama.

Ia-lhe voltando a agitação. Retorcia novamente as mãos, emitindo palavras desconexas, umas; incompreensíveis, outras. Eu estava confuso, impressionado. Entrara ali sem acreditar em nada daquela história, sòmente para aquiescer ao chamado de um maníaco, que poderia tornar-se perigoso, se eu lhe apresentasse uma recusa peremptória. Mas o ambiente, o próprio aspecto da vítima da alucinação, e eu sei lá o que mais! excitavam-me. Eu me estranhava.

A breve trecho, o homem empalidecera. Um sorriso constrangido de alegria, duma alegria triste, errava-lhe nos lábios macerados, frementes de emoção.

Senti frio. Invadiu-me as narinas um cheiro dos que se sentem nos campos-santos. Meus cabelos se eriçaram. Meus cabelos só, não: todos os pêlos de meu corpo, sentio-os excitados. Que era aquilo meu Deus?! A luz das velas tomou um cabiante azul, igual à chama da combustão [...] álcool. Meu corpo tremia. Eu q[...] falar, não saiu voz. Naquele mom[...]to supremo, anularam-se-me os [...]tidos, pois nada vi, nem ouvi. Qua[...] a visão se foi, êle voltou-se para m[...] exultante e, pela vez primeira, um [...]so de contentamento dançou-lhe [...] bôca descarnada. Por instantes, [...]vejei-lhe a ventura estampada no [...]blante.

— O senhor viu? O senhor viu?! [...] não disse!? Era ela! Minha Lúcia!

Eu estava aniquilado. Ergui-me [...] custo da cadeira e, sem uma pala[...] sai, ou melhor, fugi, enquanto [...] continuava embevecido em sua e[...]nha felicidade, que lhe vinha do [...]mulo, singular ventura emanada [...] além.

Aquela criatura vivia, se é q[...] têrmo cabe, o ano inteiro, esper[...] o momento de receber a visita [...] morta.

Os galos anunciavam a madrugada quando cheguei ao hotel. Nesse [...]mo dia, voltei para o Rio, encon[...]do Lúcia — minha Lúcia — a [...]dida e mais carinhosa do que [...] Casamo-nos sem demora.

Hoje, tantos anos rolados sôb[...] fato, não esqueço aquêle que, [...]luntária e inconscientemente, me [...]dou a construir minha felicidade, [...] de estranha não tem nada.

A SENHORA NEIGE[...]

(Cont. da pág. [...]

— Diabo, — murmurou Feli[x] [...] chegamos um pouco tarde. Pr[...]mos trabalhar com os cotovelos.

Era u'a multidão muito hete[...]nea: artistas, burgueses, represen[...]tes da alta sociedade. No mei[o] [...] paletós mal escovados e de so[...] sacas escuras, havia vestidos [...] êsses vestidos de primavera, tão [...]gres em Paris, com suas sêda[s] [...] côres suaves e seus enfeites mais [...]tosos. Maravilhava-me principal[...] a tranqüila impavidez das mulh[eres] que se metiam pelos grupos mais [...]pactos, sem se preocuparem com [...] caudas, cujas ondas de renda [...]vam sempre passando. Elas ian[...]sim, de um quadro para outro, [...] o mesmo passo com que atraves[sa] [...] seu salão. Não há como as pa[...]ses para conservarem uma seren[...] de deusa em meio às turbas, [...] se as palavras ouvidas, os co[...] sofridos, não pudessem alcan[...] nem maculá-las. Segui um in[...] com os olhos uma senhora, que [...] me disse ser a duquesa de [...] acompanhavam-na as duas filh[as] [...] dezesseis e dezoito anos, e tôd[as] [...] três miravam, sem pestanejar, [...] Lêda, enquanto atrás delas um [...] de jovens pintores gracejava sô[...] quadro em têrmos muito livre[s].

Felix meteu-se pelas salas d[...]querda, uma enfiada de grande[s] [...]ças quadradas, onde a multidã[o] [...] menos compacta. Uma claridade [...] descia dos tetos envidraçados, [...] luz forte que toldos de pano co[...] mas a poeira erguida por tant[...] em movimento fazia pairar com[o] [...] uma leve fumaça acima das [...]ções das cabeças. Era preciso q[ue] [...] mulheres fôssem muito bonitas [...] resistirem àquela iluminação, [...] tonalidade uniforme, que os qu[...] nos quatro lados das paredes, [...]chavam violentamente. Aqui, [...] variedade extraordinária de [...] vários tons de vermelho, de am[...] de azul, que... não se harm[...]vam, tôda uma orgia de arco-ír[is] [...] ouro esplendoroso das moldura[s] [...]meçava a fazer muito calor. [...]lheiros calvos, de crânio polid[o] [...]seavam resfolegando, de chap[éu] [...] mão. Todos os visitantes estav[...]

BOAS FESTAS

Agradecemos e retribuimos as mensagens de Feliz Ano Novo recebid[as] [...] Pan American World Airways — (Geraldo R. Flamm) — César Bianc[...] presidente da Sociedade dos Auxiliares da Imprensa — Eugênio Gomes [...] blioteca Nacional — Carlos Martins da Silva (Rio Grande) — Artega S[...] Artigos Técnicos Gráficos — Manuel Guerreiro, Instituto Argentino-B[...] de Cultura Comité de La Juventud — Miguel Alexandre — Carlos R. Bi[...] (Antonina, Paraná) — Editôras Press Service, Inc. — Publicidade & M[...] — L. Pokorny Importadora S.A. — Biblioteca Nacional — Comp. de Pr[...] da e Serviços Técnicos Xavier — Mc Cann Erickson Corp. of Brazil — Fr[...] Netto (S. Paulo) — A Fortaleza Cia. Nacional de Seguros — L. Bra[...] Universal Filmes S.A. — Claude Leprovost, secretário de embaixada, ch[...] serviço de informação e imprensa da Embaixada da França — Ivo de [...] (São Paulo) — Bartholomeu Oliveira (João Pessoa, Paraiba) — Albino [...] quita & Cia. — Bazar Castro (Muzambinho, Minas) — Cia. Paulista de [...] e Artes Gráficas — Francisco Rizzio (B. Horizonte) — Ruy Santos, secr[...] geral do Diretório Nacional da UDN.

cados. As pessoas comprimiam-
n frente a certos quadros. Havia
ntezas, empurradelas, debanda-
de rebanho humano sôlto dentro
m palácio. E se ouvia o ruído
nuo dos pés no soalho acompa-
o pelo clamor surdo e prolon-
da multidão, rumorejante tal o

Olha, — disse-me Felix — eis a
e obra de que tanto se fala!
co filas de espectadores contem-
m a grande obra. Havia mulhe-
om "lorgnon", artistas que con-
vam em voz baixa, maldosa-
e, um grande cavalheiro enxuto
rnes, a tomar notas. Porém eu
olhava. Acabava de avistar,
sala contígua, encostadas à
de apoio, em frente ao friso,
senhoras que examinavam, cheias
uriosidade, um pequeno quadro.
incípio foi apenas um relâmpago:
os laços do chapéu eu avistara
sas tranças negras e todo um
nhado de cabelos louros; de-
a visão se afastara, uma onda
ultidão, cabeças em movimento,
submergido as duas senhoras.
eu juraria serem elas. Mais al-
passos, entre as cabeças que se
m sem parar, voltei a encontrar
s cabelos louros, ora as tranças
s. Nada disse a Felix, limitei-
levá-lo para a sala contígua,
o de modo a que êle parecesse
primeiro a encontrar as duas
s. Será que as vira, como eu?
de se acreditar, porque me lan-
um olhar oblíquo, de fina iro-

Ah! Que feliz encontro! — ex-
ou, cumprimentando-as .
senhoras voltaram-se e sorri-
Eu esparava pelo choque dêsse
do encontro. Foi decisivo. A se-
Neigeon perturbou-me, com um
es olhar de seus olhos negros,
nto eu tive a impressão de en-
ar uma amiga na pessoa da se-
Gaucheraud. Dessa vez, era a
da. Ela estava com um cha-
nho amarelo, coberto com um
de glicínia; seu vestido era de
côr de malva, enfeitado de ce-
ôr de palha, um traje ao mesmo
muito vistoso e muito dis-
Mas só mais tarde é que aten-
esses pormenores: porque, quan-
vi, ela me apareceu envôlta em
omo se fizesse luz à sua volta.
quanto isso, Felix conversava.
Hem? Nada de notável, — dizia.
nda não vi coisa alguma.
Meu Deus! — declarou Berta —
no todos os anos.
ois, voltando-se para o friso:
Mas vejam êsse pequeno quadro
Luisa descobriu. O vestido é
to. A senhora de Rochetaille es-
com um exatamente igual, no
o baile do Eliseu.
Sim; — murmurou Luisa —
s os fofos desciam em quadra-
sôbre o avental.
eram-se novamente a estudar o
o, que representava uma senhora
arto de vestir, de pé em frente
a lareira e lendo uma carta.
a pareceu-me muito medíocre,
senti-me cheio de simpatia pelo
r.

Mas onde está êle? — perguntou
sùbitamente, procurando em
. — De dez em dez passos êle
rde de nós.
eria-se ao marido.
Gaucheraud está lá adiante, —
ndeu tranqüilamente Felix, que
ôda a gente. — Está olhando
e grande Cristo de açúcar, pre-
numa cruz de pão doce.
fato, o marido, com ar pacífico
interessado, dava por conta pró-
a volta às salas, com as mãos
das costas. Quando nos viu,
apertar-nos as mãos, disse-nos
seu ar alegre:
Repararam? Lá adiante há um
de uma expressão religiosa
deiramente notável.
senhoras haviam recomeçado a
. Acompanhamo-las com Gau-
ud. A presença do marido nos
izava a isso. Falou-se do sr.
on: sem dúvida êle viria, se
a tempo de uma comissão,
devia comunicar a opinião do
no sôbre uma questão muito
tante. Gaucheraud apoderara-se
im e cumulava-me de amabili-
. Isso me deixava embaraçado,
e eu tinha de responder. Felix
a, empurrando-me levemente o
lo; mas eu não pudera com-
der. E êle aproveitava-se de eu
er o homenzarrão para cami-
na frente com as senhoras. Eu
ava pedaços da conversa.
Então, vai esta noite ao Varie-
?
Sim, aluguei um camarote. Di-
que a peça é engraçada... Le-
comigo Luisa: Oh! quero-o!
nais adiante:
Está acabada a estação. Esta inauguração de salão é a última solenidade parisiense.

— Esquece as corridas.

— A propósito, tenho vontade de ir às corridas de Maisons-Laffitte. Disseram-me que são muito bonitas.

Enquanto isso, Gaucheraud falava-me do Boquet, uma propriedade magnífica, dizia, cujo valor meu pai havia duplicado. Eu o adivinhava todo cheio de lisonjas. Mas não o ouvia, profundamente emocionado, tôdas as vêzes que, ao parar sùbitamente em frente a um quadro, Luisa roçava-me com sua comprida cauda. Seu alvo pescoço, debaixo dos cabelos negros, era delicado como o de uma criança. Aliás, ela conservava suas maneiras provocantes, e o que me aborrecia um pouco. Cumprimentavam-na muito, e ela chamava atenção com sua alegria ruidosa e os movimentos rápidos de sua saia. Voltara-se, duas ou três vêzes, para me olhar fixamente. Eu caminhava num sonho, não poderia dizer quantas horas a acompanhei assim, atordoado pelas palavras de Gaucheraud, cego pelas léguas de pintura que se desenrolavam à direita e à esquerda. Tenho consciência, apenas, de que no fim já se estava mascando poeira nas salas e que eu sentia uma fadiga horrorosa. enquanto as mulheres continuavam firmes, sorridentes.

Às seis horas, Felix levou-me para jantar. À sobremesa, disse-me sùbitamente:

— Agradeço-te.

— O quê? — perguntei, muito surprêso.

— Tua delicadeza em não cortejares a senhora Gaucheraud. Preferes, então, as morenas?

Não pude deixar de enrubescer. Êle apressou-se a acrescentar :

— Não quero tuas confidências. Deves reconhecer, pelo contrário, que me abstenho de intervir. Acho que se deve fazer sòzinho a aprendizagem da vida.

Parara de rir, estava sério e amistoso.

— Pensas, então, que ela me poderá amar? — disse eu, sem me atrever a nomear Luisa.

— Eu? — respondeu êle. — Não sei de nada. Faze como achares melhor. Hás de ver o rumo que as coisas tomarão.

Considerei isso um estímulo. Felix retomara seu tom irônico e, sem insistir, afirmava gracejando que Gaucheraud gostaria de me ver apaixonado por sua mulher.

— Oh! não conheces o homenzinho, não compreendeste por que êle se insinuara tanto. A influência política do tio dêle está diminuindo em teu distrito e se êle fôsse abrigado a se apresentar perante seus eleitores, gostaria muito de poder contar com teu pai... Caspité eu estava com mêdo, compreendes, uma vez que lhe podes ser útil; enquanto que eu, hoje, já fui utilizado por êle.

— Mas é abominável! — exclamei.

— Por que abominável? — continuou êle com ar tão tranqüilo que não pude saber se estava gracejando. — Se u'a mulher deve ter amigos, tanto melhor se êsses amigos puderem ser úteis ao casal.

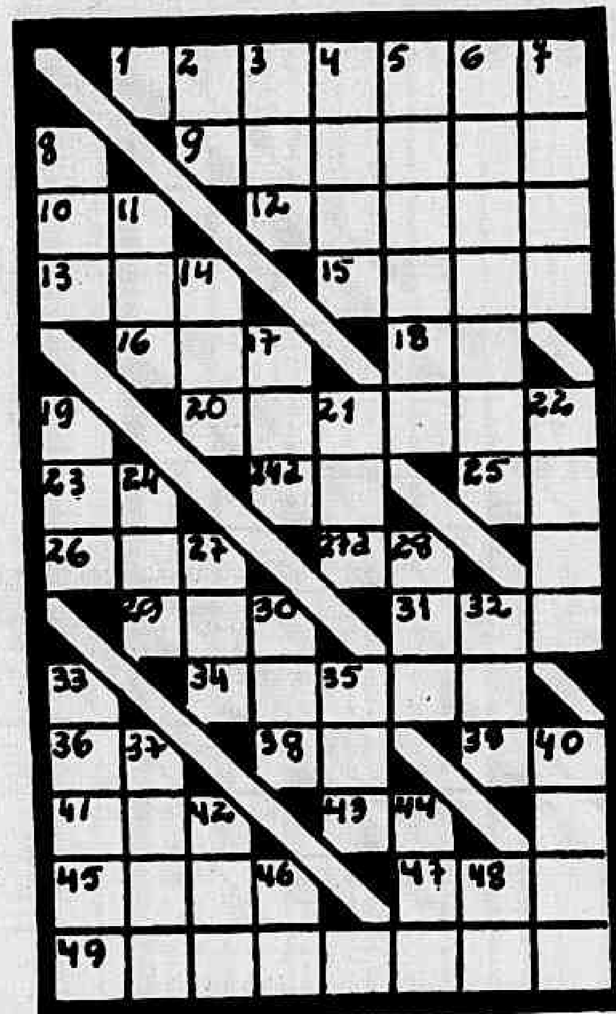
Ao se levantar da mesa Felix falou em irmos ao Variedades. Eu vira a peça na antevéspera, porém, menti, demonstrei grande desejo de assisti-la. E que noitada encantadora! As senhoras estavam justamente num camarote que ficava em frente às nossas poltronas. Voltando a cabeça, eu podia acompanhar no rosto de Luisa a satisfação que lhe causava os gracejos dos atores. Dois dias antes os mesmos gracejos me haviam parecido bobos. Mas agora não mais me desagradavam; pelo contrário, proporcionavam-me prazer, porque pareciam criar entre mim e Luisa uma espécie de cumplicidade galante. A peça era bem usada e ela principalmente das expressões audaciosas. Bastava ela estar num camarote, aquilo se tornava um desregramento permitido. Quando nossos olhos se encontravam no meio de uma gargalhada ela não baixava a cabeça. Nada me pareceu tão requintadamente pervertido; dizia comigo mesmo que três horas passadas assim, numa certa comunidade de devassidão, deviam favorecer muito meus interêsses. Aliás, tôda a sala se divertia, muitas mulheres, no balcão, nem mesmo se abanavam com leque.

Durante um intervalo, fomos cumprimentar as senhoras. Gaucheraud acabava de sair, pudemos sentar-nos. O camarote estava escuro, eu sentia Luisa junto a mim. Suas saias espalharam-se, a um movimento que ela fêz, e cobriram-me os joelhos. Levei comigo a sensação daquele contato, como a primeira confissão muda, que nos prendia um ao outro.

PALAVRAS CRUZADAS

Problema N.° 87 para Veteranos

HORIZONTAIS: — 1. Planta da família das Cactáceas — 9. Encher-se de pranto — 10. Nota musical — 12. Fastidioso — 13. Cólera — 15. Filho de Fauno — 16. Alia — 18. Cidade da Birmânia — 20. Nome de homem — 23. O mês de agôsto no calendário sírio - macedônio — 24-A. Anel muito delgado — 25. Rio do Brasil, no Estado do Paraná — 26. Cidade do Iraque — 27-A. Símbolo do ouro — 29. Filho de Hezron — 31. Filho de Aram — 34. Disposições — 36. Rei do país dos bemaventurados — 38. Nota musical — 39. Sufixo que denota coleção, origem — 41. Antiga medida assíria e caldaica de capacidade — 43. Igreja episcopal — 45. Estreitas — 47. Gracejas — 49. Declives.



JOEL MARTIN

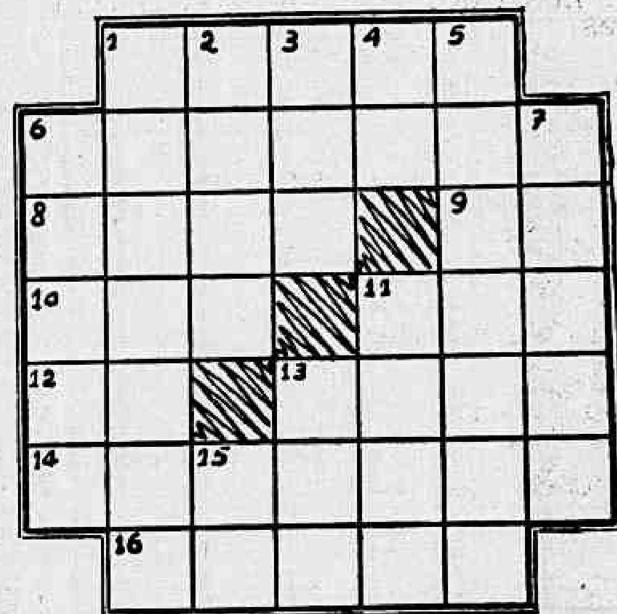
VERTICAIS: — 2. Deusa cultuada na Capadócia. 3. Árvore da família das Acantáceas — 4. Habita — 5. Certo peixe do litoral da Bahia (pl.) — 6. Astutos — 7. Argolas — 8. Então — 11. Espécie de sapo do Amazonas — 14. Cabo dos Estados Unidos — 17. Interjeição para animar — 19. Vale onde Davi venceu os siros — 21. Sedimento — 22. Lago da Escócia setentrional — 24. Cidade da França — 27. Navio de combate — 28. Alumen — 30. Ruína de cisto — 35. Essência de terebintina — 37. Canoa feita de casca de árvore — 40. Cidade da Suíça — 42. Gênio dos ventos e das tempestades dos antigos persas — 44. 18ª letra do alfabeto gótico — 46. Embora — 48. Seguia.

★

Problema N.° 87 para Novatos

HORIZONTAIS: — 1. Recíproca — 6. Rei — 8. Rancor — 9. Existe — 10. Rente — 11. Zombas — 12. Outra coisa — 13. Introduzi — 14. Ramos de uma árvore — 16. Incomum.

VERTICAIS: — 1. Que serve de modêlo — 2. Ligais — 3. Tanto — 4. Pátria de Abraão — 5. Recebas — 6. Residir — 7. Dêste modo — 11. Sulco na terra para conduzir água — 13. Oceano — 15. Perversa.



Otaner - Rio

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.° 86 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Temes — Cavas — Amolo — Arumã — Lê — Enase — El — Ara — Oca — Pai — Romã — Taro — Arramar — Cedo — Leme — Ano — Ait — Ain — To — Utara — Tg — Araci — Irara — Rasam — Sabor.

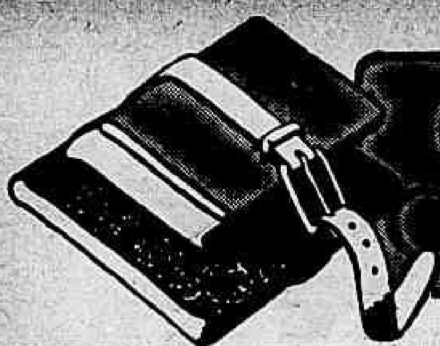
VERTICAIS: — Talar — Êmero — Mó — Êle — Sono — Casa — Aré — Vu — Amear — Sálio — Acrasia — Amado — Párea — Aro — Tal — Catar — Enora — Mitro — Engar — Atim — Tris — Uca — Ará — As — Ab.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Amadora — Atar — Riso — Mola — Atam — Elar — Dias — Orariam.

VERTICAIS: — Atol — Mala — Arar — Orar — Rito — Asas — América — Omáguas — Ralo — Arar — Rara — Medi — Iria — Amam.

Colaboração e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.



Semana Literária



EDMUNDO LYS

"ANTEMANHÃ"

De CIRO PIMENTEL

S. PAULO — Êste livro de jovem autor mineiro, Otávio Melo Alvarenga, contém em versos de marcante personalidade, tôda situação dramática de ser poeta, no mundo. Consciente, êle se reconhece o "rei e palhaço", apesar da certeza de que, mais além, é o "Soberano". Se êstes versos

"Do outro lado do mundo eu sou o
[Soberano"

acusam evasão, é porque o poeta, ciente de sua natureza de "ridículo", refugia-se numa atmosfera de "aurora e infância". Otávio M. Alvarenga, no "Segundo Poema da Chave", transmite ao leitor a sua dolorosa condição de poeta:

"Em mim as pombas se recolheram".

O que pede o poeta ao mundo? A morte ou a sua infância: A Infância onde a morte ainda mais próxima, é lembrança. Sim, pedimos quase que sòmente infância e Otávio Alvarenga nestes versos se define:

"mas sou também o menino simples
que nunca pediu outra coisa a não
[ser infância."

E o ser, enclausurado em si mesmo, possui a chave para se libertar, mas não pode, porque a ânsia de viver é mais forte do que o sonho da morte:

"sou apenas uma caixa, um quarto,
[uma coisa qualquer
ôca ou maciça, mas cercada
E tu queres a chave mágica."

A vida para o poeta, ser essencialmente nostálgico, é como um castelo de pesadelos. Soturna e desesperadora, ela, às vêzes, sufoca a lembrança inata que reside em sua alma: lembrança de todo um mágico mundo, talvez verdadeira, talvez falsa. Como se estivessem, ainda, acompanhando um entêrro, fantasmas antiqüíssimos de um outro deus de deuses, envolvem a nossa vida da mais escura recordação; e a ânsia do poeta de se multiplicar, para se encontrar num deus-saudade, de se procurar mais em si mesmo, para a completa solidão, aumenta-lhe o desespêro, enquanto tiver a triste condição de Estar-Aqui. No "Terceiro Poema da Chave", Otávio Alvarenga atinge um ápice trágico, retratando poèticamente, as palavras acima descritas:

"Me multiplico em orações a um
[outro Deus
E depois já nem sei qual dos dois
[é o deus que me ensinaram.
Me multiplico."

....

"Interrompo a procura e me perco
[mas de novo me encontro pois vejo
que mesmo nesse outro mundo fre-
[nético tu te encontras
envôlta em mortalha de Egito."

Dolorosa é essa nostalgia. E quando isso surge à frente do poeta, como um horizonte, mas êle prêso à vida, "se contorcendo em sua vida", grita, mas sem a alegria do espírito que se desprende do corpo, e mais do que nunca, agora, se sente amargurado e desiludido de tôdas as coisas, de todos os acontecimentos, de todos os sonhos, de tôdas as pessoas e de si mesmo, porque:

"Ninguém responde à nossa morte."

O amor é, na vida do poeta, como uma estrêla cadente transformada em rosa. O poema "Coração", em tôda a sua beleza e mensagem de ternura e amizade, transmite a emoção exata de uma amor que desabrocha:

"flores como grandes aves rebentando
[aurora."

A mulher, "aurora, fecunda aurora, há tanto pressentida", ao mesmo tempo que encanta e enleva o homem, deixa-o desencantado, porque de tanto amor, há sempre o pressentimento da solidão:

"eu te amo como o dono de um
[castelo
ignora seus domínios, mas morrerá
se o deixarem só."

Sim, a solidão que enlouquece:

"E enlouquece pelos corredores de
[sombra
gemendo a solidão
para as velhas contarem histórias
de longas procissões à meia noite
nas ruínas do outeiro
onde se ouvem salmos antigos."

E todo êsse pressentimento faz com que amemos mais ainda o ser que está ao nosso lado:

"Eu te amo do amor mais triste."

Não sei de outro poema de amor, na nova poesia brasileira, que descrevesse com tanta ternura e sinceridade, em uma atmosfera medieval, a paisagem subjetiva de uma grande paixão:

"Eu te amo mais que o catelão en-
[doidecido
de amor, que se perdeu para sempre
[na neve
ao imaginar-te vindo, como so-
[nhara."

UM POET



O grande público, a que as de Rilke tem motivo à crescen miração, desconhece a figura mestre da poesia moderna, por um dos grandes valores dêste século. Rilke era um terrível tário. Por isso, poucos retrat deixou. São raríssimos os qu nhecemos e, em geral, simple tantâneos. Aqui têm, pois, os res da SEMANA êste desenho ladine, tão parecido como expr do poeta, publicado recentemen «Les Nouvelles Litteraires».

ÁLBUM DE FAMÍLIA



PAR LAGERKVIST

PAR LAGERKVIST, escritor e dramaturgo sueco, a quem foi concedido o Prêmio Nobel de Literatura de 1951, pela "fôrça artística e profunda independência com que busca em seus trabalhos uma solução para os problemas eternos da humanidade", firmou um nome entre os literatos europeus contemporâneos. A simplicidade e clareza que caracterizam o seu estilo, a genuína universalidade de suas obras e a profunda penetração das questões vitais mais íntimas da humanidade em um período de caos lhe valeu admiradores em países muito distantes de sua própria pátria. Sua última novela, "Barrabás", uma magistral interpretação artística da vida de Barrabás, o Ladrão, foi traduzida em nove idiomas.

Lagerkvist, que nasceu em 1891, estreou na literatura com uma coleção de pequenas novelas, em 1913. Passou depois um ano na França, recebendo forte influência do expressionismo e do cubismo na arte. Depois de desempenhar, de 1918 a 1919, as funções de crítico de arte e teatral de um jornal de Estocolmo, prosseguiu seus estudos no estrangeiro, estabelecendo-se definitivamente na Suécia em 1930.

O seu primeiro triunfo literário êle o obteve em 1919, com a novela "Caos", que revela sentimentos de profundo desespêro ante a degradação da humanidade na primeira guerra mundial. Êste desespêro foi seguido de uma espécie de resignação em suas obras da década de vinte, "O Sorriso Eterno" e "A Vida Conquistada", entre outras. Durante êste período também escreveu a autobiografia "Hóspede da Realidade", que trata dos primeiros anos de sua vida. O problema do mal ocupou o pensamento de Lagerkvist em fase primitiva. Foi um dos primeiros entre os autores suecos a manifestar a sua oposição ao nazismo, escrevendo neste sentido a pequena novela "O Verdugo" em 1933, a qual foi adaptada para o palco no ano seguinte.

Esta nova orientação em sua obra continuou manifestando-se no "Punho Cerrado", publicado em 1934, que trata do determinismo e do "humanismo combatente". Também alude à sua atitude para com a doutrina cristã. Lagerkvist confessa que nunca sentiu Jesus, mas que sente os laços de afinidade entre o pensamento cristão e sua própria filosofia na expressão do amor ao próximo, o qual, diz, "reconheço com a base fundamental em meu próprio ser".

Em 1939 apareceu o seu ensaio filosófico "A Humanidade Libertada", que acusa influências panteísticas; é escrito em um estilo fàcilmente compreensível e considerado como uma de suas melhores obras. Nenhum de seus demais trabalhos é sustentado por uma fé visionária tão forte e penetrado, sem dúvida, de um profundo conhecimento do trágico destino do homem. Nenhum destino humano, nenhuma ação, carecem de importância, diz êle; os ganhos da humanidade são indestrutíveis e isto dá significação à vida.

"O Anão", uma vívida narração da Itália do século XVI, aparecido em 1944, é uma exposição literária desta filosofia, com uma corrente oculta paralela que simboliza a mentalidade dividida do homem que tem por companhia constante os gênios do bem e do mal. Em "Barrabás", novela publicada em 1950, Lagerkvist volta a abordar o problema da doutrina cristã. Ao mesmo tempo, entretanto, o protagonista é uma encarnação da pobreza espiritual e do irresoluto desespêro da humanidade de hoje.

Lagerkvist também desempenhou um papel importante como poeta e dramaturgo. Já em 1918 havia repudiado as obras de teses inspiradas por Ibsen, concentrando a sua atenção no drama visionário, tal como o entendia Strindberg. Entre suas obras dramáticas podem-se mencionar as seguintes: "As Horas Difíceis" (1918), "O Homem que Voltou a Viver a sua Vida" (1926), "O Rei" (1932), "O Homem sem Alma" (1936), "Vitória na obscuridade" (1939), "Um Sonho de São João no Asilo dos Pobres" (1941) e "A Pedra Filosofal" (1947).

Par Lagerkvist é membro da Academia Sueca desde 1940 e recebeu o título de Doctor Honoris Causa em 1941. Durante muitos anos foi considerado como o Nestor da literatura contemporânea sueca. Não é exagerado dizer que vive uma vida de tranqüila reclusão com sua família, evitando cortês, mas firmemente, tôda publicidade sôbre sua pessoa e sua obra. Nunca concedeu uma entrevista a jornalistas ou repórteres de rádio, e, recentemente, negou-se a participar de uma transmissão de televisão americana.

Transcorreram exatamente vinte anos depois que, pela última vez, foi concedido o Prêmio Nobel de Literatura a um escritor sueco. Os suecos anteriormente laureados com êste prêmio foram Selma Lagerlof (1909), Verner von Heidonstam (1916) e Erik Axel Karlfeldt (1931), a quem foi concedido o prêmio pòstumamente. (BISI).

Fora do Prelo

O LIVRO DA SEMANA:
"QUARTA REPÚBLICA"

WELLINGTON Brandão, que é poeta, foi deputado, de 1946 a 1951, representando Minas Gerais. No Parlamento, não se limitou à contemplação, como seria natural por parte de um poeta. Pelo contrário, talvez tenha sido o menos poeta de nossos deputados dêsse quinqüênio, falando, debatendo, legislando, sempre com uma visão realista do país e de seus problemas. Essa atividade, em um Parlamento estreante, formado por indivíduos de longa data sem o trato da representação, depois de quinze anos de ditadura, um parlamento perfeitamente "foca", tinha necessàriamente que deixar a êsse parlamentar de boa cêpa, formado ao contáto do melhor liberalismo mineiro, aleitado e crescido, para a vida pública em um dos centros de vida política mais intensa — a zona da mata — onde duelaram os espíritos dos Antônio Carlos e dos Raul Soares — um travo de amargor, senão a desilusão mais profunda. Êste livro em que se conta a experiência parlamentar de um político que entra no jôgo armado da maior fé, saindo dêle desesperançado e cético, com a noção exata de nosso primarismo democrático, em cujas raízes ainda se escondem as brocas do caudilhismo, ao contrário porém do que supõe o seu autor, não é obra de desencantado, e nem conduz ao desencanto. Pelo contrário, êle representa o depoimento de um homem de bem que está no fundo do político, obra capaz de fermentar a consciência do espírito público que ainda sofre os males de uma longa hibernação ditatorial. A visão de nossos problemas, apresentada aqui por Wellington Brandão, há de fixar-se como imposição de nosso destino histórico, ajudando a preparar uma geração de espírito crítico mais profundo, menos atenta às exterioridades da representação, mais grave em face dos problemas prementes de que dependerá nossa salvação, em meio à crise mundial.

Todo o artificialismo econômico em que se fundou a primeira república, levando-a à fatalidade ditatorial, está findo, por mais que se insista nêle, e teremos que nos voltar para o Brasil, para os nossos recursos, contando apenas com as nossas possibilidades, criando o meio de fazer com que funcionem, abandonando as facilidades, já inexistentes, aliás, de Walt Street e de Londres. E' isso que Wellington Brandão nos ensina claramente aqui, depois de sua experiência parlamentar, apontando rumos novos à nossa recuperação, remédios à salvação pública do país que está com mêdo do comunismo, mas espera passivamente o arrombamento da porta, para depois pensar na tranca.

"Quarta República" deve ser, por isso, o ABC de nossos políticos, daqueles que realmente querez fazer alguma coisa pelo Brasil, enquanto é tempo. Essa alfabetização política é tão inadiável no momento em que vivemos, como sempre foi a outra alfabetização, tôda alfabetização. Saímos de um quarto escuro nacional para entrar em outro quarto escuro, mais escuainda — o internacional: tôdas as luzes que tivermos para essa viagem nas trevas hão de ser poucas. Aqui está um facho que iluminará bastante.

Edmundo Lys

A SABEDORIA DA AMÉRICA — Lin Yutang nos dá neste livro uma antologia do espírito americano, no que tem de mais representativo e universal. Selecionando com acuidade, principalmente de acôrdo com uma nota crítica apurada ao contato da sabedoria oriental, o filósofo chinês nos apresenta um repositório de idéias que realmente podem ser consideradas súmula da "Sabedoria da América". Edição Pongetti em que o trabalho gráfico corresponde à excelência do texto.

DIREITO DO TRÂNSITO - O advogado Paulo Meira Camacho Crespo reuniu neste volume as teorias modernas que fundam uma Justiça Especial do Trânsito, indispensável na atualidade, tanto e tão profundamente o problema do trânsito interessa à vida econômica, social e política do país. Diante do que diàriamente ocorre, no trânsito citadino, como em nossas rodovias, sentimos claramente a necessidade de um órgão como o de que nos fala aqui o autor, capaz de solucionar na teoria, como prática, um de nossos mais graves problemas.

NO REINO DA MÃE DÁGUA — Naly Burnier Coelho ofereceu às crianças, para êste Natal, um livro de histórias infantis dos mais atraentes que temos lido, com ser, ao mesmo tempo, uma interessante viagem através de nosso folclore. Esta aventura no país das águas, povoado de imagens e de lendas que atraem pela fantasia e pela encantação, foi muito bem conduzida pela autora, que soma às qualidades de escritora e fabulista, os dotes mais raros de contadora de histórias infantis. Uma bonita edição (Editôra do Brasil S.A.) ornada de muitas gravuras, algumas à côres, torna "No Reino da Mãe Dágua" um extraordinário livro brasileiro para crianças de todos os países — a quem as dedica a autora.

GUSTAVO CORÇÃO,
romancista.

Está anunciado um novo livro do conhecido escritor e jornalista Gustavo Corção. Não se trata de um livro de biografia ou ensaio, como os anteriores, mas sim de um romance. Claro está que o autor de "A Descoberta do Outro" escreveu um livro mais cheio de idéias do que de acontecimentos, mas estamos diante de um verdadeiro romance, no sentido de ser a história de uma personalíssima experiência. A título curioso "Lições de Abismo" foi tirado de um livro de Júlio Verne e refere-se a um personagem que, antes de descer ao centro da terra, no livro de Verne, se exercita contra as vertigens subindo numa alta tôrre de igreja. Êle mesmo dá a êsses exercícios o nome de Lições de Abismo.

O personagem de Corção, vivendo a experiência de morte próxima e a tentativa de recomposição de uma vida equivocada, está fazendo também o seu definitivo treinamento. O livro está todo impregnado da idéia do eterno feminino, que aparece em símbolos e figuras vivas de mulher. Logo a primeira parte "Kundry", lembra uma cena de Wagner em que a mulher-eterna afasta as efemeras mulheres-flores. E' uma história "de amor e de morte" como lá diz o trovador de Tristão e Isolda.





EUGÊNIA FILEEN, DE 25 ANOS DE IDADE, sentindo-se prestes a dar à luz, procurou uma maternidade, em Nova York, onde mora. Submetida ao respectivo exame ginecológico, disse-lhe o médico que poderia voltar para casa, pois ainda demoraria umas duas semanas o nascimento do pimpolho. Mrs. Fileen voltou acompanhada de uma enfermeira, a pé. Mas, ao passar pela Segunda Avenida, deu à luz um galante menino, em plena rua. A Irmã providenciou ambulância, e aqui vemos um guarda-civil admirando o nova-iorquino mais apressado dali.



O PEQUENINO RONALD BAQUET, de 3 anos de idade, com o revólver de seu pai, um policial de Los Angeles, matou um seu irmãozinho e ainda feriu a própria mãe. Tudo se passou inesperadamente, quando a família estava assistindo à exibição de um filme ao ar livre. O policial deixara seu revólver num recanto do carro, e o pequeno Ronald não resistiu à tentação de dar ao gatilho, como sempre fêz com seus revólveres de brinquedo. A bala saiu, matou um irmãozinho e feriu Mrs. Baquet. O pai conforta a criança inocente.

Tudo ist

Amizade Nipo-americ



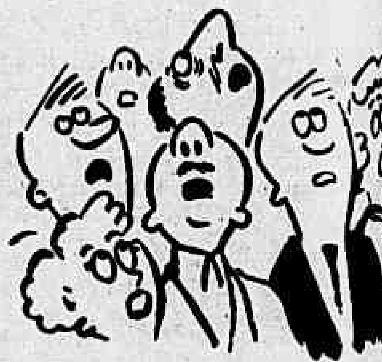
OS Estados Unidos sempre deram mostras de desejar viver em paz com os nipões. A imigração nipônica nas costas do Pacífico só começou a ser detida, após certos temores politicamente justificados. Estadistas e sociólogos alertaram o govêrno dos Estados Unidos contra a "invasão amarela em território ocidental da América do Norte, com os mesmos fundamentos que, aqui, usara o grande Miguel Couto. Entretanto, os norte-americanos nunca se mostraram hostis à presença dos japonêses, e, por ocasião do fantástico terremoto de Yokoama, foram os Estados Unidos que salvaram da fome tôda aquela população de flagelados. Mas, com a traição inominável de Pearl Harbour, a situação mudou. Os nipões, tendo formado a terceira base do tripé totalitário, com sede em Berlim, estavam crentes de que o nazismo sairia vencedor da segunda guerra mundial. Os norte-americanos os venceram em terra, no mar e no ar e ocuparam o J até hoje. Mas o tempo e os costumes sempre conseguem modificar a reza dos homens. Atualmente, japonêses e norte-americanos se dão as como aliados e amigos. Um filme será exibido agora em todos os ci das ilhas nipônicas, mostrando o que foram as ações dos "nisei" (jap de nacionalidade norte-americana) que combateram nas fileiras do Ex de Tio Sam na última guerra. E' de estranhar, porém, que, no Rio (c tamente, noutras cidades brasileiras), ainda estejam sendo exibidos em cinemas, filmes que mantêm a teoria da inferioridade japonêsa e os sentem como nação vencida.

Noivos excomungad



CLAIRE Mary Young, norte-ame de Chicago, de 21 anos de muito simpática e inteligente, con o padre Luciano Negrini, de 42 inv bem vividos, e foram tocados, sim neamente, pelo fogo do amor. A b do sacerdote era a barreira intrans vel para a união legal dos dois. fazer? E tudo ficou acertado: ela para Milão, terra do seu amado, on encontraria para a celebração das núpcias. Por sua vez, Luciano dei as vestes sacerdotais e se tornaria simples cidadão italiano. Dito e Claire expôs seus desejos ao seu professor da Universidade de Loyola, Chicago. O velho, embora contristado a idéia da filha, disse-lhe que ela que renegar, primeiramente, sua reli uma vez que um padre católico que a batina continua sempre a ser e com tal pessoa uma moça católica deve nem pode casar. Se o fizer, será apenas no civil. Mas Claire colo seu amor acima de tudo. Ela sabia que não estava ofendendo as leis de D Era preferível tudo às claras, dentro dos preceitos civis, sob a proteção Estado, do que enveredar por meios indignos e viver sob o látego da p crição social, sem poder constituir família. E a 27 de dezembro do ano sado, 1951, casaram-se em Milão. A Igreja Católica os presenteou imed mente com uma excomunhão em boas condições, mas o casal de noivo estava neste mundo, e sim no sétimo céu da felicidade. E o ex-padre Neg antigo missionário na China, repete: "Crescei e multiplicai-vos". E ele estava bastante grandinho...

Voltam os disc



ESSA história de discos-voadores já tomou conta dos habitantes do mundo inteiro. De um extremo a outro dos pólos, êles apareciam e desapareciam sem deixar vestígios. O caso foi tão importante que uma das produtoras de Hollywood fez um filme baseado na história dos discos-voadores. Filme pêco, sem nada que merecesse ser visto, também apareceu nas telas e delas desapareceu sem deixar vestígios. No Brasil também os discos foram vistos. De dia e de noite. Um dêles foi mirado e remirado lá para as bandas de Lagoa Santa, em Minas. Pois agora voltam os discos a incomodar os habitantes da discos a incomodar os habitantes do Ascona, Suiça. Cêrca de vinte pessoas daquela localidade viram o estranho objeto dos espaços. Eram seis horas da manhã, quando êle apareceu. Era um disco brilhante, de coloração verde-claro, parecendo um pouco menos, no lugar em que se achava, do que a lua ch Com o disco vinha também um ruido cavo, perfeitamente ouvido pelas testemunhas suiças. Olhando bem, viram ainda que êle tinha uma abert negra ao centro do disco luminoso, que parecia tremer ligeiramente e d locar-se com extrema vagarosidade. Era tão preguiçoso no seu voar, muitas vêzes, parecia estar parado. Que seria isso? Os discos anterio voavam a mil quilômetros por hora, e sòmente um avião a jacto poderia c petir com êles. Os dêste fim de ano, porém, são mais lerdos, ficam zando lá em cima como se desejassem ser pegados por nós ou pelos su E quem sabe se não seriam bons aprendizes de relojoeiros?

Aconteceu

...oa renda

ÃO há quem não lute nesta vida em busca de boas rendas. E' tão ...rtante isso que o Estado não tira ...lhos da subida constante do Impôsto ...dita. Mas, o difícil está em conse... boas rendas sem fazer fôrça. Ora, ... nem todos podem realizar bons e ...osos negócios num abrir e fechar de ...s, ou então, como não é fácil dispor ...randes edifícios para renda certa, ...mática e permanente, vai daí que ...mem tem um cérebro fértil e sempre ... um meio de fazer rendas. Foi pen...o assim que um pacato e morige... habitante desta cidade maravilho...nte barulhenta e sêca fêz uma via... à Europa. Seus recursos não eram ...o folgados; mas, como sempre ouviu ... que, tendo habilidade e inteligên... é possível ir ao Velho-Mundo, gastar ...cinqüenta mil cruzeiros e voltar com ...abilidades de saldo, êle lá se foi ...ante em seu destino de homem civilizado. Andou, virou, mexeu, foi a ...s escandinavos, estêve em Portugal, Espanha e França. Em Paris con...u comprar muita coisa, e na Bélgica, nada menos de cinqüenta quilos ...nda finíssima. No dia da partida para o Brasil, arrumou as malas e fêz ...ontas: gastara tanto, já estava na última lona; mas, com jeito, poderia ...erar tudo e ainda sobrariam uns quebrados. E lá veio o nosso excur...sta para a Guanabara. Desembarcando ali na Praça Mauá, êle teve que ...rar tôda a bagagem. Numa das valises, o Inspetor da Alfândega descobriu ...ndas. Apreensão. Mandado de segurança. Mas o Juiz negou. Cinqüenta ...s de renda não combinavam com o art. 136 da Tarifa da Alfândega. ... rendas falharam.



...Os vereadores de Quixeramobim



DESDE que se instalaram as Câmaras Municipais em todo o país, surgem, de quando em quando, episódios que provocam os mais diversos comentários entre o povo. Os primeiros exemplos de abnegação e altruísmo tiveram início em assembléias mineiras. Houve Municípios das Alterosas que se recomendaram a gratidão pública, dispensando os subsídios aos seus "Pais da Pátria". Êsse belo exemplo teve imitadores em vários Estados da Federação. E' claro que o vereador deve ser remunerado pelo seu trabalho. Ninguém deve trabalhar de graça. Dizem os sertanejos que sòmente relógio e galo trabalham de graça. Um, marcando as horas para o seu dono, sem nada cobrar, além da corda, e o outro, despertando os seus proprietários com o cantar dolente alta madrugada. Entretanto, se houve Câmaras Municipais que dispensaram os honorários de seus ope... vereadores, também houve muitas que não ficaram com os vencimentos ...eis: aumentaram-nos vantajosamente. Dentre os Legislativos municipais ...assim agiram, destaca-se o de Quixeramobim cidade do Estado do Ceará. ...do o município numa zona que sofre os flagelos das sêcas, é evidente ...os cofres municipais não vivam folgados. A penúria oficial no Brasil é ... cantiga da perua: "pió... pió... pio..." Pois bem: a Câmara Muni... da cidade cearense votou, promulgou e sancionou, em uma única sessão, ... que eleva os vencimentos dos licurgos em cinco vêzes mais do que per...m. O orçamento da Prefeitura é apenas de 600 mil cruzeiros, e, sòmente ...os vereadores, lá se vão 100 mil! E quando o povo reclama, êles repetem: ..."Ceará não tem disso não..."

... cartomante fracassou

ÃO há quem não conheça aquêle conto de Machado de Assis, "A ...omante", cujo conteúdo encerra um ... de inteligência para o leitor e uma ... para os crédulos em espertezas de ... que deveria estar ocupada em ...s mais úteis. Mas, infelizmente, a ...anidade é muito supersticiosa e do... de muita boa-fé. Já não há mais ...restígio daquilo a que os romanos ...navam "regina rerum oratio", ou, em ...uagem carioca, "a papolina domina ...tários". Basta um globo de cristal, ... vestimenta oriental, um baralho ca...tico, para que os mais crédulos acre...m que estão diante de sêres sobre...rais, capazes de adivinhar o fu... Por isso, certa vez o Reis de Ataíde, ...ultando uma cartomante, esta lhe ... que êle iria ser vítima de um aci...e, do qual resultaria sua morte. E ... estava longe. A 15 de novembro ... irmã de Ataíde recebeu de S. Paulo um telegrama comunicando que ...havia sido vítima de um desastre e que estava à morte num hospital de ...Paulo. A moça, aflita, tomou um carro no Leme e partiu para o aeroporto ...os Dumont, de onde tomaria o primeiro avião noturno para ver o mano, ... última vez, na certa. Seu espôso também ia, pois gostava muito do ...ado. O avião fêz a viagem em ordem e, embora noite, a pobre senhora ... de hospital em hospital em busca do irmão. Nada. Foram à imprensa, ...ram auxílio da reportagem, da polícia, numa aflição dolorosa. Na tarde ...dia seguinte, foram encontrar o "morto" na Cidade Jardim, assistindo, ...amente, às corridas! Tudo não passara de uma pilhéria de mau-gôsto. ... a irmã de Ataíde, que soubera do prognóstico da cartomante, estava ...te que o irmão fora acidentado. Que alívio!





OS INDIANOS DE UMA PROVINCIA do Pujab, ora pertencente ao Pakistan, usam o mais curioso meio de transporte fluvial de que há notícia em todo êsse mundo. Quando vão atravessar um rio, servem-se de um búfalo cozido a fogo lento, retirando as vísceras pelas pernas. Logo que tudo fica duro e resistente, fecham os orifícios e fazem daquele monstro uma espécie de canoa roliça, segurando-se nas mãos e pernas do animal morto e ressequido. A pele do búfalo é rija, e o corpo flutua com muita segurança. E aqui vão êles no Sutlej.



ÁGUA INGLÊSA GRANADO



Faz de você um forte!

TÔNICA-APERITIVA
NAS CONVALESCENÇAS

Correio da Revista

M.S. — Inhauma — Minas Gerais — O seu «Suicídio» (salvo seja!) não foi aprovado. Para que lhe deu o aspecto de dramalhão a século XIX? Escreva sem preciosismos e maneje a pena naturalmente. Não acha fora de gôsto um «mirráquico»? E cuide também do português e dos diálogos.

R.S. — S. Luís — Maranhão — Não pôde passar o seu «Mundo, mundo, vasto mundo!» Evite a linguagem matuta em excesso.

A. DA SILVA — Recife — «Angústia» não conseguiu aprovação. Há na história uma série de incoerências.

ELIZABETH ROBSON — Rio — «Tamar» não passou. Procure desenvolver a idéia em forma de conto e não em forma de carta. E não se esqueça do português, da grafia. Veja isto: «Se por acaso pensares em mim, sorria e imagine que por tua causa, etc.». Bem erradinho, não?

J. DE O.N. — Rio — «Duas Cartas» não é conto, e sim depoimento. Por isso não foi aproveitado.

Z. V. DE M. — Rio — Não houve jeito de passar o seu conto «A Tapera». O português não ajudou.

J.M. BARCALA — Pôrto Alegre — A remuneração pelos contos é mesmo aquela, e não a que o amigo imagina. A edição de que fala para os seus contos é assunto privado, é sòmente o amigo poderá decidir. Que sugestão podemos dar-lhe? Quem escreve, realmente, deseja ver tudo em livro, e quem dispõe de recursos publica.

BRUNO PAVEL — Rio — «Um caso de polícia» ainda não foi julgado. Quanto ao outro conto, «A Louca», vamos ler. Aguarde.

J.M.S. — Belo Horizonte — Sua «Prece» não conseguiu convencer os julgadores. A narrativa é mais um relatório do que um conto literário. Procure orientar-se lendo bons autores, procurando a técnica literária dêsse difícil gênero de cultura. Mas não desanime. Todos começam assim mesmo.

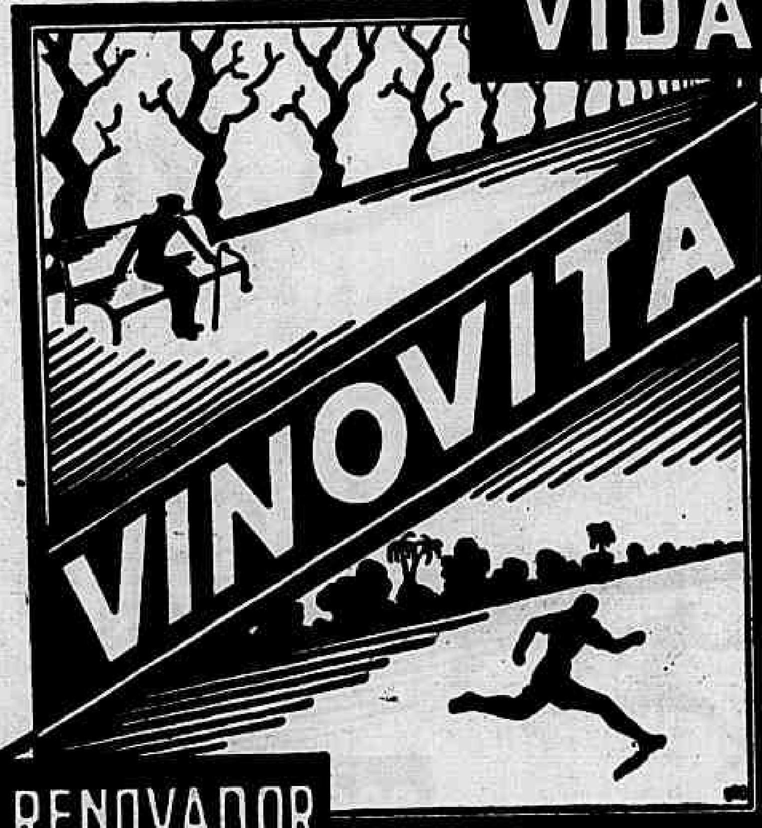
M.L.G. — Rio — Não temos espaço para poemas. Escreva prosa.

NYTHAMAR DE OLIVEIRA — Recife — Não dispomos de tempo para percorrer coleções atrasadas que não saibamos exatamente da data das publicações de nossos amigos e colaboradores. O seu conto «Uma história de amor», não consta mais em nossos registros, razão por que julgamos que foi, ou recusado, ou publicado. Mas nos é impossível dar busca para descobrir uma dessas notícias.

WALDEMAR IGLÉSIAS FERNANDES — Piracicaba, S. Paulo — «A grande jogada» já está com os desenhistas para a respectiva ilustração.

H.A. — Itapetininga, S. Paulo — Não pôde ser aprovado seu «Sempre amor». Falta-lhe conteúdo literário.

G.L.O. — São Paulo — O conto de Natal tem que ser produção literária de substância e originalidade. Para que repetir coisas de colegial? O assunto é demasiadamente batido. Antes de o leitor chegar à metade do seu conto, já sabe exatamente o que vai suceder com o menino pobre: ganhar um brinquedinho do menino rico. Procure temas humanos, porém que fujam dessa monotonia charra, trivial, vulgar, que todo mundo já disse. O amigo não escreve mal. O que lhe falta é estilo, vivacidade, técnica literária.



A BELEZA DOS SEIOS
BÉL-HORMON
Quando o busto fôr insuficiente sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário demasiadamente volumosos, BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quinta Pinheiro Ltda. — Rua da C... ca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quinta Pinheiro Ltda. — Queiram enviar pelo Reembôlso Postal um ... de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$

FÁBRICA BANGÚ
TECIDOS PERFEITOS



EXIJA NA OURELA
BANGÚ-INDÚSTRIA BRASILEIRA

O preço desta revista é o que está marcado na capa. Os agentes recebem desconto para que o preço seja respeitado.

QUER SER ESCRITOR

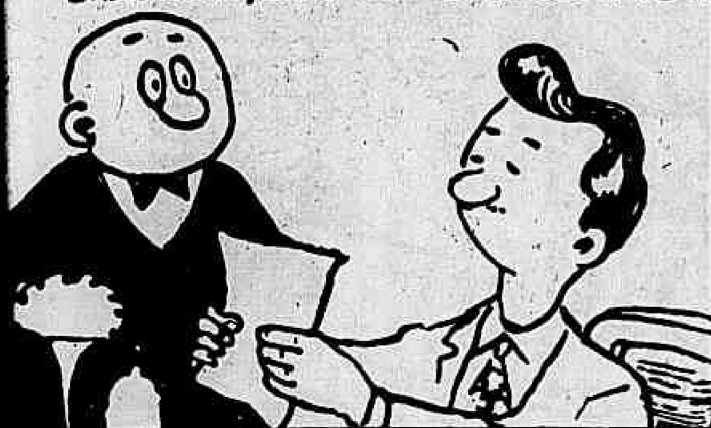
Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. Cartas: Avenida Rio Branco, sala 305, para remessa do pro...

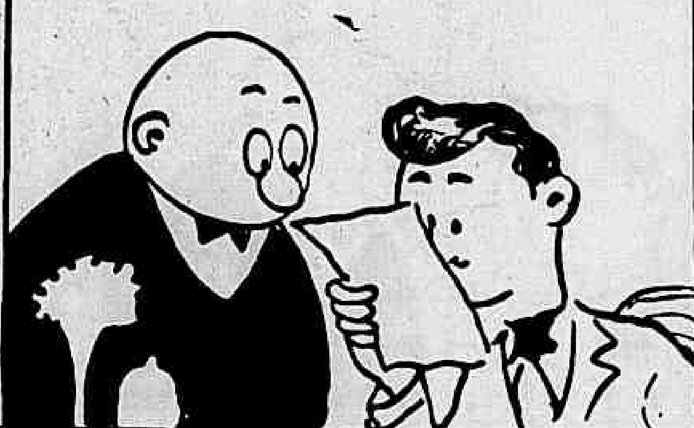
Respostas ao teste

1—O grego
2—A Suíça
3—Sábado
4—Para tornar-se língua universal
5—212
6—Caolim
7—Pela «Pedra Filosofal»
8—XVI
9—catorze
10—Gil Vicente
11—Tibre
12—Estudo das condições atmosféricas
13—Júpiter
14—Três
15—Por ser a rua da alta finança.

ÊSTE MUNDO E O OUTRO

MEMÓRIAS DE UM GARÇON
"Diz o que queres, e dirte-ei de que Estado és..."

























A tela de Hogarth, onde se vê a Feira de Southwark, a célula-mater do box no século XVIII. A direita, no primeiro plano, um cavaleiro representando u dor da época, com a cabeça raspada e empunhando um chanfalho. Daí surgiram os primeiros documentos fielmente reproduzindo a origem da «nobre hoje tão amplamente difundida.

O Primeiro Campeão Mundia

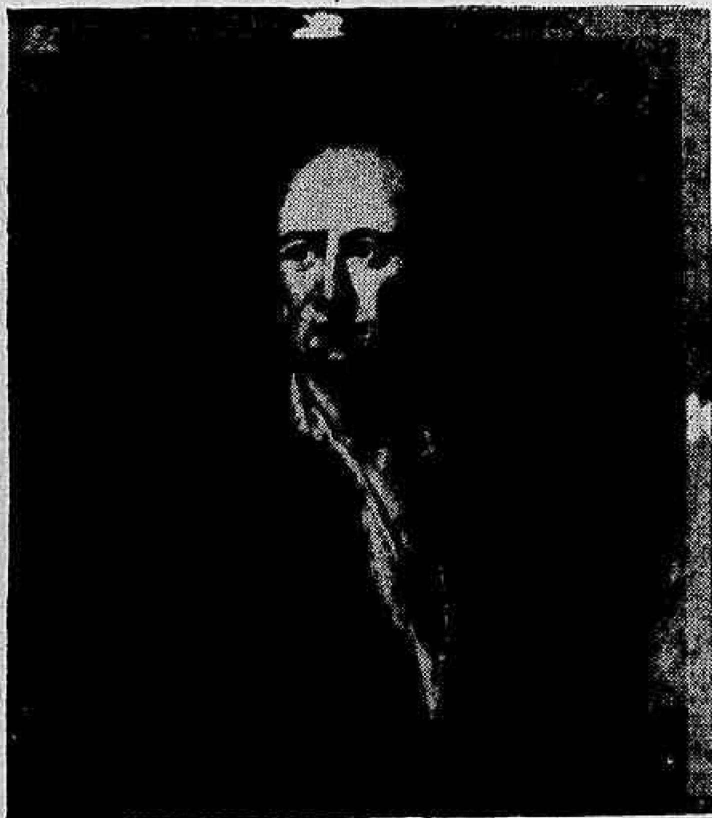
Por DUDLEY LISTER

Tradução de **OCTAVIO A. DE AZEVEDO** para a REVISTA DA SE

Hoje o box é um esporte mundial e quase uma indústria. O redator da seção dos esportes do semanário inglês "Everybody's", ex-campeão amador de pêso-pesado da Inglaterra, conta, nesta série de artigos, como o box se desenvolveu desde o seu aparecimento como diversão das feiras, na Inglaterra

ENTRE os antigos gregos havia uma espécie de pugilismo e mais tarde entre os romanos surgiu nas competições dos gladiadores a brutal "Caestus", (manopla), ou luva de ferro alcochoada semelhante a do box que nasceu na Inglaterra.

E' difícil dizer-se, com precisão, quando teve início



James Figg, mestre dos esportes pesados, perito na espada, no pau, na maça e nos punhos.

êste esporte, mas no começo do ano 1681, o "Protestant-Mercury" publicou o que se pode chamar de crônica de uma luta: — "Ontem realizou-se, com a presença do Duque de Albermarle, uma luta de box entre o fâmulo do Duque e um açougueiro, saindo êste vencedor, como vinha acontecendo em muitas outras lutas em que tomara parte e embora seja um homem de pequena estatura, é considerado o melhor da Inglaterra na prático dêste esporte".

Os heróis dêste encontro são desconhecidos, mas o curto parágrafo nos revela que na época estava em voga a prática dos murros como passatempo e não há dúvida que muitos outros indivíduos robustos se exibiram com destreza em partidas íntimas, nas feiras e barracas.

BERÇO DO BOX

O local das feiras foi provàvelmente o berço do box, mas só no começo do século dezoito é que encontramos o nome de um pugilista que se tornou célebre — James Figg, nascido em Thame no condado de Oxford, homem forte, com muita personalidade e grande autoridade em tudo que diz respeito à defesa própria.

O pugilismo praticado com a clava, com o pau e como o sabre era o seu ramo de negócio, sempre se exibindo nas feiras nas cercanias de Londres até que os patrocinadores o animaram a construir um anfiteatro pró junção das ruas Oxford e Tottenham, onde êle a ensinar e a dar espetáculos de pugilismo varia sume-se que êle mantêm o título de "campeão" des e o interessante é que êle foi o organizador da competição internacional, quando um dos seus chamado Bob Whitaker teve um encontro com doleiro agigantado, veneziano, que acabava de Londres.

FÔRÇA PRODIGIOSA

O veneziano, considerado o terror dos seus cont era um homem dotado de uma fôrça prodigiosa, extraordinàriamente longos e tinha a fama de *queixo"*. Quando diversos estrangeiros importantes dres o apresentaram para competir com os pugilistas Figg foi convidado para uma reunião no "Café tadouro" e perguntaram-lhe se êle poderia enco homem dentre os seus capaz de derrotar o

"Encontrar um homem", exclamou Figg dando galhada, "ora, meus senhores, tenho muitos e dito na fama que êle tem de "quebra-queixo" punhos como fêz com muitos dos seus adversários cios. Isto não tem a mínima importância e êle

o queixo de Bob Whitaker, ainda mesmo que venha m malho em punho. E se o Bob fôr derrotado, dêsse marinheiro dágua doce cantar vitória, eu me encarregarei de lhe dar um murro nos queixos e dará que pensar!"

taker saiu vencedor, embora sua vitória tivesse cau-nsação. Quando subiu para o tablado, diante de blico seleto, no anfiteatro de Figg, o Veneziano era orriso e confiança.

da cintura p'ra cima, segundo as declarações da seus braços gigantescos causavam espanto universal a estatura enchia todos de terror. Até mesmo o Godfrey, autoridade muito conhecida naquele meio o, observou que estava com pena do Bob, embora mostrasse calmo e bem disposto o que foi muito ra êle, porque com o primeiro murro que levou se projetado para fora do tablado que era bem Reanimando-se e abaixando-se por baixo dos bra- veneziano deu-lhe um sôso no estômago com tal a que obrigou o adversário a se retirar vomitando derado vencido.

ertamente nessa ocasião que Figg teve a idéia de mar o box num negócio rendoso. Animado com a pleta e um ôlho nos lucros futuros subiu ao tablado u: — "Senhores, talvez todos aqui presentes estejam o que eu escolhi o melhor pugilista londrino para r o estrangeiro que aqui se encontra, mas devo es que dentro de uma semana, aqui estará um que em dez minutos porá Bob Whitaker fora de , com um golpe lícito".

emana seguinte todos lá estavam, novamente, para tal Nat Peartree derrotar Bob, dentro do prazo do, por meio de golpes entre os olhos que lhe a vista. "Diacho, ainda não estou vencido", dis-rendendo-se, "o que não consigo é ver o meu ad-".

e a sua companhia eram lutadores completos por-s espetáculos constavam sempre de lutas em que n parte a espada, a clava, o pau e o box com os sendo permitida a luta corpo a corpo. No "Battles os homens lutavam sem discriminação até ficar de pé, que era considerado o vencedor e esta es-e torneio fazia parte do programa. Os competi-savam a cabeça raspado para que se pudesse ver ente a "*brecha no côco*", que decidia as compe-om o pau e a clava, enquanto que as trocas de eram feitas sem nenhum regulamento por serem adas menos importantes do que as exibições com ou pau.

BARQUEIRO DO TAMISA

os competidores havia os especialistas como sejam, , no manejo do chanfalho, Delforce, perito na entre os pugilistas citaremos, Buckhorse, o hor-excêntrico, cujo verdadeiro nome era John Smith s Field, que morreu enforcado e cujo esqueleto numa gravura nas obras de Hogarth. Figg sali-e em todos os esportes brutos que promovia e o ompetidor que encontrou foi Med Sutton, que foi vencido. Rivais não teve, mas teve muitos disci-Quando se afastou das lidas, foi substituido por tes. Tom Pipes, George Greeting e George Tay-zaram-se no pôsto e em 1740, um dos seus disci-mais inteligente e empreendedor tornou-se "cam-Seu nome era Jack Broughton e é merecedor, mais Figg, do título de pai do box.

u depois Broughton, barqueiro do Tamisa, que aca-vencer a conhecida competição de remo fundada or Thomas Dogget e denominada "Dogget's Coat dge", (Casaco e Distintivo de Dogget). Broughton belo tipo e um atleta perfeito. Em 1743 êle inau-arena de sua propriedade perto do antigo local e foi ali que êle começou a melhorar a concepção sôbre lutas dos murros. O mérito do box na-época baseava-se num sistema de "*dá e toma*" e que esmurrasse melhor e que dominasse o can-ra usualmente o vencedor e considerado o mais

ghton estudou minuciosamente o lado pugilístico fissão que escolhera e dos seus conhecimentos do ho e do pau surgiram diversos golpes de defesa os com a mão e antebraço e outros golpes e que-luta corporal. Até então os golpes que pratica-am sempre os mesmos e monótonos. Broughton iu uma variedade de sôcos que aplicava com ad-destreza. Seus golpes na bôca do estômago e orelha fizeram nome na história do box por se-cissivos e a êles atribui-se a origem dos golpes se-

novimento excessivo dos pés para evitar cansaço siderado covardia, mas o ataque metódico de Brough-efesa imóvel e contra golpes, despertou interêsse o esportivo e os adversários eram sempre por êles os. A eficiência do seu método ficou provada êle já doente derrotou George Stevenson, que no momento estava tornando-se invencível, até que Broughton o levou à cêrca com uma gravata para depois retomar mais vigor e obter a vitória.

A RESPONSABILIDADE DOS JUIZES

A tendência de Jack Broughton para o box era grande e graças a sua influência êste esporte desligou-se do



O horrendo Buckhorse, contemporâneo de James Figg, que fazia as lutas brutais «Battles Royal»

sabre e do pau. As lutas de box passaram a ser uma diversão independente de qualquer outra e foi nesta ocasião que êle promulgou o seu famoso código (1743), dando melhor regulamentação às competições. Durante quase um século nada mais se escreveu sôbre o assunto. Eram regras simples e muita responsabilidade cabia aos cavalheiros que eram escolhidos para juizes.



Georges Stevenson, o cocheiro derrotado pela nova técnica de Broughton, morto devido a essa luta

O REGULAMENTO DE BROUGHTON (1743)

1. No centro da arena será marcado a giz um quadrado e todo reinício de luta, depois de uma queda ou separação dos adversários junto à cêrca, o treinador de cada um dos competidores os levará para junto do dito quadrado, para depois recomençarem a luta lìcitamente. Enquanto os dois competidores estiverem sendo colocados em posição não é permitida a troca de golpes.

2. Para que não haja dúvidas nas disputas sôbre o tempo que um lutador poderá ficar deitado após uma queda, fica estipulado que o treinador terá meio minuto para trazer o seu candidato para um dos lados do quadrado e caso contrário êste será considerado derrotado.

3. Durante o desenrolar da púgna só terão permissão para permanecer na arena os interessados e os respectivos treinadores Esta disposição refere-se também às lutas secundárias, sendo que para estas Mr. Broughton tem licença para ficar na arena para manter a disciplina e auxiliar os dirigentes, não podendo, entretanto, interferir nas lutas. Todo indivíduo que infringir êste regulamento será expulso do local. Assim que os atletas estiverem prontos para iniciar a peleja, todos são obrigados a se retirarem da área.

4. Nenhum homem será considerado vencido desde que volte dentro do prazo estipulado para um dos lados do quadrado central ou que o seu treinador o considere como tal. Os respectivos treinadores não poderão trocar impressões entre si e nem fazer perguntas.

5. Nas lutas secundárias o vencedor terá dois têrços da importância empregada e a partilha será feita perante o público, a não ser que haja um acôrdo prévio sôbre o assunto.

6. Para evitar dúvidas nas lutas principais, os empresários ao se dirigirem para a arena escolherão, dentre os cavalheiros presentes, dois juizes que decidirão sôbre as dúvidas que poderão surgir durante as pelejas. No caso dos ditos juizes não chegarem a um acôrdo, poderão escolher dentre os presentes um terceiro para servir de árbitro.

7. Nenhum lutador poderá agredir o adversário enquanto êste estiver caído, agarrá-lo pelas coxas, calções ou outra qualquer parte abaixo da cintura. O mesmo se dará quando o adversário estiver ajoelhado.

Nada diz o regulamento sôbre *golpes abaixo da cintura*, embora isto não fôsse permitido. Tudo indica que mesmo sem esta recomendação já se fazia uso dos meios justos nas competições. Foi assim que o box se tornou num esporte nacional.

AS PRIMEIRAS LUVAS

Em sua residência em Haymarket Broughton encarregava-se de instruir "homens de qualidade" e foi êle o introdutor das mitenes para proteção das mãos e impedir os golpes violentos no rosto. Assim surgiram as primeiras luvas de box, verdadeiras mitenes, só usadas nas lutas sérias muitos anos depois. Eram alcochoadas de lã e tinham divisões próprias para os polegares e os outros dedos.

Com as luvas Broughton fêz do box o jôgo da moda e da aristocracia. O Duque de Cumberland, famoso na Escócia, patrocinou o box e muito ajudou a Broughton e ao seu anfiteatro, que se tornou o ponto de reunião dos mais altos titulares da aristocracia no país. Broughton com a idade já avançada, complacente e sem treino foi inesperadamente derrotado no campeonato de 1750 por Jack Slack.

A partida foi uma tragédia para o pobre Broughton que era o melhor jogador de box e tão certo da vitória que teve de subornar Slack com dez guinés a mais para garantir a sua presença no campeonato. Nos primeiros minutos o campeão dominou, mas um murro entre os olhos o cegou e em menos de quinze minutos teve que entregar os pontos. "Que tens Broughton? Não sabes mais lutar! Estás derrotado", exclamava o Duque. "Alteza, não consigo ver o meu adversário, estou cego, mas não vencido. Assim que conseguir vê-lo, vou liquidá-lo".

Com esta derrota finalizou-se a primeira fase da história do box. Cumberland, que tinha sofrido enormes prejuizos, declarou que Broughton tinha-se vendido, despediu-o e arranjou que as lutas fôssem consideradas contrárias à lei. Foi, entretanto, aceito um regulamento para um determinando estilo de box com luvas para os treinos, o qual muito contribuiu para a evolução do box e em 1747, o capitão Godfrey mandou publicar o seu "Tratado sôbre a utilidade da Ciência da Defesa", ensinando mais a arte de se usar os próprios punhos do que o box pròpriamente dito.

E' interessante citarmos que Cumberland se compadeceu de Broughton e deu-lhe uma pensão. Êste velho campeão morreu aos oitenta e cinco anos, rico, oficial da Guarda Real e sacristão-mor. Foi enterrado na Abadia de Westminster, local digno para o repouso eterno do criador de um grande esporte.

*NA PRÓXIMA SEMANA*s — "O Box fora da lei e mesmo assim sobrevive. Uma sucessão de "Campeões" não deixou o box morrer até que apareceu Mendoza trilhando o caminho da fama.

A REVISTA Há 50 Anos

(Domingo, 12 de janeiro de 1902)

POR ÊSSE MUNDO

★ *As despesas do Ministério da Guerra e Marinha nos Estados Unidos, para o ano financeiro de 1901 a 1902, foram fixadas em 137.270.757 dólares.*

★ *Por ocasião da Exposição de Búffalo abriu-se naquela cidade americana um hotel de proporções tão vastas, como de certo não há outro no mundo. O edifício ocupa três hectares e meio de terreno e a fachada mede duzentos metros. A sala de jantar conta 120 mesas e dá lugar a 500 pessoas. Eleva-se a dois mil o número de criados, caixeiros e empregados.*

★ *A 13 de novembro findo, completaram-se cinquenta anos da instalação do primeiro cabo submarino do mundo, que foi o de Calais a Dowes.*

★ *Em Savannah, Georgia, Estados Unidos, foi experimentado com feliz sucesso um canhão de ar comprimido, de 16m, 40 de comprimento. O projetil expelido por êsse canhão descreveu uma trajetória de 5.065 metros, podendo nessa distância perfurar as mais resistentes couraças. Oh, ferro! Nunca vi tanto aço!*

CRÔNICA

SENHORAS brasileiras que tendes a paciência de ler estas crônicas semanais: vou dar-vos hoje uma notícia muito do vosso agrado. Não é novinha em fôlha, mas oculta entre as colunas compactas dos telegramas, ou dissimulada entre os meandros do labirinto-noticiário, entre a nomeação do sr. Fulano para o cargo de porteiro de qualquer coisa e a facada recebida pelo sr. Beltrano nas paragens amenas do Morro do Castelo, por certo iludiu a curiosidade-natural ao vosso sexo... e ao meu. Pois estou em crer que ides receber grande alegrão. Desculpai o pleonasmo, que é clássico e arredonda o período. Ninguém mais do que vós, brasileiras, acompanhou apaixonadamente o desenrolar dêsse caso Dreyfus, que durante longos meses manteve numa excitação quase mórbida os nervos do universo civilizado. A causa dêsse grande desgraçado pôs em jôgo a própria causa da Justiça, cujo prestígio, duma majestade, estiveram por um triz a sossobrar na imensa necrópole de tantos outros ideais desfeitos. Essa luta tremenda teve, contudo, uma vantagem, a da seleção, passando por um verdadeiro crivo moral as consciências dos que até se pretendiam diretores espirituais das sociedades cultas do velho mundo.

Ao número das figuras cuja nobreza varonil "l'affaire" evidenciou, pertence o tenente-coronel Picquart, o oficial mais novo da sua patente no exército francês, um dos que mais ràpidamente se haviam imposto à estima e respeito de superiores e inferiores. Era um dêsses vultos astrais com que a França, de quando em quando, se compraz em facinar o mundo: Bayard na maldade, Murat ou Ney na bravura, Hoche na bonhomia, Marceau na beleza. Pois tudo êle sacrificou — honrarias, futuro, glória — em homenagem a essa virtude que muitos chamam quimera e a consciência moral apelida "amor sincero e inquebrantável da Verdade".

Pois aqui temos minhas queridas leitoras a grande notícia da semana: o tenente-coronel Picquart ao serviço de um país latino-americano, ao serviço da República Argentina. Korner e Picquart: um alemão no Chile, um francês na Argentina: não é significativo?

JACQUES BONHOME



Capa da REVISTA de 12-1-1902, alegoria de Amaro.

OS TEATROS

Pelos nossos palcos reina a pasmaceira do costume. Afora o Recreio e o Lucinda, os demais fechados. No primeiro tem continuado a companhia Dias Braga, a exibir seu apreciado repertório tendo, esta semana, levado à cena «O filho de Corália». Está ali em ensaios de apuro o «Quo Vadis?» que subirá à cena por todo êste mês.

No Lucinda continua o sucesso da «troupe» Cinira Polônio que tem boas casas, tendo conseguido com «O Príncipe da Bulgária», grande êxito. Retirando essa peça de cena, ali será apresentada «O deputado das saias», último trabalho do pranteado comediógrafo Moreira Sampaio.

Já chegou a São Paulo e estreou com a opereta «O vendedor de pássaros» a companhia italiana Tomba.

Sucedem-se as estréias de excelentes artistas no Cassino Nacional, o aprazível teatro de verão, que tão concorrido é. O High-Life, o Guarda Velha e o Passeio Público, também primam em reformar constantemente suas «troupes» de variedades, encontrando por isso compensação de parte do público. De regresso da sua «tournée» pelo sul, deve estrear brevemente em um dos nossos teatros-concertos a inteligente artista Jenny Cook.

E... só. — P.

HUMORISMO

Um tipo, ao ver morrer um burro de grande estimação:

— Ah! Se eu fôsse rico, faria um entêrro pomposo ao pobre animal.

— Console-se, amigo, nem tudo é como a gente deseja, e demais, cada um enterra seu pai conforme pode...

REVISTA DA SEMAN

ANO LI ★ N.º 2 ★ 12-1

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JÚNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E

A decana das revistas nacionais. Premiada c
ialha de ouro na Exposição de Turim de 19
Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e
ia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo e

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRI

Porte simples — Um ano ...... Cr$ 2
Seis meses .... Cr$ 1
Registrada — Um ano .... Cr$ 2
Seis meses .... Cr$ 1

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 3
Seis meses .... Cr$ 1

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado
Avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do S
Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a c
"Agência Zambardino", à rua Capitão Salom

Tem Agentes em tôdas as localidades
território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos d
rica do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Stre
York City, N. Y.. Na África Oriental Portugu
Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. E
tugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pe
Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Mo
Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Ar
"Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509,

Tôda correspondência deve ser endereçada
retor. O corpo de colaboradores da REVIS
SEMANA está organizado. Só publicaremos
ração solicitada pela redação. Não dev
originais, mesmo quando não publicados. O
lhos assinados são de responsabilidade dos

Êste número consta de 60 páginas

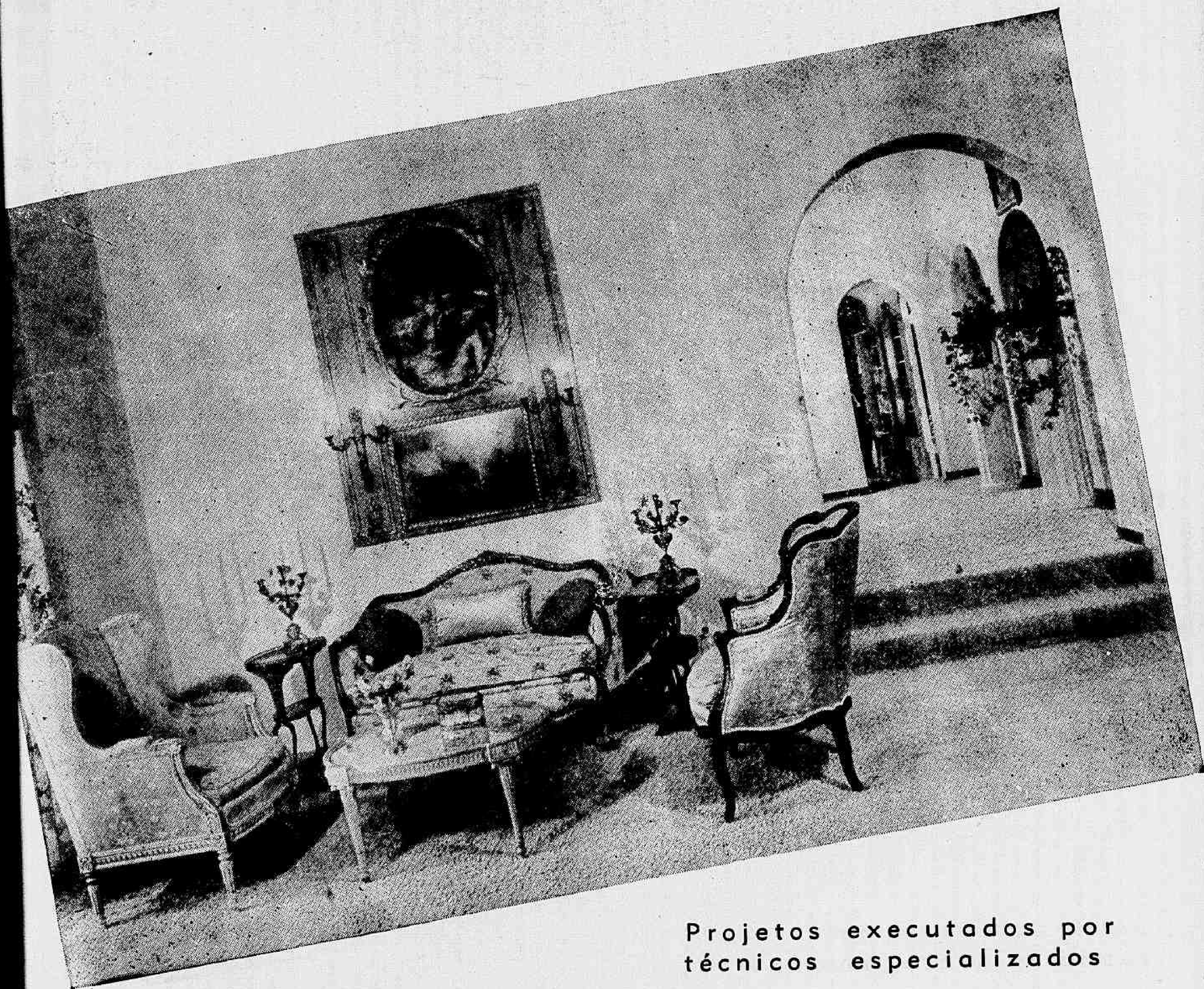
Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMER

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★
22-5602 ★ Gerência: 22-8847 ★ Contabilidade

MÓVEIS E DECORAÇÕES



Projetos executados por técnicos especializados

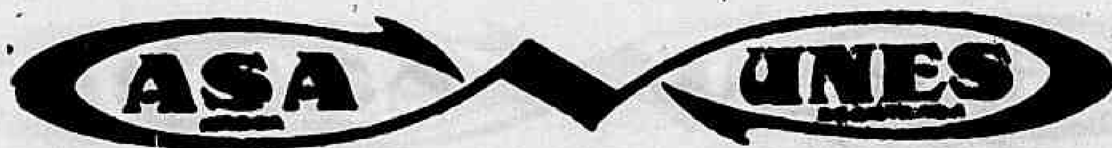
PÊTES FEITOS À MÃO
PÊTES E PASSADEIRAS

rração, em côres lisas e com flores

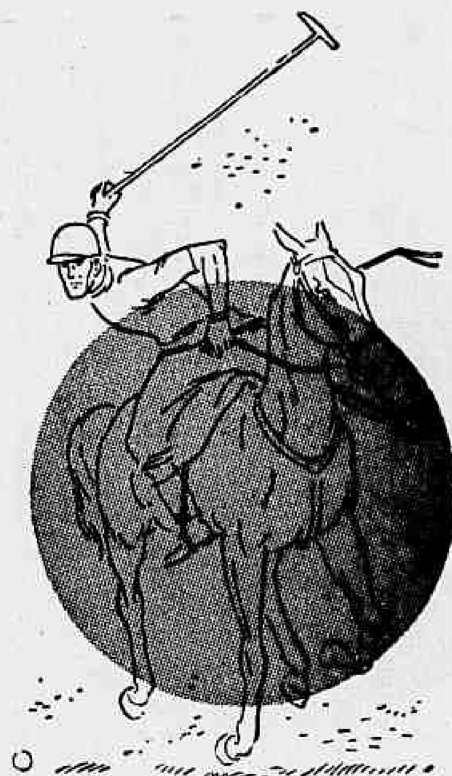


GRUPOS ESTOFADOS

— especialidade de nossas oficinas —



65 rua da CARIOCA 67 — RIO



eleito por você... preferido por milhares!

A consagração de que hoje goza Hollywood é resultado da preferência das pessoas de bom gosto — a sua preferência...



cigarros Hollywood

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ